

Tiago Coimbra Nogueira

**INTÉRPRETES DE LIBRAS-PORTUGUÊS NO CONTEXTO DE  
CONFERÊNCIA: UMA DESCRIÇÃO DO TRABALHO EM  
EQUIPE E AS FORMAS DE APOIO NA CABINE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução.  
Orientadora: Profa. Dra. Audrei Gesser

Florianópolis  
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Nogueira, Tiago Coimbra

Intérpretes de Libras-Português no contexto de conferência: : Uma descrição do trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine / Tiago Coimbra Nogueira ; orientadora, Audrei Gesser - Florianópolis, SC, 2016. 213 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução.

Inclui referências

1. Estudos da Tradução. 2. Interpretação de conferência. 3. Interpretação de Libras-Português. 4. Interpretação em equipe. 5. Competência Tradutória . I. Gesser, Audrei . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução. III. Título.

Tiago Coimbra Nogueira

**INTÉRPRETES DE LIBRAS-PORTUGUÊS NO CONTEXTO DE  
CONFERÊNCIA: UMA DESCRIÇÃO DO TRABALHO EM  
EQUIPE E AS FORMAS DE APOIO NA CABINE**

Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 27 de abril de 2016.

---

Prof.a Dra. Andréia Guerini  
Coordenadora do Programa

**Banca Examinadora:**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Audrei Gesser  
Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Silvana Nicoloso  
Instituto Federal de Santa Catarina

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Silvana Aguiar dos Santos  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Janine Soares de Oliveira  
Universidade Federal de Santa Catarina



Este trabalho é dedicado a Ernando Pinheiro Chaves (in memoriam), por sua amizade e companheirismo na caminhada com a FEBRAPILS. E principalmente por seu legado aos tradutores e intérpretes de Libras/Português do Brasil. Minha formação pessoal e profissional, não teriam sido a mesma sem a sua pessoa.



## AGRADECIMENTOS

A Deus Pai, por seu eterno amor, e por fazer infinitamente mais do que pedi ou pensei, *“Tu somente és Deus, o eterno Senhor, Hoje aqui, sendo os meus dias bons, ou se forem maus, Tu comigo estás...”*<sup>1</sup>

A minha família, Wilson Nogueira de Oliveira Filho e Angela Maria Coimbra Nogueira, pelo incentivo, apoio, compreensão e amor. Por me oferecer mais do que possuíam para que eu pudesse ser quem sou.

A minha *gata*, Malena Alejandro Coimbra Nogueira, porque sem você essa estrada seria bem mais difícil. Obrigado pelo companheirismo e cumplicidade, *“Eres lo que tanto esperaba, lo que en sueños buscaba, y que en ti descubri, eres el amor de mi vida, se que mi lugar, es junto a ti”*.<sup>2</sup>

Á Prof<sup>a</sup> Audrei Gesser, por sua valiosa orientação e por sua generosidade na construção desse estudo. Obrigado por acreditar em mim enquanto orientando, por acreditar na possibilidade de estudo desse tema, por me mostrar que pesquisa na área de humanas não podem ser realizada com máscara, luvas e gorro, que como pesquisador eu precisaria me envolver. Sua orientação foi fundamental em minha formação.

A Prof<sup>a</sup> Silvana Aguiar dos Santos, pelas contribuições na leitura do texto nas bancas de qualificação e defesa e principalmente por sua amizade durante todos esses anos, sua humildade, confiança e incentivo, contribui com minha caminhada profissional. Sou imensamente grato.

A Prof<sup>a</sup> Maria Lúcia Vasconcellos, pelas contribuições na leitura do texto na banca de qualificação, por suas incríveis aulas, por me apresentar as leituras sobre competências, o trabalho do PACTE e da Hurtado Albir. Muito obrigado, você me fez entender que até o óbvio precisa ser dito.

A Prof<sup>a</sup> Janine Oliveira, pelas contribuições na leitura do texto nas bancas de qualificação e defesa, por acompanhar meu crescimento enquanto intérprete e agora como pesquisador, me proporcionando valiosas experiências dentro da Universidade.

A Prof<sup>a</sup>. Silvana Nicoloso pela generosidade e contribuição em ler o trabalho na banca de defesa, foi uma participação muito especial, contribuições valiosas.

Ao Centro de Comunicação e Expressão na pessoa do Prof<sup>o</sup>. Felício Wessling Margotti e a Coordenadoria de Intérpretes de Libras-

---

<sup>1</sup> Versos da canção *Tu somente és Deus*- Pib Curitiba

<sup>2</sup> Versos da canção *Solo para ti*- Banda Camila

Português pela compreensão e autorização de afastamento para formação no último semestre. Muito obrigado.

Aos meus amigos, por compreenderem a minha ausência e minha dedicação nesse momento, o apoio de vocês foi fundamental para eu chegar até aqui. Em especial alguns que ajudaram durante o processo de escrita, refletindo comigo sobre o tema, ouvindo minhas reflexões e desabafos. Muito obrigado! Aline Miguel da Silva, Daniela Almeida Moreira, Marisa B. Santos e Vinicius Nascimento.

Aos participantes desse estudo, que com a autorização, cooperaram para que as descobertas e a escrita dessa dissertação fosse possível. Maitê, Mariana, Marcelo, Jonathan, Sônia e Vinicius. Muito obrigado! Vocês são incríveis.

Aos intérpretes da defesa de dissertação, Maitê Maus da Silva, Daniela Bielecki e Gisele Matos.

A todos que diretamente ou indiretamente cruzaram meu percurso durante a escrita e fizeram com que novas reflexões sobre o tema colaborassem com esse trabalho. Muito obrigado!



Obrigado! Essa é a primeira e a última coisa que dizem os intérpretes na cabine. É o que dizem os conferencistas ao abrirem e fecharem suas apresentações. Se alguma coisa aprendi como interprete foi isso: a gratidão deve proceder e suceder todos os nossos atos

(Magalhães Junior, 2007)



## RESUMO

Este trabalho consiste em abordar questões relacionadas à interpretação em contexto de conferência, exercida por intérpretes de Língua Brasileira de Sinais (doravante Libras) e língua Portuguesa, no sentido de descrever a experiência dos intérpretes que atuam em equipe, e como essa atuação é realizada, seus posicionamentos na mobilização de recursos durante o processo interpretativo. Aborda-se também uma situação ainda atípica no Brasil, em que intérpretes de língua de sinais realizam sua atuação dentro de uma cabine de interpretação simultânea. Propomos uma expansão teórica do modelo do PACTE (2003) e Hurtado Albir (2005; 2011), que define a competência tradutória como composta por cinco subcompetências, com a intenção de aplicar o modelo proposto ao contexto de interpretação e mais especificamente no contexto da interpretação das línguas de sinais. Observamos também o que se diz na literatura sobre competência tradutória, destacando a competência interpessoal apresentada por Kelly (2010). Para a efetivação dessa pesquisa investigamos a partir de alguns questionamentos como: o que ocorre durante a atuação em equipe? Quais formas de apoio ocorrem na interpretação em conferência, desempenhadas em cabine? Quais são as atitudes e percepções dos colegas intérpretes enquanto atuam em equipe? E quais são as competências necessárias nesse tipo de atuação? Esta pesquisa segue os procedimentos metodológicos da abordagem qualitativa, tratando-se de um estudo exploratório-descritivo. Assim, o contexto escolhido para a geração de dados foi o IV Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa, no qual atuou uma equipe formada por seis intérpretes. A análise dos dados nos possibilitou observar as três fases do evento: preparação, o momento de interpretação na cabine e avaliação dos intérpretes sobre o trabalho realizado. Sobre a fase de interpretação, identificamos a ocorrência de sete categorias de apoios dentro da cabine, apresentando a descrição desses apoios, com sua realização e as atitudes dos intérpretes. Os dados sugerem que a relação interpessoal e a comunicação com o outro, além do empenho individual e a confiança no trabalho em grupo, são maneiras de se favorecer produtivamente para que o trabalho em equipe transcorra bem para que haja uma interpretação bem-sucedida.

**Palavras-chave:** interpretação de conferência, interpretação em equipe, competência tradutória, competência interpretativa, cabine de interpretação simultânea, interpretação de Libras-Português.

## ABSTRACT

This work aims to approach questions related to conference interpreting performed by interpreters of Brazilian sign language (hereinafter referred to as *Libras*) and Portuguese language, describing the experience of interpreters who work in groups, how this performance is carried out, the interpreters' positions, and the mobilization of resources during the interpreting process. The work also approaches a situation that is still atypical in Brazil, in which interpreters of sign languages perform inside a simultaneous interpretation cabin. In addition, a theoretical expansion of the PACTE Group (2003) and Hurtado Albir (2005, 2011) model is proposed (such model states that translation competence is composed of five subcompetences), with the purpose of applying the proposed model to the interpretation context and, more specifically, to the context of sign languages interpretation. What is stated in the literature on translation competence has also been observed, highlighting the *interpersonal competence* presented by Kelly (2010). For this research investigation, some questions were made, such as: what happens during team performance?; which forms of support happen during conference interpreting carried out in cabins?; which are the attitudes and perceptions of the interpreters while working in team?; which are the competencies necessary in this kind of performance? This research follows the methodological procedures of the qualitative approach, being an exploratory-descriptive study. Thus, the context chosen for the generation of data was the *IV Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa*, where worked a team of six interpreters. The data analysis made it possible to observe the three phases of the event: the preparation, the moments of cabin interpretation, and the interpreters' evaluation on the work done. On the interpretation phase, seven categories of support were identified inside the cabin. The description of those categories is presented, as well as how support was provided and the interpreters' attitudes towards it. The data suggest that interpersonal relations, communication with each other, individual persistence, and confidence in group work are ways of encouragement for the teamwork to go well and for a well-succeeded interpretation.

**Keywords:** Conference Interpreting; Team Interpreting; Translation Competence; Interpretative Competence; Simultaneous Interpretation Cabin, Interpretation of Libras - Portuguese .

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: A Competência Tradutória (CT) segundo o modelo holístico de PACTE .....	53
Figura 2: Réus e, ao lado, os intérpretes em Nuremberg. ....	72
Figura 3: Intérpretes em Nuremberg .....	72
Figura 4: Modelo do processo independente .....	83
Figura 5: Modelo do processo de monitoração .....	89
Figura 6: Modelo colaborativo interdependente .....	91
Figura 7: Apresentação do ELAN. ....	105
Figura 8: Intérprete consultando o caderno de resumos dentro da cabine. ....	120
Figura 9: Monitoração da interpretação e feedback com a cabeça antes do apoio. ....	129
Figura 10: Apoio de confirmação.....	130
Figura 11: Sinal CORRETO .....	130
Figura 12: Intérprete olha para o apoio e recebe confirmação. ....	130
Figura 13: Apoio de confirmação com sinal. ....	131
Figura 14: Apoio de confirmação.....	132
Figura 15: Apoio de <i>Confirmação</i> .....	132
Figura 16: Vinicius copia o sinal “colonizar” e depois soletra a palavra c-o-l-o-n-i-z-a-r. ....	134
Figura 17: Vinícius olha para o concabino solicitando apoio .....	135
Figura 18: Vinícius inclina o corpo para frente solicitando apoio.....	136
Figura 19: Intérprete do turno demonstra precisar de um esclarecimento e recebe apoio. ....	137
Figura 20: Toque no intérprete do turno.....	139
Figura 21: Combinação para troca de funções. ....	139
Figura 22: Maitê pede um esclarecimento. ....	140
Figura 23: Maitê confirma o apoio recebido. ....	140
Figura 24: Sugestão de interpretação .....	142
Figura 25: Apoio de sugestão de interpretação pelo sinal de “ajudar”	142
Figura 26: Intérprete do turno recebe apoio de complemento.....	145
Figura 27: Jonathan aponta para tela.....	147
Figura 28: Maitê copia o sinal feito pelo palestrante .....	148
Figura 29: Intérpretes copiam o sinal.....	148
Figura 30: Apoio de complemento “pesquisar” .....	148
Figura 31: Sinal utilizado para solicitar apoio .....	154
Figura 32: Sinal utilizado para parar o apoio .....	155
Figura 33: Olhares.....	155
Figura 34: Toques.....	156

Figura 35: Aviso por gestos .....	156
Figura 36: Intérprete do turno solicita esclarecimento e recebe resposta copiando o sinal .....	159

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Tradutores e Intérpretes.....	37
Quadro 2: Atuação dos ILS.....	40
Quadro 3: Diferenças nas áreas de atuação.....	40
Quadro 4: Diferenças entre ILO e ILS.....	42
Quadro 5: Resumo das subcompetencias do modelo de CT do PACTE (grifo nosso).....	54
Quadro 6: Modalidades consecutivas e simultâneas de tradução oral e gêneros característicos.....	59
Quadro 7: Estratégias para uma interpretação em equipe efetiva.....	88
Quadro 8: Perfis dos intérpretes participantes da pesquisa.....	102
Quadro 9: Trilha e atributos da trilha.....	106
Quadro 10: Organização da cabine para captura dos vídeos.....	108
Quadro 11: Segunda organização da cabine para captura dos vídeos.....	109
Quadro 12: Vídeos e equipe de intérpretes na cabine.....	110
Quadro 13: Questões semiestruturadas para a entrevista retrospectiva.....	110
Quadro 14: Entrevistados e tempo das entrevistas retrospectivas.....	111
Quadro 15 : Categorias de apoio observadas no contexto investigado	150



## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1: Categorias de apoio e recorrência no Congresso Tilsp 2014.....	125
Gráfico 2: Tipos de produção do apoio e ocorrências no Congresso Tilsp 2014.....	126
Gráfico 3: Formas linguísticas de apoio no Congresso Tilsp .....	162

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>23</b>
1.1 JUSTIFICATIVA .....	29
1.2 OS OBJETIVOS .....	31
<b>2 O INTÉRPRETE E SUAS ATUAÇÕES: SITUANDO O CAMPO PROFISSIONAL .....</b>	<b>33</b>
2.1 INTÉRPRETES DE LÍNGUAS ORAIS E INTÉRPRETES DE LÍNGUAS DE SINAIS .....	38
2.2 O CONCEITO DE <i>COMPETÊNCIA TRADUTÓRIA</i> .....	49
2.3 DA <i>COMPETÊNCIA TRADUTÓRIA</i> À <i>COMPETÊNCIA INTERPRETATIVA: EXPANDINDO MODELOS</i> .....	56
<b>3 A INTERPRETAÇÃO EM CONTEXTOS DE CONFERÊNCIA .....</b>	<b>65</b>
3.1 UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A INTERPRETAÇÃO DE CONFERÊNCIA.....	66
3.2 PROCEDIMENTOS E CARACTERÍSTICAS DA INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA .....	78
3.3 O TRABALHO DE INTERPRETAÇÃO EM EQUIPE.....	81
<b>4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E DESENHO DA PESQUISA .....</b>	<b>97</b>
4.1 REFLEXÕES SOBRE OS CAMINHOS METODOLÓGICOS .	97
4.2 O CONTEXTO DA GERAÇÃO DOS DADOS E OS PARTICIPANTES DA PESQUISA. ....	99
4.3 O <i>SOFTWARE</i> EUDICO LANGUAGE ANNOTATOR (ELAN) .....	103
4.4 GERAÇÃO DE DADOS: ASPECTOS TÉCNICOS DA FILMAGEM E ENTREVISTAS RETROSPECTIVAS.....	107
<b>5 DESCRIÇÃO DO PROCESSO DE INTERPRETAÇÃO EM EQUIPE NA CABINE.....</b>	<b>113</b>
5.1 PREPARAÇÃO PARA O TRABALHO INTERPRETATIVO	113
5.2 A INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS–PORTUGUÊS NA CABINE E AS FORMAS DE APOIO.....	123
<b>5.2.1 Atitude e estratégias dos participantes no papel de intérprete de turno .....</b>	<b>152</b>
5.3 EXPERIÊNCIA E AVALIAÇÃO SOBRE O TRABALHO EM EQUIPE REALIZADO PELOS PARTICIPANTES .....	163
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>181</b>

<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>186</b>
<b>ANEXO A – DESCRIÇÃO.....</b>	<b>197</b>



## 1 INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema da pesquisa inicia-se a partir das minhas experiências, na caminhada enquanto intérprete de Libras–Português. A primeira delas foi em 2008, quando fui convidado para trabalhar como bolsista no curso de Letras/Libras, atuando em diferentes contextos no espaço da Universidade Federal de Santa Catarina (doravante UFSC). No contexto da universidade, tive a oportunidade de ser acompanhado por outros intérpretes no momento da interpretação, visto que a política de atuação dos intérpretes na instituição era de priorizar o trabalho em equipe. Nesse caso, nenhuma atividade interpretativa com mais de uma hora de duração era realizada por apenas um intérprete.

Esse procedimento adotado pela UFSC, instituição que se destaca em políticas e pesquisas relacionadas à comunidade surda, se distingue de muitas outras instituições. Atualmente, a realidade encontrada é de apenas um profissional atuando durante horas na interpretação, fato observado e vivido por mim e alguns colegas quando atuávamos no ensino superior de uma instituição no interior de Santa Catarina. Porém, ao iniciar as atividades enquanto bolsista do curso de Letras/Libras, deparei-me com uma situação em equipe que nunca havia vivenciado, e que de imediato foi um grande desafio. Isso porque na instituição anterior, quando eu atuava em salas de aulas, laboratórios, auditórios, era esperada minha atuação interpretativa das 19h às 22h30m. Era eu quem precisava dominar o conteúdo na língua de sinais e, considerando todo esse contexto, de certo modo, o aluno surdo dependia exclusivamente da minha interpretação para ter acesso ao conteúdo e, conseqüentemente, realizar as atividades propostas pelo professor. Nos momentos de participação dos alunos em sala, inevitavelmente, era eu o único responsável pela interpretação para o Português, e caso não compreendesse a sinalização, a ideia exata trazida pelo aluno, não poderia recorrer a mais nenhum outro intérprete para apoiar meu trabalho interpretativo.

Raríssimos foram os momentos em que tínhamos algum colega atuando diretamente conosco em sala. Isso acontecia, por exemplo, quando um aluno surdo que acompanhávamos e seus colegas ouvintes tinham sua aula cancelada, então éramos orientados a nos dirigir a outra sala para estar com um outro colega intérprete. Nesse momento, o que fazíamos era marcar o tempo e trocarmos a interpretação de 20 em 20 minutos. Assim, ao menos, podíamos “descansar” (e era exatamente essa a postura, de total despreocupação). Não havia uma atitude reflexiva e atenta para com a interpretação que o colega estava realizando. Em alguns casos, quando tentava auxiliar o colega com um sinal que talvez não fosse

do seu conhecimento, ele geralmente se atrapalhava e, ao final solicitava que não fizesse mais contribuições.

Na UFSC, tínhamos momentos para estudo prévio à interpretação, quando recebíamos o material, sentávamos com os outros intérpretes da atuação e realizávamos combinações e afinávamos algumas escolhas que seriam utilizadas. Esse momento prévio, igualmente como o momento da atuação, era algo novo, pois nas minhas experiências anteriores raramente isso acontecia, uma vez que dificilmente o material era recebido com antecedência e, muitas vezes, não tínhamos carga horária para realizar esse momento de combinação e estudo coletivo.

Assim, na UFSC, o desafio de não estar mais sozinho e poder contar com mais um colega, que não apenas trocava o turno da interpretação comigo, mas, estudava o material antecipadamente, contribuía no momento em que eu atuava, fazendo correções, dando apoio, sugerindo estratégias e termos na minha atuação com a finalidade de enriquecer a interpretação, esperando de mim uma postura atenta em ambas as posições — figurava-se como algo novo a ser desenvolvido e apropriado por mim.

Portanto, eu não estava mais sozinho, eu tinha, em linguagem popular, “com quem contar”. Sem ainda entender muito como acontecia todo esse processo, mas com as atuações diárias e com a oportunidade de acompanhar intérpretes bem mais experientes do que eu, comecei a aprender e entender a importância dessa dinâmica e as vantagens de ter mais colegas, pensando no mesmo momento sobre o processo de uma interpretação.

Em meados de 2011, enquanto parte do corpo discente do curso de bacharelado em Letras/Libras, tive a oportunidade de realizar o estágio e esse momento instigou meu interesse e curiosidade sobre o tema de apoio e equipe de intérpretes. Na ocasião, a proposta do estágio era que a atuação dos intérpretes acontecesse em trios, quando cada intérprete teria uma função pré-determinada, e que durante o período de estágio essas funções deveriam ir se alternando. Portanto, tínhamos o “intérprete atuante”, o “intérprete de apoio” e o “observador” — nomenclaturas utilizadas durante a formação no estágio.<sup>3</sup> O primeiro era o responsável

---

<sup>3</sup> Embora essa distinção de papéis fosse aparentemente interessante e produtiva, proposta pelos orientadores de estágio, uma questão importante a ser considerada é que essa proposta de atuação em equipe (trios) não foi um tema explorado durante o tempo de formação nas disciplinas do curso. O que foi disponibilizado para os alunos compreenderem a proposta foi somente um roteiro que apresentava algumas características dessa atuação, de modo que

pela interpretação do turno, o segundo apoiava o trabalho, e o “observador” olhava o trabalho e preenchia um formulário, proposto pelos professores da disciplina sobre o desempenho dos colegas.

Nessa oportunidade refleti sobre a questão em parceria com a colega Aline Miguel da Silva. Nessa parceria registramos algumas considerações acerca da interpretação com a presença de intérprete de apoio que foi apresentada no Congresso TILS e registrada nos anais do evento. Essa reflexão inicial (Silva e Nogueira, 2012) mostrou-se consistente e relevante na análise dos dados gerados na investigação atual e será detalhada no capítulo 5.

Além dessa experiência durante minha formação no Letras/Libras, no ano de 2013, tive a oportunidade de coordenar a equipe de intérpretes do II Encontro Latino-Americano de Tradutores Intérpretes e Guiaintérpretes (ELATILS) que aconteceu na cidade do Rio de Janeiro, entre os dias 17 a 21 de julho de 2015. Nesse congresso, contamos com uma equipe formada por 22 intérpretes (ouvintes e surdos), que realizaram a interpretação para Libras, Português, Espanhol, além do uso de Sinais Internacionais (doravante SI).<sup>4</sup> Enquanto coordenador, observei a atuação de intérpretes com anos de experiência, mas com grandes dificuldades em trabalhar em equipe. Em determinados momentos estavam dispersos, ou conversando com outra pessoa, também tinham dificuldades em oferecer um sinal de apoio ou utilizá-lo para “costurá-lo” na interpretação. Muitos relataram que atuaram por muitos anos em trabalhos individuais e que quando trabalham com outro colega, em equipe, a atuação limita-se ao revezamento do tempo de interpretação, ou seja, apenas na troca de turno, exatamente da forma que eu compreendia o revezamento, conforme exposto anteriormente.

---

alguns colegas tiveram algumas vezes dificuldades com essa proposta e questionaram a atuação em equipe, já que essa não é uma prática comum em suas instituições de origem. No anexo deste trabalho, consta a ficha encaminhada para os alunos com orientações de como as observações do intérprete de apoio deviam ser realizadas.

<sup>4</sup> De acordo com Mesch (2010) a experiência do uso dos SI tem demonstrado que as características gramaticais são altamente complexas e compartilham do uso de mesmas estruturas que as línguas de sinais naturais. Na Wikipédia, encontramos a seguinte definição para SI: “É considerada uma espécie de pidgin, uma linguagem gestual, uma língua auxiliar internacional, por vezes, usada em encontros internacionais. Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/International\\_Sign](http://en.wikipedia.org/wiki/International_Sign)>. Acesso em: outubro de 2015.

Essas andanças e observações fomentavam e confirmavam que o trabalho de interpretação em equipe ainda era uma prática pouco ou nada explorada nas ações de grande parte dos profissionais, bem como raramente discutidas teoricamente no âmbito da literatura nacional.

Um fato mais recente, que provocou ainda mais meu desejo pela temática, ocorreu com essa pesquisa já em andamento. Durante a atuação com uma colega em uma reunião de professores, senti quase em frente à minha colega que naquele momento interpretava da língua portuguesa para Libras, e como o enunciador do discurso estava lendo o que continha na projeção do *PowerPoint*, havia dificuldades de compreensão por parte de minha colega intérprete, que estava de costas para a projeção. Nesse momento, ao perceber o desafio por conta da configuração física dos participantes e do espaço, comecei a olhar as informações contidas no *PowerPoint* e contribuir com a interpretação. Para minha surpresa, uma professora surda que estava sentada ao meu lado pediu a palavra na reunião e solicitou a troca dos intérpretes, pois considerou que estávamos os dois interpretando, passando-me a ideia de que tal ação fosse inadequada. Para evitar outros constrangimentos, optamos no momento por realizar a troca entre os intérpretes.

Inicialmente não compreendi o que realmente estava acontecendo, somente após o término da reunião, conversando com a colega que estava trabalhando comigo, pude entender o que de fato aconteceu: a professora que solicitou a troca não compreendeu a minha função naquele momento, provavelmente ela presumiu que eu estava apenas realizando a interpretação para que a colega copiasse os sinais, não compreendendo que estávamos naquele momento atuando, de fato, em equipe, e que qualquer interpretação pode contar com isso.

Os momentos descritos brevemente acima, em primeira pessoa do singular, ensaiam o ponto de partida, em observar as questões envolvidas no trabalho de interpretação em equipe de intérpretes de Libras–Português, as necessidades de uma melhor compreensão de como ocorre de fato esse trabalho pelos profissionais e usuários do serviço, e quais são as questões intrínsecas ou os desafios dessa atuação.

Nesse sentido, propomos nesta pesquisa uma reflexão sobre o cenário da interpretação de Libras- Português no contexto de conferência, focando na atuação e nas percepções dos participantes deste estudo durante a interpretação em equipe. Outro aspecto que também será abordado neste trabalho, será a interpretação da Libras para a língua portuguesa na cabine de interpretação simultânea. Uma nova realidade para os intérpretes de língua de sinais, que normalmente realizam a interpretação de forma visível no auditório junto ao público.



Não havíamos projetado inicialmente essa situação de interpretação simultânea em cabine. Em termos de ambientação, essa nada mais é que um local à prova de som, com um equipamento de recepção e transmissão de som, com fones de ouvido e microfones. No caso da realização da interpretação de uma língua de sinais, foi preciso incluir no cenário um monitor de LED, que transmite a imagem do orador no palco com uma maior proximidade, para que a interpretação seja então realizada com a melhor nitidez visual da língua-fonte aos olhos dos intérpretes.

Fomos surpreendidos quando a coordenação geral do evento (campo escolhido para geração de dados dessa investigação) optou, pela primeira vez no Brasil, em realizar a interpretação da Libras para o Português, em cabine, o que não havíamos previsto, como dito inicialmente. Para o campo da interpretação de língua de sinais, o uso de cabines é uma novidade, mas é comum e recorrente em grandes eventos de conferência cujos intérpretes atuam com pares linguísticos em línguas orais. Essa grata surpresa nos permitiu redefinir o contexto de investigação, no sentido de registrar essa primeira experiência, desvendando e detalhando as características dessa atuação em equipe desempenhada em cabine.

Conforme o dicionário Aurélio *Online*<sup>5</sup>, temos a seguinte definição para a entrada “equipe”: “Grupo de pessoas reunidas para uma mesma tarefa ou ação e um grupo de pessoas que praticam a mesma modalidade esportiva e entram juntas numa competição”.

O que nos interessa é a primeira definição, uma vez que, de forma geral, entendemos que uma equipe de interpretação se refere a situações em que dois ou mais intérpretes estão trabalhando juntos com o objetivo de realizar uma interpretação, no qual um intérprete apoia o outro. Silva (2013) define o trabalho em equipe do seguinte modo:

O trabalho de interpretação em duplas consiste em um trabalho de equipe onde um intérprete apoia quando necessário. Enquanto um dos profissionais realiza a interpretação o outro, no papel de apoio, continua atento ao discurso proferido e ao colega, apoiando-o caso tenha dúvidas em relação à interpretação de algum termo por não conhecê-lo ou por não tê-lo ouvido de forma correta, por exemplo. (SILVA, 2013 p. 78)

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/equipe>> acesso em outubro 2015.

Como princípio para um trabalho em equipe, é importante existir conversas, pactuar questões sobre o trabalho, sobre a experiência de cada um, explicitar os conhecimentos linguísticos e culturais que podem ser muito diferentes em cada sujeito envolvido. Dessa forma, muitas são as indagações feitas em relação ao trabalho pesquisado: os intérpretes estão preparados e envolvem-se no processo de interpretação em equipe? Se sim, o que esperam dessa atuação? Quais são as atitudes dos colegas intérpretes atuando em equipe? Porque as atuações em equipe em alguns momentos se limitam apenas na troca do turno de interpretação? Esses são alguns dos questionamentos que evocam quando refletimos sobre o assunto.

Ao realizar uma busca sobre a literatura específica que aborde do assunto, percebemos que se trata de um campo ainda pouco explorado, pois são escassos os trabalhos que abordam equipe de intérpretes; há menos ainda estudos que investiguem equipes de intérpretes que trabalham com o par linguístico Libras–Português. Para a realização dessa pesquisa, considero o estudo já realizado de Patricia Brück de 2011, intitulado *Austrian Perspectives of Team Interpreting: The Views of Deaf University Students and their Sign Language Interpreters*<sup>6</sup> que nos fornece uma ideia de algumas experiências de interpretação em equipe no contexto da Língua de Sinais Austríaca. Não buscaremos replicar a pesquisa realizada, mas sim, utilizá-la como ponto de partida, especialmente, no tocante aos questionamentos e indagações da autora para iniciarmos uma compreensão, e assim nos debruçarmos sobre o tema proposto no contexto brasileiro.

Outro trabalho fundamental para o assunto que abordamos, e que tem contribuído internacionalmente para uma política em relação ao trabalho de equipe é a obra de Jack Hoza, *Team Interpreting: as collaboration and interdependence*,<sup>7</sup> publicado em 2010. O livro aborda os resultados de dois estudos sobre a interpretação em equipe, apresentando maneiras de enquadrar as equipes de interpretação de forma mais eficaz, ao se compreender que a atuação ocorre, antes, durante e depois de uma seção de interpretação.

Também, a fim de situar essa pesquisa, informamos que esse estudo se caracteriza por estar localizado dentro do campo dos Estudos da

---

<sup>6</sup> Tradução nossa: Perspectivas austríacas da equipe de interpretação: As opiniões de surdos acadêmicos sobre intérpretes de língua de sinais.

<sup>7</sup> Tradução nossa: Equipe de Interpretação: Atuação colaborativa e interdependente.

Interpretação. Conforme Pöchhacker (2009), os Estudos da Interpretação surgem conjuntamente aos Estudos da Tradução, no segundo período do século XX, porém seu reconhecimento só aconteceu no final do século, em meados da década de 1990. Esse estudo também se caracteriza por ser orientado ao processo e por se tratar da interpretação simultânea de uma língua de sinais.

## 1.1 JUSTIFICATIVA

A tarefa de interpretar, além de ser uma prática desafiadora, é ao mesmo tempo fascinante. Os desafios da interpretação quanto mais pesquisados, mais fazem com que seus profissionais fiquem conscientes de sua atuação e conseqüentemente mais seguros. Um dos desdobramentos dessa pesquisa visa contribuir diretamente no processo de formação de intérpretes, visto que a proposta é analisar as especificidades do processo de interpretação em equipe nas suas diversas facetas, observando os fatores situacionais, que mapeados podem contribuir para que as estratégias de interpretação em equipe sejam trabalhadas em momentos de formação.

Também se torna importante estudarmos esse tema, considerando que a interpretação com apoio contribui na qualidade da interpretação, já que são dois ou mais profissionais atuando, empenhados, focados e com atenção total para realizar essa prática, diminuindo o cansaço físico e a fadiga mental, portanto, aumentando e qualificando o desempenho.

Uma das justificativas que temos para embasar a atuação em equipe, encontra-se na normativa *NR17–Ergonomia*, que visa regulamentar e estabelecer parâmetros que permitam a adaptação das condições de trabalho às características psicofisiológicas dos trabalhadores, de modo a proporcionar um máximo de conforto, segurança e desempenho eficiente. Ela informa que devem ser incluídas pausas, “nas atividades que exijam sobrecarga muscular estática ou dinâmica do pescoço, ombros, dorso e membros superiores e inferiores, e a partir da análise ergonômica do trabalho” (nº 17.6.3). Esse intervalo ocorre quando os intérpretes atuam em equipe e realizam o revezamento na produção da interpretação a cada 20 minutos. Porém essa não é uma normativa específica para o trabalho de intérpretes, ainda carecemos de normas técnicas e pareceres de profissionais da área da saúde, que podem contribuir no nível profissional.

Lamentavelmente, a falta de compreensão, conhecimento e de reconhecimento legal dos contratantes da importância da condição do

trabalho em equipe pode acarretar problemas de ordem física ou até mesmo a perda na qualidade do serviço; assim, esta pesquisa também pretende contribuir nesse sentido, ao apresentar as características dessa atuação.

Ao escolhermos o contexto de conferência como campo de estudo, consideramos que esse cenário é um espaço que se tem aberto cada vez mais para a presença de intérpretes de Libras–Português, devido principalmente ao empoderamento e presença das pessoas surdas em espaços políticos, sociais e acadêmicos. Nessa direção, Barbosa (2014) afirma:

Entre estes espaços alcançados, o contexto de conferência é o que tem se destacado, pelo fato de as pessoas surdas terem a oportunidade de dialogar com outras instâncias sociais sobre questões que dizem respeito à própria Comunidade Surda. Este diálogo começou a se tornar possível em conferências sobre a educação, direitos humanos, direitos linguísticos, entre outros, nas quais há algumas décadas a presença do ILS nem sempre existia. A partir da obrigatoriedade respaldada pelo Decreto 5.626, que garante o acesso das pessoas surdas a diferentes âmbitos sociais, os profissionais começaram a ser contratados para esse tipo de trabalho, a Interpretação de Conferência. (BARBOSA, 2014, p. 66)

Por essas razões, entendemos ser necessário observar o contexto de conferência e investigar as atuações dos intérpretes de Libras–Português. Certamente, as reflexões elaboradas e os aspectos descritos durante a pesquisa poderão contribuir para a formação de novos intérpretes. Atualmente, diversos cursos de formação de intérpretes de Libras–Português estão surgindo, como o bacharelado em Letras/Libras, que em seu currículo prevê uma formação para tradutores e intérpretes. Além da graduação, é possível encontrar cursos em nível de pós-graduação *lato sensu* em diversas instituições. Desse modo, entendemos que essa investigação poderá fomentar uma discussão sobre a interpretação em equipe, durante a formação dos intérpretes de línguas de sinais–Português, hoje, muitas vezes negligenciado na graduação desses profissionais.

## 1.2 OS OBJETIVOS

O objetivo da presente pesquisa é realizar um estudo descritivo no contexto de conferências exercido por intérpretes de Libras-Português. Há três finalidades principais: (a) levantar as narrativas de experiência dos intérpretes que possuem, em sua prática a atuação em equipe; (b) observar quais são as atitudes e percepções dos colegas intérpretes no momento da atuação em equipe; (c) descrever situação de interpretação ainda rara no Brasil para os intérpretes de língua de sinais, que é a interpretação realizada em cabine. Para alcançar esses objetivos, as perguntas que direcionam a pesquisa são: 1) O que ocorre durante a atuação em equipe?; 2) quais formas de apoio ocorrem na interpretação em conferência, desempenhadas em cabine?; 3) quais são as atitudes e percepções dos colegas intérpretes enquanto atuam em equipe?; e 4) quais são as competências necessárias nesse tipo de atuação?

Essas são algumas das questões de pesquisa que serão investigadas, a fim de entender esse cenário de atuação e, com isso, estimular uma reflexão sobre a preparação e formação para o trabalho em equipe, sugerindo recomendações para refinar esses dois aspectos em contextos de conferência e/ou em outros espaços que exigem o exercício dessa coletiva.

Para esta investigação, escolhemos realizar a geração de dados na quarta edição do Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa (também conhecido como “Congresso Tilsp”), ocorrido no período de 12 a 14 de novembro de 2014. O congresso reuniu pesquisadores e profissionais da área de tradução e interpretação de Libras e Língua Portuguesa em Florianópolis, Santa Catarina. O tema central do evento foi a “Intermodalidade nas pesquisas sobre tradução e interpretação das línguas de sinais e línguas faladas”, cujo objetivo maior era discutir os efeitos de modalidades nos processos da tradução e interpretação de línguas de modalidades diferentes e os impactos nas discussões teóricas e aplicadas do campo dos Estudos da Tradução. O evento se debruçou sobre essas questões para compreender ainda mais sobre as formas de contribuir para o desenvolvimento efetivo do campo. Além disso, o congresso objetivou afirmar as pesquisas em tradução e interpretação da Libras no campo dos Estudos da tradução e interpretação, inovando com a atividade de interpretação em cabine.

Para alcançar os objetivos desta pesquisa, temos como quadro metodológico uma abordagem qualitativa, de natureza exploratório-descritiva. Afinal, essa pesquisa tem o intuito de descrever um processo de interpretação específico, investigando os conhecimentos, habilidades

e atitudes necessárias para atuação nesse processo colaborativo de interpretação. Em suma, buscaremos descrever para uma melhor compreensão do processo de interpretação da Libras para a língua portuguesa, desempenhada por um trabalho em equipe dentro de uma cabine de interpretação simultânea.

Quanto à estrutura do nosso trabalho, essa dissertação está organizada em seis capítulos. No Capítulo 1 “Introdução”; situaremos os motivos da pesquisa, em suas subseções apresentaremos a delimitação do objeto e as perguntas que norteiam nosso estudo, a justificativa e os objetivos.

Os Capítulos 2 e 3, são de natureza conceitual e são nomeados “O intérprete e suas atuações: situando o campo profissional” e “A interpretação em contextos de conferência” neles, apresentamos e discutimos os assuntos que permeiam essa dissertação, apresentando os intérpretes das línguas orais, os intérpretes de línguas de sinais o conceito de competência tradutória e a expansão do modelo de competência apresentado pelo PACTE para o contexto da interpretação. Ainda, discutimos sobre a interpretação de conferência apresentando um breve histórico, e falamos ainda sobre os procedimentos e características da interpretação, dando destaque para o trabalho de interpretação em equipe.

O Capítulo 4, “Procedimentos metodológicos e desenho da pesquisa”, descrevemos os caminhos percorridos, apontando o contexto da geração dos dados, os participantes, o *software* escolhido para auxiliar na análise, além, dos outros aspectos técnicos na geração dos dados.

O próximo, o Capítulo 5, nomeado, “Descrição do processo de interpretação em equipe na cabine” é subdividido em três sessões que tratam sobre a descrição da atuação em equipe na cabine, contendo a categorização e análise dos dados. Para finalizar, trazemos o Capítulo 6 “Considerações finais” sobre os resultados, e as possíveis contribuições desse trabalho.

Vale ressaltar que, grande parte das citações em língua estrangeira presentes na dissertação são apresentadas através de traduções para o Português, realizadas por nós, as que foram realizadas por outros autores, estão com as devidas referências em nota de rodapé.

## 2 O INTÉRPRETE E SUAS ATUAÇÕES: SITUANDO O CAMPO PROFISSIONAL

Esta pesquisa trata especificamente do intérprete, logo é importante primeiramente entendermos quem ele é e o que de fato ele faz. Parece fácil, à primeira vista, responder o que verdadeiramente envolve a atuação de um intérprete. Roderick Jones na publicação do artigo “Conference interpreting explained<sup>8</sup>”, publicado pela Saint Jerome descreve a seguinte situação:

Imaginemos duas pessoas sentadas em uma sala. Eles podem ser políticos, empresários, sindicalistas ou cientistas. Eles desejam discutir sobre um trabalho, mas falam línguas diferentes, e não conhecem na língua do outro o suficiente para que pudessem ter uma discussão útil. Eles então chamam outra pessoa que conhece as duas línguas, para que explique o que cada um está dizendo. De forma simplória essa pessoa convidada é um intérprete. (JONES, 2002, p. 3)

A cena descrita acima nos permite compreender, ainda que de forma superficial, a função do intérprete. Jones (2002) ilustra seu pensamento com esse cenário para apresentar uma ideia inicial da função de um intérprete. Ele afirma que o exemplo citado, mesmo que simplório, representa a essência do trabalho do intérprete, que seria a de “traduzir de imediato oralmente” seja em uma pequena sala de reunião com duas pessoas e duas línguas diferentes ou em uma grande sala de conferência com centenas de participantes e múltiplas línguas.

É difícil mensurar em que momento histórico exatamente os intérpretes começaram a atuar, mas, segundo Pereira (2008, p. 31), é plausível imaginar que, “desde que povos de diferentes línguas mantiveram contato, houve, também, a necessidade de intérpretes”. Compartilhando do pensamento de Pereira (op. cit.) sabemos que são os intérpretes que permitem o acesso ao pensamento e o acesso às ideias entre pessoas que não compartilham a mesma língua, e nessa direção, Vasconcellos (2010, p. 123) afirma que

---

<sup>8</sup> Tradução nossa: Explicação sobre interpretação de conferência

[a]s atividades de tradução e interpretação sempre foram exercidas por indivíduos na função de mediadores em interações em que a barreira linguística impediria a comunicação, seja de textos escritos ou textos orais, no contexto de uma prática oficiosa. Com o passar do tempo, esses tradutores e/ou intérpretes se transformaram no profissional “tradutor/intérprete” e as artes da tradução/interpretação foram, lentamente, consolidando-se como um conjunto de competências passíveis de ensino/aprendizagem, passando a constituir o ramo aplicado do campo disciplinar hoje conhecido como *Estudos da Tradução*.

Assim, percebemos que a atividade de tradução e interpretação tem como demanda inicial a barreira linguística entre os indivíduos, e que esse ofício traz contribuições significativas para o desenvolvimento e crescimento de muitas sociedades. Grande parte do conhecimento produzido é disseminado por meio da atividade dos tradutores e dos intérpretes e é devido a esse trabalho que se torna possível o acesso a publicações em língua estrangeira ou a produções cinematográficas por meio das legendadas ou dublagem, notícias e acontecimentos do mundo, e até mesmo a possibilidade da presença de conferencistas de nacionalidades distintas em um mesmo evento. Esse acesso só é garantido pelo trabalho dos profissionais tradutores e intérpretes (PEREIRA, 2008).

Vasconcellos (2010, p. 123) se apoiando no que foi dito por Guerini e Costa (2008), afirma que “[n]o Brasil calcula-se que a tradução interlingual<sup>9</sup> representa cerca de 60 a 80% dos textos publicados e que 75% do saber científico e tecnológico provém das traduções, alimentando vários setores da vida nacional”. A autora afirma ainda que esse fator remonta à própria história do país, pois, sem a tradução certamente muitos setores não funcionariam, como por exemplo, setores de produção de softwares, medicamentos, automobilísticos entre outros.

Refletindo acerca dessas atividades realizadas pelos tradutores e intérpretes, percebemos que a barreira linguística é uma das principais motivações para a necessidade de intérpretes. Mas o papel desse profissional certamente vai além, envolve questões culturais, sociais, conhecimentos gerais e concepções que também perpassam essa relação

---

<sup>9</sup> Tradução que ocorre de uma língua para a outra língua, ou seja, entre línguas distintas.



comunicativa e exigindo que o intérprete também agregue esses aspectos durante o ato interpretativo.

Para Jones (2002, p. 3), “a tarefa dos intérpretes é inculcar significados em um texto para o público-alvo, e se necessário (e se possível), fornecendo as explicações, ou mesmo alterando as referências do falante original, desde que transmita para o público o sentido que o falante quis dizer”. Dizer que o intérprete deve transmitir o sentido não significa dizer que o intérprete poderá repassar a mensagem de qualquer maneira ou pensando no que apenas lhe convém. Entretanto, é necessário que no momento da interpretação possa compreender e avaliar quais são as adaptações necessárias ao transferir um texto de uma língua para a outra, levando em consideração todos os elementos pontuados acima.

Importante destacar que estamos falando sobre o conceito de interpretação, diferenciando assim do conceito de tradução. Leite (2004, p. 44) afirma que “historicamente, a tradução e a interpretação têm sido tratadas como atividades correspondentes”, mas no campo dos Estudos da Tradução e da Interpretação é possível e necessário diferenciá-las. Vejamos abaixo quais são as concepções encontradas na literatura a respeito dessa diferenciação.

Para alguns autores como Seleskovitch (2001), Rodriguez e Burgos (2001), Pagura (2003) e Pereira (2008), a diferença fundamental entre a interpretação e a tradução tem relação com o meio e o canal utilizado. A tradução estaria relacionada à conversão de um texto escrito na língua de partida (doravante LP) para outro texto escrito na língua de chegada (doravante LC), enquanto isso a interpretação converte a mensagem produzida de forma oral na LP em outra mensagem oral na LC. (SELESKOVITCH, 2001).

No entanto, esclarecidos pelas ponderações de Seleskovitch (2001), compreendemos que essa diferença vai além desse fato tão simples. Na tradução, o texto escrito se torna estático e permanente, na sua forma durante o tempo. A tradução se torna limitada e restrita como o texto original, e apesar de uma sinalização para uma mudança, ainda é possível afirmar que, muitas vezes, para um público em geral, o tradutor não é conhecido, ou ainda pensa-se que se está lendo o texto original. Na interpretação, por outro lado essa situação se torna diferente. O intérprete está presente, interpretando a mensagem entre o orador e o receptor, ou seja, o intérprete está envolvido no diálogo, as suas palavras são dirigidas a um destinatário direto e busca provocar uma reação em uma velocidade muito maior do que o tradutor; assim, a função do intérprete é de maior visibilidade.

Pöchhacker (2004), ao relatar sobre a interpretação, afirma que o fator que a diferencia de outras formas de tradução é o “imediatismo”, pois o processo cognitivo de recebimento da mensagem e a produção da mensagem interpretada acontece num período muito curto de tempo e o texto é produzido apenas uma vez, com pressão do tempo, não possibilitando correção ou revisão.

Os conceitos de tradução ou de interpretação também não se restringem à modalidade do texto que será *transladado*, de acordo com Rodrigues (2013), os tradutores possuem maior tempo para construir e refinar o texto-alvo, podendo definir o seu próprio ritmo de trabalho, diferentemente dos intérpretes que devem seguir o ritmo proposto pelo orador; logo, o texto-alvo é produzido de forma imediata.

Uma ponderação curiosa apresentada por Seleskovith (2001) nos indica que, dada a velocidade das línguas faladas, uma hora de interpretação simultânea ascende cerca de 9.000 palavras, assim, em cerca de duas horas, um intérprete terá processado e proferido uma média de 20.000 palavras. Ao compararmos a atuação dos intérpretes com a dos tradutores, temos dados interessantes indicados pelas Nações Unidas que estabelece um padrão de 6 a 8 páginas, ou de 2.000 a 3.000 palavras por dia para trabalho de tradução.

De tal modo, em um dia de trabalho o intérprete processa dez vezes mais palavras do que um tradutor. Essa situação nos incita a refletir sobre a necessidade do trabalho dos intérpretes acontecer em equipe, com trocas de turno, haja vista que o processo de interpretação é evidentemente denso. Nesse sentido, a continuidade da atuação isolada por grandes períodos é um fator a ser discutido de maneira aprofundada com vistas a justificar as trocas de turnos conforme fatos reais já apontados. Em relação às características que diferenciam os tradutores e os intérpretes, Rodrigues (2013) ainda afirma:

O intérprete, diferentemente do tradutor, precisa dar conta de uma série de processos simultânea e ininterruptamente. Vale destacar, também, o fato que o domínio do texto oral e do texto escrito pressupõe diferentes habilidades, sendo que o intérprete precisa não somente conhecer a língua, mas dominar as sutilezas, nuances e especificidades da expressão oral das línguas em que atua, ainda que não domine bem a escrita dessas línguas. Em suma, devido à pressão de tempo, os intérpretes deixam em segundo plano a construção da forma do TA [texto alvo] em favor

da comunicação do sentido da mensagem, não podendo rever seu trabalho ou refiná-lo antes do conhecimento do público. Além disso, não tem tempo hábil para consultar dicionários ou outros recursos, visto que eles precisam oferecer imediatamente o texto interpretado. Assim, o emprego desses recursos torna-se extremamente limitado se comparado ao uso que os tradutores podem fazer deles durante a realização de seu trabalho. (RODRIGUES, 2013, p. 38)

Esse fator tempo limita os intérpretes no uso de diversos recursos disponíveis e utilizados pelos tradutores, a saber, os dicionários, bases de dados, memórias de tradução, enciclopédias, glossários, textos paralelos e, até mesmo, outros colegas tradutores.

Com base nas definições de diversos autores mencionados, tentamos discutir e condensar, valendo-nos do quadro 1, as características existentes entre as atividades desenvolvidas por tradutores e intérpretes.

Quadro 1: Tradutores e Intérpretes

<b>Tradutores</b>
Possuem uma quantidade maior de tempo; podem recorrer ao texto base na língua-fonte quantas vezes for necessário; podem revisar o trabalho de tradução, retomando partes já traduzidas em qualquer momento, pois, normalmente o texto a ser traduzido está na modalidade escrita ou em algum outro suporte que possibilita a retomada de determinadas partes ou do texto completo; podem adiantar a tradução, antecipando partes mais complexas, a fim de posteriormente resolver problemas tradutórios ou adiantar a leitura do texto visando compreender o objetivo do autor; podem recorrer a materiais de apoio diversos, como dicionários, enciclopédias, textos paralelos, especialistas e, até mesmo, outros colegas tradutores.
<b>Intérpretes</b>
Necessitam tomar muitas decisões imediatas em relação ao sentido do texto e as escolhas lexicais; normalmente estão próximo ao locutor do discurso, pois os intérpretes trabalham com a oralidade; a primeira produção dos intérpretes normalmente é a produção final; dificilmente conseguem fazer correções que não sejam percebidas pelo público alvo; normalmente, não recorrem ao uso de materiais de apoio durante a interpretação; frequentemente, existe um período de preparação antes do ato da interpretação.

Fonte: Desenvolvido pelo autor

Nas duas sínteses, fica evidenciado que a interpretação tem essa característica imediatista, de se produzir a mensagem juntamente com o

emissor (interpretação simultânea) ou logo após (interpretação consecutiva). Geralmente, a atividade de interpretação chega a uma velocidade trinta vezes superior à de tradução (SELESKOVITH 2001). Contudo, há procedimentos que contribuam para a atuação do intérprete, e, como a interpretação é um dos temas principais dessa pesquisa, dedicar-se-á uma atenção especial a ela mais adiante.

## 2.1 INTÉRPRETES DE LÍNGUAS ORAIS E INTÉRPRETES DE LÍNGUAS DE SINAIS

Como foi exposto acima, podemos entender que o intérprete geralmente é solicitado quando dois indivíduos, em determinada situação, não partilham de uma mesma língua, sendo assim, o intérprete é o responsável em mediar a interação discursiva/comunicativa entre eles.

No que diz respeito a categorias dos intérpretes, é possível definir e diferenciá-los em dois grupos, os intérpretes de línguas orais (doravante ILO) e os intérpretes de línguas de sinais (doravante ILS). Para a construção deste trabalho, pensamos ser necessário diferenciar essas duas categorias, para que possamos entender melhor as especificidades da atuação dos ILS, público-alvo dessa investigação, porém ambas fazem parte de uma mesma macrocategoria, os intérpretes. Esses profissionais em articulação, aqui diferenciados em duas categorias para fins didáticos, podem reconfigurar suas práticas ao estarem em contato.

De modo geral, os profissionais de ambas as categorias realizam o mesmo processo, no entanto, há uma fundamental diferença que é a modalidade das línguas envolvidas na interpretação, ou seja, como a linguagem é recebida e produzida. Em relação a esse aspecto, Metzger (2010, p. 15) afirma que:

Quando a maioria dos intérpretes de línguas faladas trabalha primariamente entre duas línguas orais, a maioria dos intérpretes de LS [língua de sinais] trabalham entre língua falada e outra sinalizada. Essa diferença de modalidade tem implicações no fazer interpretativo. Por exemplo, intérpretes de LS trabalhando no modo consecutivo, devem usar linguisticamente suas mãos e seus olhos, o que afeta a habilidade de se prontificar para atividades de tomar notas (ou note-taking, no original) que podem ser empregadas por intérpretes de línguas faladas lidam com a questão do input e output auditivos simultâneos.

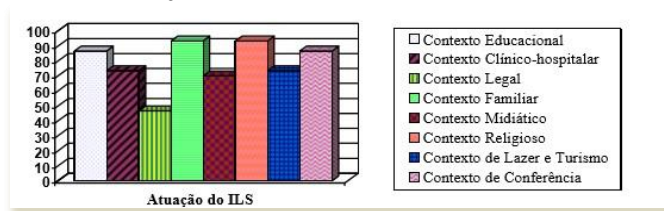
Portanto, os ILOs trabalham com línguas oral-auditivas, o que significa que é necessário falar e ouvir sonoramente para que se produza ou receba um discurso. Assim, para a produção da fala é utilizado o aparelho fonoarticulatório e para percebê-los, utiliza-se a via auditiva. Diferentemente, os ILSs trabalham com pelo menos uma língua de modalidade gesto-visual; nesse caso, produz-se, utilizando as mãos, e recebe-se pelos olhos ao visualizar o discurso (FERREIRA-BRITO, 1995; QUADROS, 2004). Nesse caso, os intérpretes de língua de sinais são, portanto, bilíngue-bimodais, o que compreende outras exigências, entre cognitivas e físicas. No Brasil, geralmente, os intérpretes trabalham com a língua portuguesa que é uma língua de modalidade oral-auditiva e a Libras, uma língua de modalidade gesto-visual.

Além das modalidades, existem outros aspectos que diferenciam os profissionais ILOs e os ILSs. Conforme Napier, McKee e Goswell. (2006), a distinção também tem relação com os tipos de serviços a que são requisitados esses profissionais. De acordo com os autores, os ILOs raramente estão em contextos educacionais ou de atendimento social, com maior frequência os encontramos em outros ambientes; já em contraste, os ILSs, por atenderem em sua maioria pessoas surdas, podem circular em “contextos de ensino (educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior), em locais de trabalho, como, serviços e repartições públicas ou em ocasiões familiares (nascimento dos filhos, casamentos e funerais), além de outros eventos comunitários”. (NAPIER; MCKEE; GOSWELL, 2006, p. 4).

Nessa perspectiva, Metzger (2010) revela a partir de Roberts (1987) que os ILOs, ao longo da história, têm trabalhado em situações de conferência e em outros contextos de prestígio, enquanto os ILSs têm predominado em situações comunitárias e dialógicas. Além disso, de acordo com Roberts, os intérpretes de língua de sinais (doravante LS) têm geralmente precisado lidar com preconceitos linguísticos ou incompreensões a respeito do *status* das línguas de sinais, o que gera dificuldades diversas. Por exemplo, é comum os intérpretes serem questionados se são parentes das pessoas surdas que estão atendendo ou se estão realizando algum trabalho voluntário.

Rodrigues (2010), ao investigar os contextos em que intérprete atuam ou já atuaram, apresenta dados interessantes. Os que se destacam são o contexto religioso e familiar com mais de 90% e, logo em seguida, se destacam também os contextos educacional e o de conferência com 85%, para quais os intérpretes declaram já terem realizado algum tipo de interpretação.

Quadro 2: Atuação dos ILS



Fonte: Rodrigues, (2010, p. 4)

Pereira (2008), tendo como base sua experiência profissional, apresenta, no quadro abaixo, diferenças entre esses profissionais mostrando as áreas de atuação. A autora pontua os campos de atuação dos intérpretes que trabalham com línguas orais (doravante LO) e os que atuam com a LS. Segundo a autora, podemos perceber que a ordem de demandas é inversamente proporcional, conforme o quadro 3.

Quadro 3: Diferenças nas áreas de atuação

<b>TRADUTORES E INTÉRPRETES DE LOs</b>	<b>TRADUTORES E INTÉRPRETES DE LSs</b>
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Tradução escrita</li> <li>2. Conferência</li> <li>3. Trâmites e acompanhamento</li> <li>4. Educação</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Educação</li> <li>2. Trâmites e acompanhamento</li> <li>3. Conferência</li> <li>4. Tradução escrita</li> </ol>

Fonte: Pereira, (2008, p. 34)

Percebemos, atualmente, que essa é uma realidade que aos poucos vem se modificando. Dessa forma, mesmo que ainda se mantenha a ordem de demandas explicitada por Pereira (2008), as atividades em cada um desses espaços — (1) educação, (2) trâmites e acompanhamento, (3) conferência, e (4) tradução escrita — são cada vez mais crescentes, exigindo profissionais mais qualificados para sua atuação. Um exemplo disso é que hoje já se tornou comum encontramos surdos no ensino superior ou em pós-graduações, exigindo assim a presença de intérpretes em ambientes universitários e em outros contextos relacionados ao ensino.

Nos contextos de trâmites e acompanhamentos, atualmente, é possível observar um novo espaço conquistado pela comunidade surda brasileira, institucionalizado devido a uma política governamental. Hoje,

as pessoas surdas podem recorrer a centrais que disponibilizam o serviço de interpretação, chamadas de “Centrais de Interpretação de Libras (CIL)” que foram abertas em todo território nacional, como parte da política desenvolvida pela Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos das Pessoas com Deficiência e da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Os Intérpretes que atuam nesses contextos fazem acompanhamentos em diversas esferas, proporcionando o atendimento com interpretação em vários órgãos públicos e de demandas sociais.

O contexto de conferência não exige a presença de ILSs apenas em eventos internacionais, mas, com a recorrente participação de surdos em eventos nacionais, regionais e locais (como conferências municipais e estaduais de educação, saúde e assistência social), faz-se necessário também nestes o intérprete, cuja presença em eventos dessa natureza não é mais surpreendente. Além disso, Souza (2014) aponta também para um novo crescimento na atuação de ILSs, ao dizer que:

Outra questão que deve ser considerada é o crescente número de palestras ministradas em LIBRAS por pessoas surdas e ouvintes fluentes nessa língua. Atualmente, em alguns congressos específicos, quem tem tido necessidade de interpretação simultânea são os ouvintes que tem pouco ou nenhum domínio de LIBRAS (SOUZA, 2014, p. 28).

Em relação às demandas de tradução escrita, essa é uma realidade mais recente e com maior visibilidade atualmente, já é possível, encontrarmos serviços de tradução, para a escrita de sinais (*SignWriting*<sup>10</sup>), de Português escrito para a Libras ou até da Libras para línguas orais. Atualmente, dentro das universidades federais, há a presença de muitos tradutores e intérpretes, muitos deles surdos, e algumas traduções têm sido realizadas, normalmente de dissertações e

---

<sup>10</sup> O Sistema *SignWriting* foi criado por Valerie Sutton, em 1974, e está em desenvolvimento até hoje. No Brasil, Profa. Dra. Marianne Rossi Stumpf é uma das principais pesquisadoras que trabalha com o sistema. Atualmente, no Brasil, outros dois sistemas também são desenvolvidos, um pesquisado e proposto pela Profa. Dra. Mariângela Estelita Barros, denominado ELiS (Escrita das Línguas de Sinais), e também o chamado SEL (Sistema de Escrita para Língua de Sinais), desenvolvido pela Profa. Dra. Adriana Lessa de Oliveira da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

teses da Libras para o Português. Foi possível localizar na Universidade Federal de Santa Catarina, universidade em que atuamos, três trabalhos de dissertação que citam os nomes dos tradutores de Libras para a língua portuguesa, a saber: Nelson Pimenta de Castro,<sup>11</sup> Rundesth Saboia Nobre<sup>12</sup> e Fernanda de Araújo Machado.<sup>13</sup>

Pereira (2008, p. 33) traduz o quadro de Rodriguez e Burgos (2001, p. 30) com o interesse de conhecer melhor a figura do ILS e realizar uma comparação com os ILOs, apresentando diferenças entre esses dois profissionais. Vejamos no quadro 4 essa distinção:

Quadro 4: Diferenças entre ILO e ILS

<b>DIFERENÇAS ENTRE INTÉRPRETES DE LS E DE LO</b>	
<b>ILOs</b>	<b>ILSs</b>
1. Interpretam de/para as línguas orais.	1. Interpretam de/para alguma língua de sinais.
2. Seus clientes são pessoas ouvintes de diferentes entornos geográficos.	2. Seus clientes são pessoas surdas e ouvintes do mesmo entorno geográfico.
3. Seu campo de trabalho limita-se, normalmente, a encontros internacionais	3. Seu campo de trabalho é tão amplo quando as necessidades comunicativas e de informação de seus clientes.

Fonte: Rodriguez e Burgos (2001, p. 30)<sup>14</sup>

As autoras apresentam como diferença as línguas de trabalho, os clientes dos serviços e os campos de atuação. Sobre as línguas de trabalho, fica claro que o ILS precisa trabalhar com um par linguístico que envolva pelo menos uma língua de sinais, ao contrário dos ILOs, que atuam com línguas de mesma modalidade.

<sup>11</sup> Título do trabalho “A tradução de fábulas seguindo aspectos imagéticos da linguagem cinematográfica e da língua de sinais”/ 2012- PGET-UFSC. Tradução de Ms. Luiz Carlos Barros de Freitas. Encontramos a referência ao tradutor nos agradecimentos da dissertação.

<sup>12</sup> Título do trabalho “Processo de grafia da língua de sinais uma análise fonomorfológica da escrita em signwriting”/ 2011-PPGL- UFSC. Tradução de Jonathan Sousa. Encontramos o nome do tradutor na capa da dissertação.

<sup>13</sup> Título do trabalho “Simetria na poética visual na língua de sinais brasileira”/2013 PGET-UFSC, Tradução de Coordenadoria de intérpretes CCE-UFSC. Encontramos a referência aos tradutores em uma nota de tradução, assinada pela coordenadoria de intérpretes da instituição.

<sup>14</sup> Traduzido por Pereira 2008 p. 33



A segunda diferença apresentada tem relação com os clientes, pois os ILOs normalmente trabalham com línguas e pessoas de países diferentes; os ILSs, por outro lado, normalmente têm como usuários de seu serviço pessoas da mesma região geográfica, surdas e ouvintes, o que é possível apresentar implicações para a atuação, devido a essa proximidade.

A terceira diferença, de acordo com Rodriguez e Burgos (2001, p. 31), é o campo de atuação para os ILSs, muito mais amplo do que para os ILOs, uma vez que a maioria das pessoas da sociedade desconhece a LS e o quanto os serviços públicos em que a pessoa surda deseja participar são inacessíveis. Consequentemente, a demanda por ILS abrange áreas diversas, cabe salientar que devido a políticas de imigração em alguns países existem atendimentos em contextos comunitários realizadas pelos ILOs.

Desse modo podemos entender que o ILS normalmente é chamado em situações em que dois ou mais indivíduos não partilham de uma língua comum. Conforme Nascimento (2012), o profissional tem a função de mediar a interação comunicativa entre pessoas surdas e ouvintes, quando um deles desconhece uma das línguas e sua atuação permeia a mediação de discursos e culturas.

Visto o contexto até aqui abordado, pensamos ser importante lembrar que historicamente os surdos vivenciaram momentos em que foram impedidos de falar em sua língua natural, a língua de sinais, consequentemente, tolhidos de se posicionarem enquanto cidadãos. Contudo, a partir de movimentos encabeçados pelos próprios surdos, é impulsionada uma luta pelo reconhecimento de sua língua e cultura. Nascimento (2012) afirma que em decorrência desses movimentos, os surdos com o passar dos anos têm ocupado espaços nunca vistos antes, assumindo seus lugares enquanto cidadãos, participando das decisões que os envolvem diretamente, tornando-se protagonistas de sua própria história.

É constatado também que o protagonismo dos surdos tem contribuído para uma mudança do fluxo de demanda de interpretação. Os intérpretes não mais trabalham no sentido de interpretar da língua oral para a língua de sinais, ou seja, para o público surdo, mas agora muito mais frequentemente da língua de sinais para a língua oral. Souza (2014, p. 28) relata sobre essa mudança:

No entanto, os surdos estão adentrando os espaços de produção de conhecimento como pesquisadores e professores, o que tem invertido o fluxo da

interpretação. A partir do momento em que começa a ocorrer essa inversão no processo de interpretação, ou seja, a língua de chegada sendo o Português e o público alvo as pessoas ouvintes necessitamos considerar esse processo de mudança.

Os surdos não estão mais na posição somente de “receptores” de conhecimento, entretanto, atuam também como produtores e disseminadores deste. A participação e conquista de novos espaços sociais faz com que a presença do ILS seja fundamental, o que nos últimos anos passou a ser mais requisitada e visível. Logo, sucede-se uma maior visibilidade do trabalho de interpretação de Libras–Português, tornando-se imprescindível a investigação da atuação desse profissional em diversos campos.

Em grande maioria, os ILSs são pessoas ouvintes, que têm a LS como segunda língua ou como língua materna e, por ser uma profissão ainda em consolidação, os próprios estudos sobre as LSs iniciaram somente na década de 1960, nos EUA, e mais tarde em outras partes do mundo. No Brasil, ao final da década de 1980, inicia-se o movimento em prol do reconhecimento do *status* linguístico da Libras, afirmação política dos surdos e o aumento da demanda por ILSs.

Assim, desde então, percebe-se uma evolução em relação à profissão de intérpretes, saindo de um contexto familiar ou religioso e se tornando profissionais de fato, realizando, assim, a interpretação dos discursos realizados por esses sujeitos na LS.

Conforme apresentamos anteriormente, apesar das diferenças entre os ILSs e os ILOs, também existem muitos aspectos semelhantes na atuação desses profissionais. Pereira (2008, p. 33) afirma que em alguns países, “a categoria reconhece-se como uma só, apenas tendo diferentes línguas de trabalho”. Segundo ela, é possível encontrar agências em que são oferecidos de forma muito comum serviços de tradução e interpretação não só de línguas orais, mas também da língua de sinais do país.

Temos visto, nos dias atuais, uma aproximação dos ILSs com os ILOs, não só em questões relacionadas à profissão, mas também em um novo cenário, isto é o de pesquisas e a filiação dessas pesquisas ao campo dos Estudos da Tradução. Como podemos perceber nos últimos eventos realizados pela Associação Brasileira de Tradutores e Intérpretes (Abrates) e a Associação Brasileira de Pesquisadores em Tradução (Abrapt), que contaram com apresentações e espaços relacionados à

tradução e interpretação de Libras. Com relação a essa filiação, Vasconcellos (2010, p. 121) nos elucida que:

A inserção estratégica do tradutor e do intérprete de línguas de sinais em um campo disciplinar já estabelecido, longe de diminuir a sua importância de sua questão identitária, pode contribuir para o fortalecimento do empoderamento (“empowerment”) desses profissionais que mesmo filiados a um campo disciplinar já constituído, não perdem sua especificidade ou visibilidade.

Como dito antes, as pesquisas sobre a LS, no Brasil, são recentes, mas é notório que nos últimos anos presenciamos um avanço significativo em relação às pesquisas que permeiam a tradução e interpretação para a Libras–Português. No Brasil, acontecem especialmente após a Lei 10.436/2002 que reconhece a Libras enquanto língua e meio de comunicação e expressão da comunidade surda brasileira, bem como do decreto regulamentador nº 5.626/2005.

As regulamentações impulsionaram as investigações da atuação desses profissionais em diferentes contextos, por muitos pesquisadores, em temas que envolvem o processo de interpretação e o intérprete de Libras–Português. Dentre eles, alguns se destacam como Santos (2013) que, em seu doutoramento, analisa teses e dissertações que tratam de tradução e interpretação em língua de sinais (doravante TILS), no período de 1990 a 2010, identificando, organizando e analisando as características, as singularidades e os elementos que envolvem a produção acadêmica nessa área no período proposto.

A partir de Santos (2013), podemos identificar alguns temas centrais já explorados nas pesquisas, como por exemplo: o papel do intérprete do ambiente educacional (ROSSI, 2005; PEDROSO, 2006; LEITE, 2004); formação de intérpretes de língua de sinais (GURGEL, 2010); questões que abordam a fidelidade e visibilidade do intérprete (PIRES, 1999; ROSA, 2005); questões de identidade e discursos (LIMA, 2006; SANTOS, 2006); o intérprete e a educação de surdos (VIEIRA, 2007; COSTA, 2008; MARTINS, 2008; CORDOVA, 2009; TUXI, 2009; BELÉM, 2010; MIRANDA, 2010); e alguns outros aspectos.

Diante disso, percebemos que as tensões e barreiras vivenciadas pelos intérpretes de Libras–Português são intensas e merecem ser consideradas e investigadas, no entanto, frente às pesquisas realizadas nos últimos anos, é possível observar um aspecto não explorado com

profundidade, que é a temática proposta nesta investigação: o trabalho de interpretação em equipe realizado em contextos de conferência, o qual vem se observando com maior incidência. Desse modo, suscita-se a necessidade de ser investigado para contribuir também na formação desses profissionais.

O contexto de conferência nos parece um campo em expansão para a demanda de intérpretes e provoca uma postura diferente dos profissionais que vão atuar nesse contexto. Possivelmente, o tema da interpretação de conferência não foi abordado anteriormente devido à pouca circulação de intérpretes nesse contexto, e também, à atuação em equipe não ser uma tendência no trabalho de intérpretes de Libras-Português.

Acreditamos que um processo de formação é fundamental, pois, muitas vezes, é nesse período que dar-se-á o primeiro contato com uma determinada realidade. Assim, na formação apresentar-se-ão as demandas de determinado contexto, para que os intérpretes, ao se depararem com situações reais de atuação, possam estar conscientes das características e realidades, e então, mais cientes de que posturas adotar. Nesse sentido, as pesquisas exercem um papel fundamental ao apresentar caminhos a serem trilhados na formação.

Segundo Kelly (2010), a formação geral para tradutores e intérpretes de forma institucionalizada, teve início em meados do século XX. A necessidade pela formação se deu pela crescente demanda de profissionais, motivada por alguns fatores, como comerciais e econômicos. Assim, de forma gradativa, em todo o mundo, ocorreu a criação de programas de formação.

Ainda, de acordo com Kelly (2010), nem todos os cursos assumem a mesma forma, existindo tradições e contextos nacionais de educação que influenciam os tipos e modalidades de curso. Isso significa dizer que alguns são cursos de graduação, enquanto outros são de pós-graduação, de tal modo que realidades diferentes necessitam de formações diferentes.

No entanto, a mesma autora (2010) critica esse processo de criação e organização de cursos. De acordo com ela, muitas vezes, a estrutura dos cursos ofertados não é elaborada de forma sistemática, e não há uma análise real do contexto profissional. Ademais, as estruturas dos programas dos cursos são muito distintas, não contemplando um programa de formação que leve em conta a realidade e a demanda apresentada pelo mercado de trabalho (KELLY, 2010).

No Brasil, e especificamente em relação aos tradutores e intérpretes da Libras, a formação em nível de graduação inicia-se no ano de 2008 com a oferta do curso de bacharelado em Letras/Libras da

Universidade Federal de Santa Catarina, na modalidade à distância, em 15 estados do país.<sup>15</sup> Nos dias atuais, outros cursos têm sido abertos em todo território nacional de forma presencial<sup>16</sup>. Anteriormente, a realidade era de formações exclusivas a partir de cursos de curta duração oferecidos por instituições que tinham algum trabalho vinculado às pessoas surdas, como as associações de surdos e instituições religiosas e projetos de extensão de algumas universidades.

No entanto, mesmo observando a diversidade de campos de atuação dos ILSs e a necessidade de uma formação específica, os cursos de graduação e outros cursos, em geral e em sua maioria, oferecem uma formação generalista e, normalmente, quando focam em algum contexto específico, o educacional é mais abordado. A duração dos cursos e modalidades variam muito, porém, em média, os cursos de graduação duram em torno de quatro anos.

Rodrigues (2010) apresenta, a partir dos campos mapeados por Isham (1998), Munday (2009), Pochhacker (2009), alguns contextos de atuação dos intérpretes. São eles: contextos educacionais, clínicos e hospitalares, legais, familiares, midiáticos, religiosos, de lazer e turismo, de conferência, empresariais, e de serviços públicos/sociais.

Com essa diversidade de contextos e campos de atuação, existem muitos aspectos desafiadores na formação. Kelly (2010) afirma que estudos recentes começam a aparecer nos Estudos da Tradução, abordando a teoria do currículo, e cita ainda como exemplos os estudos de Gabr (2003, 2007), Kelly (2005), Kearns (2006) e Calvo (2009). Com esses estudos, inicia-se uma abordagem centrada na aprendizagem do aluno, uma educação com base em competências e nos resultados de aprendizagem.

Com esse interesse em uma formação centrada no aluno, Kelly (2010) define que os objetivos que se desejam alcançar são o ponto de partida para o desenho curricular e a necessidade de identificar as demandas sociais e de mercado, compreendendo quais são as competências necessárias para a entrada no setor profissional. Kelly afirma que “atividades de ensino e de aprendizagem são concebidas com vista a alcançar os resultados de aprendizagem desejados e são cuidadosamente articuladas e coordenadas entre si e com a avaliação” (KELLY, 2010, p. 88).

---

<sup>15</sup> Amazonas, Pará, Ceará, Pernambuco, Bahia, Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

<sup>16</sup> UFSC, UFRJ, UFES, UFG, UFSCar UFRGS e UFRR

Inicialmente é preciso saber o que se deseja atingir, quais são os objetivos de ensino e os resultados de aprendizagem. Então, torna-se necessário estabelecer o que os tradutores, e mais especificamente os intérpretes de hoje, precisam saber para serem capazes de conduzir as suas tarefas profissionais nos contextos de atuação, fazendo com que o profissional seja capaz de descrever o que pretende e quais os resultados que se esperam em sua atuação.

Há semelhanças no trabalho dos tradutores em todo o mundo, mas há fatores regionais e particulares que precisam ser levados em consideração na elaboração de um programa de formação, este mais um desafio para a formação de intérpretes. Kelly (2010, p. 88) nos apresenta alguns dos indicadores que auxiliam na identificação das necessidades sociais e de mercado e na criação dos objetivos de aprendizagem: (1) necessidades sociais, muitas vezes ligadas à economia local ou regional; (2) normas profissionais; (3) necessidades e pontos de vista dos empregadores; (4) política institucional; (5) restrições institucionais, como legislação, regulamentação nacional, recursos de treinamento disponíveis e outros; (6) considerações disciplinares, relacionadas às pesquisas e literatura existente, prática comum em outros cursos similares no país ou em outros e perfis; e (7) estudantes e estagiários.

Kelly (2010) ainda destaca a importância de que na tradução, além de indicadores econômicos é preciso observar os principais empregadores e os setores de oferta, para que se possa definir os perfis profissionais desejados. Afirma ainda que as universidades devem atender em seus projetos curriculares, não só o presente, mas as futuras demandas sociais e de mercado. Para tanto, é necessária uma relação próxima com o mercado, a fim de identificar as tendências para o futuro.

Obviamente, não queremos aqui dizer que apenas por concluir um programa de formação, um indivíduo torna-se um profissional especializado. Ao contrário, Kelly (2010) diz que isso significa que esse indivíduo chegou a um determinado ponto em que pode começar a atividade na profissão com uma garantia mínima de sucesso.

Kelly (2010) ainda afirma que, para se pensar em uma formação, umas das formas necessárias é observar e estabelecer o que os tradutores profissionais de hoje precisam saber para ser capazes de conduzir as suas tarefas profissionais no seus contextos particulares. Frente a essas observações apresentadas acima, é importante que entendamos quais são os conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias para a atuação do profissional, compreendendo as competências gerais e específicas para um intérprete, principalmente o intérprete de Libras-Português, trabalhando no contexto de conferência e em equipe.

## 2.2 O CONCEITO DE *COMPETÊNCIA TRADUTÓRIA*

Como já comentamos anteriormente, cada vez mais o campo dos Estudos da Tradução começa a manifestar publicações, discussões e pesquisas que contribuem para a consolidação do campo, mais especificamente os estudos relacionados à interpretação de Libras-Português. Evocando alguns questionamentos relacionados a esses estudos, indagamos, por exemplo, como se interpreta e como se aprende a interpretar.

Ao transitar sobre esse questionamento, faz-se necessário alinhar a discussão ao modelo de *Competência Tradutória* (doravante CT), que aborda as subcompetências necessárias ao processo tradutório e pensar também no processo interpretativo.

Inicialmente, faz-se necessário compreendermos o conceito de competência, e para tanto nos apoiamos no conceito de Roegiers (2000 p.66 *apud* SCALLON p. 143) que diz que “a competência é a possibilidade para um indivíduo, de mobilizar de maneira interiorizada um conjunto integrado de recursos em vista a resolver uma família de situações-problema”. Assim, aplicando esse conceito para a realidade dos tradutores e intérpretes podemos compreender que esses profissionais em atuação devem mobilizar recursos internos e/ou externos para a realização da atividade tradutória ou interpretativa. E, durante esse trabalho, nos interessa observar essa mobilização dos intérpretes agindo em equipe.

Vários modelos e propostas sobre o funcionamento da CT já foram desenvolvidos e, geralmente, são modelos relacionados com a tradução escrita e a maioria deles tem como desejo central descrever os componentes que formam a CT. Hurtado Albir (2011) e Kelly (2005) apresentam algumas das propostas mais significativas e apresentam diversos termos que foram propostos por vários pesquisadores durante os anos para que pudessem nomear as habilidades necessárias para o tradutor. Abaixo, algumas das propostas e seus respectivos autores, conforme Hurtado Albir (2011) e Kelly (2005).

- Habilidade na tradução (*Translations skill*) — Lowe, 1987;
- Performance na Tradução (*Translation performance*) — Wilss, 1989; Rothe-Neves, 2007;
- Competência de Transferência (*Transfer competence*) — Nord, 1991;

- Capacidades na tradução (*Translation ability*) — Lowe, 1987; Pym, 1993; Stansfield, Scotty Kenyon, 1992; Hatim and Mason, 1997;
- Competência da tradução (*Translator competence*) — Kiraly, 1995;
- Competências do tradutor (*Translator's competence*) — Kussmaul, 1995;
- Competência na translação (*Translational competence*) — Toury, 1995; Hansen, 1997; Chesterman, 1997.

Kelly (2010) ainda oferece um resumo dos diferentes elementos de uma competência do tradutor identificada em muitos autores, são elas:

- A competência comunicativa e textual em pelo menos duas línguas e culturas. Habilidades passivas e ativas nos dois idiomas envolvidos; consciência da textualidade e discurso, textual cultural e convenções discursivas.

- Competência cultural e intercultural. Não só o conhecimento enciclopédico de história, geografia, instituições e assim por diante das culturas envolvidas (incluindo o tradutor do próprio), mas também e, mais particularmente, valores, mitos, percepções, crenças, comportamentos e representações textuais destes. Sensibilização para as questões de comunicação intercultural e tradução como uma forma especial mesmo.

- Competência da área de estudo. Conhecimentos básicos de áreas sujeitas a tradutor futuro pode trabalhar, a um grau suficiente para permitir a compreensão dos textos originais e acesso à documentação especializada para resolver problemas de tradução.

- A competência profissional e instrumental. Uso de recursos documentais de todos os tipos, a pesquisa terminológica, gestão da informação para esses fins; uso de ferramentas de TI para a prática profissional (processamento de texto, editoração eletrônica, bases de dados, Internet, e-mail...), juntamente com ferramentas mais tradicionais, como fax, Noções básicas para gerenciar a atividade profissional: contratos, orçamentos,



faturamento, fiscal; ética, associações profissionais.

- Psicofisiológica ou competência atitudinal. Auto-conceito, auto-confiança, atenção / concentração, memória, iniciativa.

- Competência Interpessoal. **Habilidade para trabalhar com outros profissionais envolvidos no processo de tradução** (tradutores, revisores, pesquisadores documentais, terminologistas, gerentes de projeto, especialistas de layout), e outros atores (clientes, iniciadores, autores, usuários, especialistas da área de assunto). **O trabalho em equipe**. Habilidades de negociação. Habilidades de liderança.

- Competência Estratégica. Capacidade de organização e planejamento. Identificação de problemas e resolução de problemas. Monitoramento, auto-avaliação e revisão. (KELLY, 2010, p. 89-90 grifo nosso)<sup>17</sup>

De todas as competências apresentadas por Kelly (2010), a competência chamada de competência interpessoal é a competência de trabalhar com outros profissionais durante o processo de tradução, em equipe, portanto. Essa competência se relaciona com o que investigamos neste trabalho que é a interpretação de Libras-Português realizada por uma equipe.

Nessa perspectiva, pensando a competência interpessoal, como uma competência também dos intérpretes, ela se relacionaria com as habilidades de negociação e a capacidade de se relacionar com todos os agentes envolvidos no processo, antes do evento (contratantes e clientes) e durante (clientes, equipe técnica e colegas intérpretes da equipe de trabalho). Entendemos que esse tipo de trabalho envolve muitos fatores e pretendemos descrever mais sobre eles adiante.

Importante destacar que, conforme afirma Kelly (2010, p. 90), “os elementos incluídos neste resumo das competências são de natureza muito divergente, e muitos deles são transversais”, os resultados adquiridos dessas competências são alcançados gradualmente ao longo do tempo ao serem trabalhados de forma integrada.

Um dos modelos de CT mais recentes, conhecidos e mais bem desenvolvidos para a tradução é o modelo do grupo PACTE, “Processo de Aquisição da Competência Tradutória e Avaliação” (1998; 2003), da

---

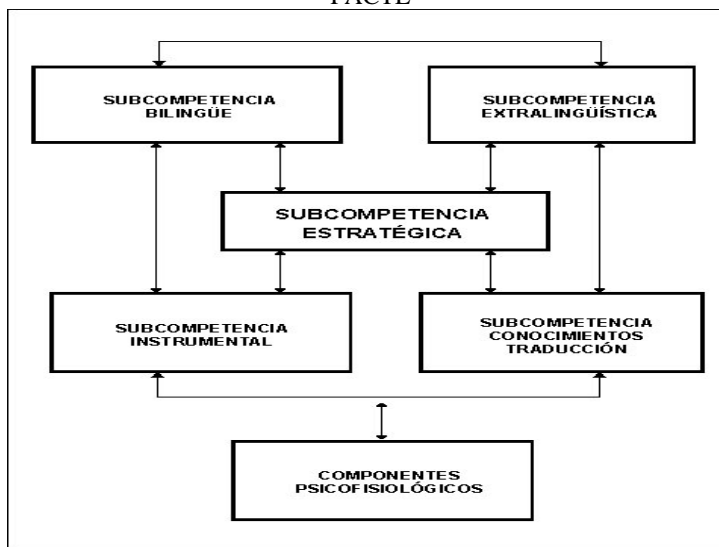
<sup>17</sup> Tradução nossa

Universidade Autônoma de Barcelona, no qual se consideram várias subcompetências que operam de forma global para a produção de um conhecimento especializado. Vale destacar que o grupo PACTE é constituído por professores de tradução que também são tradutores e a preocupação principal do grupo é com a aquisição da competência tradutória, trabalhando especificamente com processos de tradução. Importante salientar que o modelo proposto pelo PACTE resulta de pesquisa empírico-experimental.

Ao observarmos o trabalho do grupo PACTE, é impossível não fazer o paralelo e questionarmos: seria possível aplicar essas mesmas subcompetência encontradas pelo grupo para a atuação do tradutor para contextos de atividade de interpretação? Elas operariam de forma semelhante ou precisariam de refinamentos conceituais? No artigo “Competência em Interpretação: um breve estudo da interpretação em língua B”, Camargo (2014) trata justamente dessa possibilidade, e ao refletir sobre alguns aspectos, levanta uma reflexão inicial sobre essa aplicação das competências do PACTE para a atividade de interpretação.

Camargo (op. cit.) analisa o modelo apresentado pelo grupo PACTE em 2003 com intenção de aplicá-lo ao contexto de interpretação de conferência. No modelo desenvolvido pelo grupo PACTE a competência tradutória é um conjunto de subcompetências, conforme é possível observar no esquema abaixo:

Figura 1: A Competência Tradutória (CT) segundo o modelo holístico de PACTE



Fonte: Hurtado Albir, (2011, p. 397)

O esquema apresentado pelo PACTE apresenta cinco subcompetências: (1) a bilíngue, (2) a instrumental, (3) os conhecimentos sobre tradução, (4) a extralingüística e (5) a competência estratégica. Além dessas subcompetências temos os componentes psicofisiológicos. O grupo PACTE considera a CT um conhecimento especializado, um conhecimento basicamente procedimental-operativo, necessário para se saber traduzir.

O que precisa ficar claro é que nem todos os bilíngues possuem a competência tradutória, pois de acordo com Hurtado Albir (2005, p. 19), “a competência tradutória é um conhecimento especializado, integrado por um conjunto de conhecimentos e habilidades, que singulariza o tradutor e o diferencia de outros falantes bilíngues não tradutores”. Assim, entendemos que o conceito de competência, é uma maneira de descrever as distintas habilidades, conhecimentos, atitudes e aptidões que diferenciam quem é ou não profissional em determinada função ou atividade.

A partir das descrições do grupo PACTE, lideradas por Hurtado Albir (2011, 2005), resumimos as ideias no quadro 5, para visualizarmos cada uma das subcompetências:

Quadro 5: Resumo das subcompetencias do modelo de CT do PACTE (grifo nosso).

<b>Bílingue:</b>	Está integrada por conhecimentos essencialmente operacionais, necessários para a comunicação em duas línguas: conhecimentos pragmáticos, sociolinguísticos textuais e léxico-gramaticais.
<b>Extralinguística:</b>	É composta por conhecimentos essencialmente declarativos, sobre o mundo em geral e de âmbitos particulares, conhecimentos (bi)culturais e enciclopédicos.
<b>Conhecimento sobre tradução:</b>	Está integrada por conhecimentos, essencialmente declarativos, sobre os princípios que regem a tradução (unidade de tradução, tipos de problemas, processos, métodos e procedimentos utilizados) sobre aspectos profissionais (tipos de tarefa e de destinatário).
<b>Instrumental:</b>	Está integrada por conhecimentos, essencialmente declarativos, sobre os princípios que regem a tradução (unidade de tradução, tipos de problemas, processos, métodos e procedimentos utilizados) sobre aspectos profissionais (tipos de tarefa e de destinatário).
<b>Estratégica:</b>	Está integrada por conhecimentos, essencialmente declarativos, sobre os princípios que regem a tradução (unidade de tradução, tipos de problemas, processos, métodos e procedimentos utilizados) sobre aspectos profissionais (tipos de tarefa e de destinatário).
<b>Componentes psicofisiológicos</b>	Componentes cognitivos, tais como memória, percepção, atenção e emoção; <b>aspectos de atitude</b> , como curiosidade intelectual, perseverança, rigor, <b>espírito crítico</b> , conhecimento e confiança em suas próprias capacidades, <b>conhecimento do limite das próprias possibilidades</b> , motivação etc.; habilidades como criatividade, raciocínio lógico, análise e síntese <b>etc.</b>

Fonte: Hurtado Albir (2011. p.395-396 adaptado pelo autor)

Vale destacar, que essas subcompetências trabalham de maneira integrada para assim formar a CT, uma interagindo com a outra. Além do mais, em uma determinada situação, em função da especialidade da tradução, uma subcompetência pode ter maior relevância do que a outra. Segundo o PACTE, a competência estratégica é considerada como central, porque regula o processo tradutório além de reparar as possíveis

deficiências, fazendo com que todas as outras se integrem e funcionem de forma adequada.

Para o nosso estudo, é possível destacar os componentes psicofisiológicos, conforme destacamos no quadro 5, os quais se relacionam com atitudes, espírito crítico, conhecimento do limite das próprias possibilidades, características que se relacionam com o trabalho em equipe. A atuação em equipe pode ser mais um elemento que integra esse componente relacionado às subcompetências do modelo holístico do PACTE.

O interesse do grupo PACTE é efetuar pesquisas empírico-experimentais sobre a aquisição da CT e, para o grupo, trata-se de um processo de reestruturação e de desenvolvimento de um conhecimento novato (competência pré-tradutória) em um conhecimento especializado (competência tradutória). Para Hurtado Albir (2005, p. 30), esse processo tem as seguintes características:

É dinâmico e cíclico e requer uma competência de aprendizagem (estratégias de aprendizagem), como todo processo de aprendizagem; comporta uma reestruturação e desenvolvimento integrado de conhecimentos declarativos e conhecimentos operacionais; ocupa um lugar fundamental no desenvolvimento do conhecimento operacional e, portanto, da competência estratégica.

A respeito dos conhecimentos declarativos e operacionais, Hurtado Albir (2005, p. 21) se apoia na distinção realizada por Anderson (1983), segundo o qual, “o conhecimento declarativo consiste em *saber o quê*”. Sendo fácil de verbalizar, se adquire por meio da exposição “e seu processamento é essencialmente controlado”. Do outro lado, o conhecimento operacional, ou também chamado de procedimental, “consiste em *saber como*”. Sendo difícil de verbalizar, é adquirido por meio da prática e “se processa essencialmente de maneira automática”. Hurtado Albir (2005) baseada em Wellington (1993), a partir de Pozo e Postigo (1993, p. 49 *apud* Hurtado Albir p. 21) ainda apresenta o *saber por quê*, um terceiro tipo de conhecimento explicativo, relacionado ao conhecimento teórico.

Nossa hipótese é que a grande maioria dos ILSs possuem um conhecimento declarativo, mas não um conhecimento procedimental em relação à atuação em equipe. Quando se deparam com a situação de interpretação, não sabem o que fazer. Em relação ao *saber por quê*, ele é

ainda mais difícil de se observar, visto que ainda são poucas as pesquisas que abordam e explicam essa atuação. Este estudo espera também poder contribuir nesse sentido, oferecendo instrumentos que qualifiquem tal discussão.

Considerando os aspectos apresentados, entendendo a CT a partir do modelo do PACTE, enquanto um conhecimento especializado que envolve o processo e o produto, retomamos o questionamento de Camargo (2014, p. 18): “podemos dizer que o modelo de CT do PACTE aplica-se a interpretação ou haveria outras subcompetências a serem incluídas em um possível modelo para a interpretação?”.

Camargo (2014) apresenta uma breve análise das subcompetências e sua possível aplicação na interpretação no contexto de conferência, mais especificamente para a interpretação da língua A para a Língua B,<sup>18</sup> sua contribuição é descritiva sobre a adequação do modelo ao processo de interpretação. A partir do que a autora postula, pretendemos também realizar essa análise das competências, de forma breve, propondo uma observação e ampliação do modelo proposto pelo PACTE na aplicação especificamente das subcompetências na interpretação de conferência, contemplando a realidade dos intérpretes de línguas de sinais.

## 2.3 DA COMPETÊNCIA TRADUTÓRIA À COMPETÊNCIA INTERPRETATIVA: EXPANDINDO MODELOS

A primeira subcompetência que gostaríamos de comentar seria a bilíngue. Apesar de todo tradutor ser bilíngue, nem todo bilíngue é um tradutor, Hurtado Albir (2005, p. 19) esclarece que “embora qualquer falante bilíngue possua competência comunicativa nas línguas que domina, nem todo bilíngue possui a competência tradutória”.

Essa subcompetência está relacionada a conhecimentos operacionais necessários para que seja possível comunicar-se em duas línguas. O PACTE fala da possibilidade de ensino de língua para

---

<sup>18</sup> Segundo a Associação Internacional de Intérpretes de Conferência (AIIC), utilizam-se as seguintes definições: Língua A: A língua materna do intérprete (ou outra língua rigorosamente equivalente à língua materna), para a qual o intérprete pode interpretar a partir de todas as suas outras línguas em ambos os modos de interpretação, simultâneo e consecutivo. Todos os membros têm pelo menos uma língua A, mas podem ter mais do que uma.

Língua B: Uma língua, além da materna, que o intérprete domina perfeitamente e para a qual interpreta a partir de uma ou mais das suas outras línguas. Alguns intérpretes só interpretam para uma língua B em um dos dois modos de interpretação.

tradutores e intérpretes, concomitantemente. Porém, Camargo (2014), ao diferenciar as exigências dessa subcompetência para contextos de tradução e interpretação, afirma que:

Diferentemente da tradução, em que é possível ensinar o aluno a traduzir ao mesmo tempo que se ensina a língua (cf. SCHÄFFNER, 2000), na interpretação, especialmente na de conferência, “o requisito básico é que a aquisição da língua deva proceder o treinamento em interpretação”. (CAMARGO, 2014, p. 25)

Desse modo, ao pensarmos no contexto de interpretação e, mais especificamente na interpretação de conferência, essa subcompetência precisa ser inicialmente adquirida. Então, conforme Camargo (2014, p. 25), “parece não haver possibilidade de um aprendizado de língua e de interpretação simultânea concomitantemente”. Até mesmo pelas características desse processo que se constitui de uma mensagem que será vista ou ouvida de forma oral em uma determinada língua, processada e reproduzida em outra língua.

No entanto, essa subcompetência faz parte de uma CT para o contexto de interpretação, fazendo-se extremamente necessário que o intérprete domine os conhecimentos pragmáticos, sociolinguísticos textuais e léxico-gramaticais das línguas em que trabalha, e com os ILSs isso não seria diferente, pois, um aspecto característico da interpretação de/para as línguas de sinais é a diferença de modalidade das línguas, a qual deve ser levada em consideração no momento da interpretação.<sup>19</sup>

Uma segunda subcompetência é denominada de instrumental, a qual está relacionada com a ação de usar as Tecnologias da Informação e Comunicação (doravante TIC) e fontes de documentação. São inúmeras as fontes e ferramentas disponíveis aos tradutores, podemos citar: dicionários, enciclopédias, gramáticas, livros, textos paralelos, *corpora* eletrônicos, memórias de tradução, *sites* de busca entre outros.

Camargo (2014, p. 25) diz que “na interpretação de conferência, a subcompetência instrumental também se faz presente, no entanto, sua construção é anterior ao momento do evento”, neste caso os intérpretes realizam essa preparação antes de iniciar a atuação, organizando-se para o momento da interpretação.

---

<sup>19</sup> Para mais informações sobre os efeitos de modalidade na interpretação de língua de sinais, ver Rodrigues (2013).

Normalmente, os intérpretes armazenam essas informações na memória e dependem dela para realizar a interpretação. Camargo (2014) cita que alguns autores como Pym (2009) sugerem que dentro da cabine o intérprete deve ter acesso à memória eletrônica; a autora ainda afirma que essa “memória eletrônica deverá apresentar uma configuração que permita o intérprete acessá-la, por questões lógicas de tempo e disponibilidade como, por exemplo, um glossário previamente organizado.” (CAMARGO, 2014, p. 25).

Ao pensarmos nos ILSs, devido ao uso também do canal visual para a interpretação, talvez fosse mais complicado o uso de memórias eletrônicas,<sup>20</sup> e desconhecemos experiências nesse sentido. Mas, o trabalho desses profissionais pode ser facilitado por medidas como ter em mãos os *slides* do palestrante ou até mesmo poder visualizá-lo na projeção, o que pode contribuir como um instrumento de auxílio para a interpretação.

Nesse sentido, a subcompetência instrumental, mesmo que ocorra de forma diferente do que inicialmente foi concebida em processos de tradução, também está presente em contextos de interpretação.

A próxima subcompetência é chamada de conhecimento sobre interpretação. Camargo (2014, p. 26), diz que se na tradução o “conhecimento sobre tradução tem *status* de uma subcompetência na interpretação não poderia ser diferente”. Torna-se essencial também para os intérpretes o conhecimento sobre os princípios que regem a interpretação e sobre todos aspectos profissionais imbricados no ato interpretativo.

Existem muitos modos e formas de se interpretar. Hurtado Albir (2011, p. 71) apresenta uma agrupação de modalidades segundo o meio oral. Para a interpretação (cuja característica essencial é o meio oral), a autora apresenta quatro modalidades: a interpretação simultânea, a interpretação consecutiva, a interpretação bilateral (ou *enlace*) e a sussurrada.

Com relação a essas modalidades de interpretação apresentadas pela autora apresentamos o seguinte quadro:

---

<sup>20</sup> Conforme Austermühl (2001 *apud* Fernandes e Bartolomei, 2009), memórias de tradução são bancos de dados linguísticos que armazenam textos traduzidos juntamente com seus textos originais correspondentes. O sistema de memória de tradução, então, permite que o tradutor recupere unidades ou segmentos armazenados no banco de dados para a reutilização deles em uma nova tradução (p. 135 *apud* Fernandes e Bartolomei, p. 4).



Quadro 6: Modalidades consecutivas e simultâneas de tradução oral e gêneros característicos

Modalidade	Gêneros característicos
<b>Interpretação bilateral (consecutiva dialógica)</b>	Entrevista (de jornal, de trabalho, etc.), debate, negociação, treinamento (esportivo, artístico, militar, etc.), curso de formação, exame oral, interrogatório, cerimônias, etc.
<b>Interpretação consecutiva (monológica), completa, resumida, descontinua</b>	Discurso político (comício, discurso oficial), discurso militar (arenga), discurso religioso (sermão), discurso cerimonial (celebrações), intervenção parlamentar, conferência (política, econômica, científica, etc.), comunicado oficial, informe pericial, audição, curso de formação, aula, etc.
<b>Interpretação simultânea (monológica) com meios eletrônicos, sem meios eletrônicos (sussurrado), interpretação relay</b>	Discurso político (comício, discurso oficial), discurso militar (arenga), discurso religioso (sermão), discurso cerimonial (celebrações), intervenção parlamentar, conferência (política, econômica, científica, etc.), comunicado oficial, informe pericial, audição, curso de formação, aula, entrevista (TV, rádio), debate (TV, rádio), filmes, documentários, etc.

Fonte: Hurtado Albir (2011, p. 82)

Entendemos que conhecer os modos de interpretação certamente contribui nas escolhas mais apropriadas para as diversas situações, o que garantirá condições mais adequadas para a realização do trabalho.

A subcompetência extralinguística é composta a conhecimentos gerais. De acordo com Camargo (2014, p. 26) os conhecimentos extralinguísticos em interpretação foram inicialmente definidos por Seleskovitch e Lederer na Teoria dos Sentidos (*Théorie du Sens*).

Lederer afirma que,

[o] conhecimento prévio é uma expressão vazia que abrange diversos “complementos cognitivos” que nos ajudam a entender o discurso. Esses complementos cognitivos incluem conhecimento de mundo, do momento, do lugar, das circunstâncias nas quais um discurso é formulado, da memória do que foi dito anteriormente, do conhecimento de quem é o locutor e de quem são os ouvintes (LEDERER 1990 p. 53 *apud* CAMARGO 2010, p. 27).

Como se observa acima, o conhecimento extralinguístico tem uma função muito importante tanto na tradução quanto na interpretação. São informações que estão relacionadas a um saber enciclopédico, do mundo em geral ou de situações específicas e domínio sobre fatos culturais das línguas de partida e de chegada.

Um exemplo é o conhecimento sobre os anseios da comunidade surda brasileira relacionados à educação, cidadania e políticas linguísticas, temas que aparecem frequentemente em discursos de pessoas surdas. É preciso saber também das lutas dessa comunidade, quais são os temas frequentemente abordados, quais são as questões envolvidas e as demandas principais, o que certamente contribui no momento da interpretação.

Portanto, o conhecimento extralinguístico é uma subcompetência fundamental que também se faz presente no processo de interpretação e na interpretação de/para as LSs.

Sobre a subcompetência estratégica, o grupo PACTE destaca a importância dessa subcompetência e Hurtado Albir (2011, p. 396) afirma que essa é uma subcompetência essencial e que afeta todas as demais, pois a inter-relaciona e controla o processo tradutório. Segundo a autora, a subcompetência estratégica serve para:

- 1) planejar o processo e elaborar o projeto tradutório (escolha do método mais adequado);
- 2) Avaliar o processo e os resultados parciais obtidos, em função do objetivo final perseguido;
- 3) ativar as diferentes subcompetências, e compensar deficiências;
- 4) identificar problemas de tradução e aplicar os procedimentos para sua resolução.

Assim, a competência estratégica ocupa uma função essencial por afetar todas as outras, ao reparar deficiências e controlar todo o processo que pode variar conforme a direção, a combinação linguística, a especialidade, a experiência do profissional, o tipo de tarefa e, especificamente com as LSs, as diferenças de modalidade.

Camargo (2014) considera que, em contexto de interpretação, teríamos a presença da subcompetência estratégica, pois ela também é utilizada pelos intérpretes na cabine. Mas, “parece haver uma diferença, pois a técnica de interpretação para cabine é treinada de forma consistente na formação de intérpretes”. No entanto, mesmo assim, de acordo com

Camargo (2014), é possível perceber que há partes mais estáveis ao longo da interpretação e outras não tão estáveis. A autora então define que:

Poderíamos dizer que a subcompetência estratégica também ocupa um papel central na elaboração de uma interpretação, gerenciando e garantindo a eficácia do processo. Assim, ela teria uma atuação dupla, antes e durante o processo. (CAMARGO, 2014, p. 28).

No mais, na interpretação, lidamos com o imediatismo e o imprevisto. Muitas vezes, é preciso lidar com problemas de interpretação que surgem na hora, como por exemplo, uma piada que precisa ser interpretada e para que faça sentido precisa ser adaptada ao público e à cultura-alvo.

Com tudo isso, identificamos a subcompetência estratégica também relacionada no processo de interpretação, com ações diferentes do processo de tradução, mas com a busca por estratégias mais rápidas para que se resolvam os problemas de interpretação que possam surgir de forma imediata.

Outro elemento presente no modelo PACTE são os componentes psicofisiológicos. Explicitando, Hurtado Albir (2011, p. 396) apresenta os componentes psicofisiológicos enquanto “cognitivos, como a memória, percepção, atenção e emoção; elementos atitudinais de diversos tipos, como curiosidade intelectual, perseverança, rigor, espírito crítico, conhecimento e confiança em suas próprias capacidades, saber medir suas possibilidades, motivação, entre outros”; além dos mecanismos psicomotores e habilidades como criatividade, raciocínio lógico, análises e síntese.

Esses componentes são essenciais também em contextos de interpretação, Camargo (2014, p. 28) ao realizar sua análise da articulação desse componente a interpretação diz que:

Na interpretação, os componentes fisiológicos são essenciais, pois os componentes cognitivos, como memória, percepção e emoção interagem durante todo o processo interpretativo. O intérprete deve desenvolver a memória para conseguir interpretar. Ainda, a percepção para elementos linguísticos, extralinguísticos e para os estímulos presentes no ambiente devem atuar a fim de auxiliar o intérprete na busca pela interpretação mais adequada. A

capacidade de análise e síntese é primordial, especialmente em interpretação simultânea. Como o intérprete precisará fazer adições e omissões para facilitar o entendimento da plateia, a síntese será uma aliada para compensar partes maiores, nas quais obrigatoriamente houve uma adição.

Percebe-se a importância dos componentes psicofisiológicos e como eles podem atuar para contribuir com o trabalho dos intérpretes, no momento da interpretação. Lidar com a memória, a percepção e emoção se torna necessário para que se possa adequar o discurso ao público-alvo. Também a capacidade de avaliação de forma crítica, para que se utilize da omissão ou adição de informações como estratégias de fato para a interpretação.

Outro fator fundamental que afeta os intérpretes e está relacionado com os componentes psicofisiológicos é o nível de exposição que os intérpretes enfrentam, especificamente os ILSs que estão trabalhando com uma LS e essa língua está presente com o uso do seu corpo. É importante que o intérprete não se sinta incomodado com isso, especialmente em contextos em que a interpretação é para um grande público, como nas interpretações de conferências.

Conforme comentamos anteriormente, a atuação em equipe pode ser mais um elemento que integra os componentes psicofisiológicos, visto que se relaciona com as atitudes, o espírito crítico e conhecimento dos próprios limites. E também, como já havíamos indicado, todas essas subcompetências atuam de maneira integrada e interagem entre si para que possam formar a competência tradutória.

Com esses apontamentos, baseados em Camargo (2014), percebemos que se assemelham às competências da tradução para a interpretação, mas o fator tempo e a prontidão de retorno que são demandadas pelos intérpretes afetam na alteração da configuração da CT, propondo dois momentos de construção de uma competência, que é chamada por Camargo (2014) de “competência interpretativa”. Os dois momentos referidos seriam o de preparação, anterior ao evento e o momento de interpretação de fato, durante o evento.

Importante salientar que não pretendemos aqui propor alguma modificação no modelo apresentado pelo PACTE, pois o que realizamos é uma breve análise da articulação das competências para contextos de interpretação, a partir do que já foi feito por Camargo (2014). Neste trabalho especificamente investigamos a CT ou “competência interpretativa” com o intuito de entender melhor como é o saber fazer e

saber atuar em uma equipe no contexto de conferências, pois as competências têm uma grande importância para a capacidade de aplicar procedimentos a fim de resolver problemas interpretativos.

Além dos modelos desenhados para descrever os conhecimentos, habilidades e atitudes dos tradutores, encontrados na literatura, é possível encontrarmos abordagens específicas para os contextos de interpretação de conferência. Gile (1995) não chama de “competências” ou “subcompetências”, mas apresenta uma descrição do processo de interpretação que denomina de “Modelos dos Esforços” (*Effort Models*). Seu objetivo é a partir das dificuldades da interpretação, tentar apresentar um modelo que possa explicar os problemas recorrentes enfrentados pelos intérpretes.

Gile (1995) afirma que seu modelo foi desenvolvido de modo intuitivo, a partir da observação de falhas presentes na interpretação e que não poderiam ser atribuídos a fatores ambientais, à compreensão ou à produção. Para ele, seu modelo baseia-se em duas premissas: (a) “a interpretação requer alguma forma de ‘energia’ mental que somente está disponível em quantidade limitada” e (b) “A interpretação consome quase toda essa energia mental e, às vezes, requer mais do que o disponível, o que resulta em deteriorações do desempenho” (GILE, 1995, p. 161).

O modelo dos esforços da interpretação simultânea de Gile (1995, p. 162) se produz a partir de três grupos de operações: (1) o esforço de Audição e Análise, (2) o esforço de Produção do discurso e (3) o esforço da Memória a curto prazo. O primeiro tem relação com a compreensão do discurso na língua-fonte, mas os três aspectos se referem ao intérprete, ao fator tempo, à atenção e à capacidade de uso da memória a curto prazo. Para o autor, esse processo de análise para se compreender não é automático, intervindo no armazenamento da informação na memória de curto prazo e sua comparação com elementos armazenados na memória de longo prazo e a tomada de decisões interpretativas.

O esforço de produção do discurso está relacionado a várias operações mentais que intervêm entre o momento em que o intérprete decide transmitir uma informação e o momento em que formula o enunciado e essa operação também não é automática. O esforço da memória de curto prazo diz respeito às operações para o armazenamento na memória de segmentos do discurso até sua produção na língua de chegada. Esse esforço também não é automático, pois o intérprete deve guardar informações que poderão ser recuperadas durante o discurso.

Respectivamente aos três esforços, temos a *coordenação* que seria a gestão da atribuição da capacidade entre os esforços. Conforme Gile

(1995) é possível esquematizar seu modelo da seguinte forma conforme a interpretação simultânea:

$$\mathbf{A + M + P + C = IS}$$

Nesse esquema, **A** se refere ao esforço de audição e análise, **M** ao esforço de memória a curto prazo, **P** à produção do discurso na língua de chegada e **C** à ação de coordenação dos três esforços simultaneamente de forma equilibrada.

Gile (1995) também ressalta que cada evento interpretativo exige uma capacidade total de processamento, e os intérpretes apresentam uma capacidade limitada que é disponível para o processamento. Assim, podem ocorrer problemas e dificuldades para os intérpretes quando o total necessário supera o total disponível e isso pode ser ocasionado, por exemplo, pela densidade do discurso, forma rápida de exposição pelo orador ou estruturas pouco habituais utilizadas pelo locutor do discurso.

Diante dessas inúmeras situações que podem ocorrer umas das estratégias, é o trabalho em equipe, área de interesse deste trabalho. Assim, pretendemos no próximo capítulo abordar sobre essa atuação em contextos de conferência, pois acreditamos que o trabalho em equipe também pode auxiliar quando um desses esforços falhar, e os intérpretes têm a possibilidade de recorrer a um colega de apoio. Por exemplo, caso o intérprete não perceba que algo foi dito, ou caso alguma informação dita ficou fora do discurso do intérprete (pois, a memória não foi capaz de armazenar) ou na produção do discurso algo ficou sintática ou semanticamente inadequado, o colega que está na equipe poderá contribuir para que o discurso seja reorganizado. Portanto, abordaremos, a seguir mais sobre este assunto, conhecendo melhor o contexto em que essa pesquisa foi realizada, o contexto de conferência.

### 3 A INTERPRETAÇÃO EM CONTEXTOS DE CONFERÊNCIA

Este trabalho relata especificamente o contexto de interpretação de conferência, pois, julgamos importante conhecer as características históricas e as especificidades desse campo de atuação. O contexto de conferência é um dos principais espaços de atuação, um local que envolve múltiplas características, como o tipo de discurso e a configuração entre os participantes por exemplo, exigindo do profissional que irá atuar nesse ambiente o domínio de tais características. De acordo com o *Dicionário dos Estudos da Tradução*, de Shuttleworth e Cowie (2014, p. 26), a interpretação de conferência é:

[...] um termo usado para se referir ao tipo de interpretação que ocorre em conferências internacionais, bem como em outros contextos de alto nível, tais como palestras, transmissões de televisão ou reuniões de cúpula; como tal, é uma das formas de interpretação, que é definida de acordo com o contexto em que é usada. Os intérpretes de conferência precisam ser proficientes em uma variedade de técnicas de interpretação, pois embora a interpretação simultânea seja o principal modo utilizado, há também situações ocasionais para a interpretação consecutiva ou até mesmo a interpretação sussurada.<sup>21</sup>

Para entendermos melhor sobre o caminho da atuação dos intérpretes de conferência, iniciaremos um breve histórico, relatando os principais fatos pesquisados na literatura específica, e pontuando situações e personagens da história da interpretação. Iniciaremos pelos intérpretes de línguas orais brevemente, e paralelamente pontuaremos algumas evidências sobre a interpretação de LS no Brasil.

---

<sup>21</sup> Tradução de Barbosa, 2014, p. 66

### 3.1 UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A INTERPRETAÇÃO DE CONFERÊNCIA

Contar a história dos intérpretes não é algo simples, em virtude da inexistência de registros oficiais, ou de poucos registros históricos que encontramos, mas incompletos e imprecisos. Conforme já comentado por Bowen *et al.* (2003), o conhecimento sobre como os intérpretes trabalhavam no passado tende a ser derivado de algumas fontes como “cartas, diários, memórias, e bibliografias dos próprios intérpretes, assim como de uma variedade de outros documentos, muitos dos quais só de forma marginal ou incidentalmente relacionados com a interpretação” (BOWEN *et al.* 2003, p. 257).

A evidência mais antiga sobre a atuação de intérpretes, de acordo com Kurz (1985), são inscrições encontradas nos túmulos dos príncipes de Elefantina, no Antigo Egito, que datam do terceiro milênio a.C. (KURZ, 1985 *apud* LUCIANO, 2014 p. 9). A primeira referência aos intérpretes se encontra também nos textos do historiador Heródoto, aproximadamente 485–425 a.C., e nesses textos os intérpretes são chamados de “hermeneutas”, se tratando de uma antiga palavra grega que significa “interpretar”, do deus Hermes, mensageiro da palavra dos deuses para os mortais (BERTONE, 1989 *apud* LUCIANO, 2005).

A interpretação é uma atividade realizada há muito tempo, devido aos interesses de um povo por outro povo (seja de ordem militar, comercial ou religiosa) e que suscitavam a necessidade da interpretação na intermediação linguística entre povos de distintas línguas. Fatores que nos fazem considerar a interpretação bastante necessária. Bowen *et al.* (2003, p. 258) relatam que “os romanos utilizavam intérpretes nos territórios conquistados, a fim de administrar e colonizar”. Pagura (2010, p. 10) também fala sobre a existência da referência aos “intérpretes nas antigas literaturas grega e latina, bem como em registros da Idade Média, do Renascimento e posteriores”. Assim, é possível inferir que na história da humanidade, desde os primórdios das civilizações até os dias atuais, a tarefa de dissolver obstáculos na comunicação é competência atribuída aos intérpretes.

No entanto, a distinção do serviço de intérpretes em categorias de atuação e o seu entendimento como uma profissão não era uma realidade em épocas passadas. Bowen *et al.* (2003, p. 257) dizem que “no passado os intérpretes foram não só testemunhas da história, mas participaram no seu desdobramento”. Os autores destacam que os intérpretes inicialmente tinham uma posição marginal, sem reconhecimento e, portanto, poucos contaram suas histórias, o que se explica pela posição social que



ocupavam. Pagura (2010) pontua que a função era comumente exercida por “híbridos culturais” que normalmente eram escravos ou membros de “subcastas” como cristãos, armênios e judeus, dispersos e, em sua maioria, do sexo feminino.

No período da Idade Média, a “necessidade de usar intérpretes cresceu e foi reconhecida, por exemplo, os cronistas franceses se referiam aos interpretes durante as cruzadas” (BOWEN *et al.* 2003, p. 259). Os autores apresentam dois fatores que contribuíram para que a interpretação se tornasse mais comum e que as menções a essa atuação fossem mais explícitas. O primeiro fator foi a criação das nações europeias e o segundo o desenvolvimento das línguas nacionais.

É possível perceber que com o passar dos anos o ofício de interpretar passou por vários momentos em diversos lugares do mundo. Seus métodos, estratégias e procedimentos para a atividade se alternaram para chegar ao que vemos e temos hoje em dia (por exemplo, literatura específica, equipamentos que auxiliam a interpretação e modelos de atuação). Considerando isso, atualmente a interpretação pode ainda ocorrer seja de “forma consecutiva, sussurrada ou simultânea, além de usar ou não equipamentos” (BOWEN *et al.* 2003, p. 259).

Nos trabalhos iniciais na interpretação de conferência, prevalecia a interpretação feita de modo consecutivo. A modalidade consecutiva de interpretação acontece quando o intérprete ouve um trecho do discurso e, nesse tempo, tem a possibilidade de realizar alguma tomada de notas e, após o término da produção na língua de partida, o intérprete assume o turno e realiza a produção na língua de chegada. No entanto, essa modalidade de interpretação pode resultar em conferências muito demoradas, uma vez que ela multiplica o tempo pelo número de línguas envolvidas.

De acordo com alguns autores (PAGURA, 2010; BOWEN *et al.* 2003), o melhor momento da interpretação consecutiva aconteceu na Conferência da Paz, em Paris, em 1919, para resolver questões relacionadas à Primeira Guerra Mundial e também em reuniões da Liga das Nações. Nesse período, com a continuidade das negociações internacionais, a interpretação consecutiva foi se aperfeiçoando. Bowen *et al.* (2003) destacam alguns dos pioneiros na atuação, citando Paul Mantoux, Antonie Velleman, Jean Hebert, Robert Confino, os irmãos André e George Kaminker, e Georges Mathieu e Salvador de Madariaga (BOWEN *et al.*, 2003, p. 260).

Bowen *et al.* (2003) apresentam as impressões do escritor e diplomata Salvador Mandariaga sobre os intérpretes que ele encontrou e de como era realizado a divisão das equipes de trabalho:

Salvador de Madariaga (1886-1978), [...] menciona com admiração uma certa Madame Angeli, que podia “ouvir todo um discurso em inglês, francês ou italiano e repeti-lo sem jamais tomar uma só nota”. Madariaga comenta que os intérpretes com essa habilidade se prestavam mais ao trabalho da Assembleia, enquanto outros, mais afeitos aos pronunciamentos curtos e aos comentários rápidos, se adaptavam melhor às comissões e, “quando dotados de tato e sensibilidade política”, ao Conselho. (BOWEN *et al.*, 2003, p. 260)

Com esse relato podemos perceber as capacidades e habilidades que eram exigidas desses profissionais, sendo possível identificar perfis diferentes de intérpretes e, conseqüentemente, locais diferentes de atuação em uma mesma conferência. Diante disso, Bowen *et al.* (2003, p. 260) ainda destacam:

Numerosos outros intérpretes consecutivos, trabalhando em diferentes épocas e em circunstâncias muito distintas, foram igualmente elogiados pela capacidade de repetir na língua-mãe longos segmentos de um discurso- desde dona Marina, que interpretava para o conquistador Cortés, no México do século XVI, até Vernon Walters, que no século XX, prestou serviços a vários presidentes dos Estados Unidos.

Outras experiências de intérpretes são relatadas, como por exemplo a de Eugen Dollmann e sua interpretação do discurso de Hitler para o italiano, que na época, por não ter aprendido a tomar notas, realizou um discurso próprio, que em nada se relacionava com a fala de Hitler, embora tenha sido muito aplaudido. Houve também o caso, na Conferência da Paz, em 1898: à medida que o Tratado de Paz estava sendo escrito, solicitaram que os intérpretes fossem interpretando, frase por frase, para que assim, o texto pudesse ser submetido à aprovação. Nesse sentido, percebemos diversas demandas e posturas que foram adotadas de acordo com o período e o contexto em que os intérpretes estavam inseridos (BOWEN *et al.*, op. cit).

A interpretação consecutiva era a mais utilizada nessa época, no entanto, ela começou a ser criticada, por ser considerada incômoda

quando envolve mais de duas línguas e, especificamente, pelo tempo que era demandado. Assim, buscaram-se novas formas e novas soluções para aperfeiçoar a interpretação. Bowen *et al.* (2003) relatam que a IBM,<sup>22</sup> representada por três norte-americanos,<sup>23</sup> desenvolveram um equipamento que permitia ao intérprete falar ao mesmo tempo em que era proferido o discurso a ser interpretado. O sistema funcionava mediante o uso de microfones e fones de ouvidos e, embora tenha sido considerado uma maravilha tecnológica para a época, não continuou a ser utilizado.

A possibilidade de selecionar qualquer das línguas de trabalho, acionando um interruptor, pareceria na época uma maravilha tecnológica, mas o sistema apresentava muitos problemas técnicos, devido à fiação requerida. O Escritório Internacional do Trabalho, de Genebra, foi a única agência da Liga das Nações a adotá-lo. O sistema Filene-Finlay-IBM foi usado pela primeira vez em 1927, em combinação com a interpretação consecutiva, em uma conferência Internacional do trabalho, realizada em Genebra. A interpretação simultânea foi empregada em 1935, no XV Congresso Internacional de Fisiologia, em Lemigrado, onde o discurso inaugural foi feito pelo professor Pavlov e traduzido do russo para o francês, inglês, e alemão (Van Hoof, 1962, p. 19-20). Contudo, nos anos que precederam a Segunda Guerra Mundial, à medida que as atividades da Liga das Nações foram se reduzindo, a interpretação simultânea também desapareceu da esfera das relações internacionais (BOWEN *et al.* 2003 p. 262).

Em 1927, foi quando o sistema criado pela IBM foi usado pela primeira vez, com isso, inaugura uma nova modalidade de interpretação, a simultânea. Na interpretação simultânea a mensagem vai sendo reproduzida pelo intérprete conforme o orador emite o discurso, normalmente se produz com uma demora de poucos segundos. Diriker (2010, p. 329) e Pagura (2010, p. 43) relatam sobre essa primeira tentativa com a interpretação simultânea, que ocorreu em 1928, na Conferência da

---

<sup>22</sup> International Business Machines.

<sup>23</sup> Segundo Bowen *et al.* (2003), os três norte-americanos eram Edward Filenes, Gordon Finlay e Thomas Watson, um homem de negócios, um engenheiro eletrônico e o presidente da IBM, respectivamente.

OIT<sup>24</sup>. Porém, somente no ano de 1944 foi quando o equipamento volta a ser usado em uma conferência internacional realizada na Filadélfia. Sobre essa retomada Bowen *et al.* (2003, p. 262) postula que:

No entanto, as condições não eram ideais. Os intérpretes ficaram no subsolo, embaixo do palanque dos oradores, e o ruído dos passos sobre a plataforma, combinado com a inadequação do equipamento, fabricado vinte anos atrás, dificultava o seu trabalho (Roditi, 1982 p. 10) A despeito de suas conhecidas desvantagens, a interpretação consecutiva foi usada um ano depois na história Conferência de San Francisco, quando se aprovou a Carta das Nações Unidas.

Essa retomada parece servir de experiência para que a interpretação simultânea fosse aperfeiçoada, tanto em relação aos equipamentos quanto aos intérpretes para que eles se acostumarem com esse novo modelo de atuação. O principal destaque para a interpretação simultânea ocorre no julgamento de criminosos nazistas de Nuremberg, entre novembro de 1945 até outubro de 1946, em que quatro línguas foram utilizadas, a saber o alemão, francês, inglês e o russo. Sobre essa experiência Pagura (2010, p. 46) relata que:

É interessante notar que o primeiro evento internacional em que se utilizou a interpretação simultânea em larga escala e durante um período prolongado de tempo não foi, propriamente, uma conferência internacional, mas sim um julgamento. No entanto, foi um julgamento totalmente peculiar, com muitas semelhanças a uma conferência internacional, uma vez que os juízes, promotores e seus assistentes falavam inglês, francês ou russo, enquanto os réus e grande parte de seus advogados de defesa falavam alemão. Como o sistema jurídico que vigorou foi o anglo-saxão, mais particularmente o dos Estados Unidos, os depoimentos e a chamada “cross-examination” pelos promotores impediam, por si só, o emprego da consecutiva. Na “cross-examination”, a velocidade das perguntas e respostas tem um papel

---

<sup>24</sup> Organização Internacional do Trabalho.

tão fundamental que os promotores reclamavam até mesmo da “lentidão” da simultânea. Além disso, a consecutiva num evento que incluía quatro idiomas prolongaria imensamente a sua duração.

O autor nos apresenta os motivos pelos quais a interpretação simultânea foi utilizada, embora na época fosse rejeitada por muitos. Não se tratou de uma escolha tranquila e natural, mas surgiu da total necessidade. A realização de todo o julgamento valendo-se da interpretação consecutiva seria muito complicada, fazendo uso de quatro idiomas, a duração das sessões dos julgamentos seriam extremamente longas e ainda, conforme Pagura (2010, p. 46) “dificultaria a mecânica da atuação de testemunhas, promotores, advogados, juízes e réus”.

Segundo afirmação de Bowen *et al.* (2003) e Pagura (2010) o responsável pelo serviço de interpretação em Nuremberg era o coronel Léon Dostert (1904–71), francês naturalizado americano e professor da Universidade de George Town. Dostert selecionou intérpretes entre estudantes e professores da Universidade de Genebra, além de outras pessoas que possuíam competência linguística e experiência com a interpretação consecutiva. De acordo com pesquisas (PAGURA, 2010), de forma geral, os intérpretes foram se aperfeiçoando com a prática, alguns trabalharam primeiro na seção de tradução para se acostumarem com os procedimentos e o vocabulário. Podemos citar, como exemplo, o caso de Marie-France Skuncke, e outros, segundo o autor, como Elizabeth Heyward, que iniciaram diretamente na cabine.

Dostert, enquanto coordenador dos trabalhos, foi quem organizou para que os intérpretes simultâneos não ficassem mais escondidos como na experiência anterior. Nesse novo cenário, os intérpretes em Nuremberg foram alocados no fundo do salão em cabines de vidro abertas. Pagura (2010) relata sobre a compreensão para essa necessidade na realização da interpretação simultânea, descrevendo:

Dostert quem insistiu na importância de os intérpretes serem colocados de maneira a ver o que acontecia no recinto para poderem ter a compreensão global do que se passava princípio básico do processo da interpretação simultânea, em que os intérpretes continuam a insistir hoje em dia, uma vez que dependem das expressões faciais e outros movimentos corporais tanto quanto das próprias palavras sendo proferidas, para terem uma

compreensão global do sentido da mensagem.  
(PAGURA, 2010, p. 47)

É importante salientar que estamos relatando aqui apenas sobre a interpretação de e para as línguas orais e, mesmo assim, é possível perceber que os aspectos visuais se tornam de extrema necessidade para contribuir com a tarefa do intérprete. Não só a palavra, mas os elementos corporais e faciais que combinados se tornam indispensáveis para a compreensão do discurso que será interpretado.

Figura 2: Réus e, ao lado, os intérpretes em Nuremberg.



Fonte: Pagura (2010, p. 49)

Figura 3: Intérpretes em Nuremberg



Fonte: Pagura (2010, p. 50)

É possível observar nas figuras 2 e 3 que em cada cabine atuavam três intérpretes, os três dominavam a mesma língua de chegada. Pagura

(2010, p. 50) explica que na cabine do inglês, por exemplo, “um intérprete trabalhava do francês para o inglês, outro do russo para o inglês e outro do alemão para o inglês. A mesma organização era encontrada na cabine do francês, do russo e do alemão”.

A equipe geral do julgamento continha três subequipes, com um total de 12 intérpretes cada. Enquanto uma atuava na sala do tribunal, a outra ficava em uma sala ao lado, recebendo o som original e a interpretação dos colegas, para que estivessem prontos a substituí-los quando necessário, enquanto a terceira equipe estava de folga, para descansar (PAGURA, 2010, p. 49).

Sem dúvidas, o julgamento de Nuremberg foi um marco para a interpretação simultânea. Essa experiência fez com que a interpretação fosse conhecida e mais utilizada. Bowen *et al.* (2003) descreve que os funcionários das Nações Unidas viram a eficácia da interpretação simultânea e convidaram o coronel Léon Dostert para coordenar uma equipe de intérpretes que atuariam nas Nações Unidas e trabalhariam com os seguintes idiomas: francês, russo, inglês e espanhol, além do chinês (caso fosse possível ter intérpretes para essa língua).

Um aspecto interessante é que a interpretação simultânea não foi inserida na Organização das Nações Unidas (doravante ONU) de forma passiva e tranquila. Havia opositores ao modelo, que criticavam seu uso e defendiam a permanência da interpretação consecutiva. De acordo com Pagura (2010, p. 57) eles “alegavam que a interpretação simultânea não era precisa e exata ao comparar com a consecutiva, ela obrigava todos a usarem fones de ouvido” e que a consecutiva permitia aos delegados elaborarem melhor suas réplicas. Pagura (2010), a partir de alguns autores, nos relata com detalhes esse período de consolidação da interpretação simultânea:

Os poucos defensores da simultânea, sob a liderança de Dostert, apregoavam a enorme economia de tempo e, conseqüentemente, dinheiro que ela possibilitava, além de permitir a utilização de todas as línguas oficiais da organização e uma reação mais rápida e natural durante os debates, sem privilegiar alguns delegados, uma vez que todos ouviriam o mesmo discurso ao mesmo tempo. Um argumento imbatível é que a simultânea estava sendo utilizada com êxito em Nuremberg. Parece claro, também, que havia grande preocupação por parte dos intérpretes consecutivos

com uma possível perda de seu status de “estrelas”. (PAGURA, 2010, p. 57)

O uso da interpretação simultânea foi se inserindo na prática cotidiana gradativamente, se tornando mais comum. Os comitês e organizações optavam por esse modelo em suas reuniões, pois, de fato, havia muitas vantagens no uso desse tipo de interpretação, como a economia de tempo durante as seções que deveriam ser interpretadas.

Bowen *et al.* (2003) contam que a interpretação consecutiva e a simultânea continuavam sendo usadas nas assembleias gerais da ONU, mas ressalta que, no ano de 1947, por intermédio da resolução 152, a “interpretação simultânea foi instituída como um serviço permanente em combinação com a consecutiva ou como uma alternativa” (BOWEN *et al.* 2003, p. 263). Os autores ainda relatam em relação à consolidação da interpretação simultânea que, a partir de 1950, com o aprimoramento dos equipamentos, a interpretação simultânea é aceita integralmente e passa a ser amplamente utilizada, inclusive na atualidade. (BOWEN *et al.*, 2003)

Vale salientar que não é propósito deste trabalho realizar uma análise detalhada da história da interpretação de conferência. Entretanto, parece-nos importante conhecer melhor como a interpretação surge e quais são os principais momentos que marcam a consolidação dessa atividade, motivo pelo qual selecionamos os fatos expostos.

No que se refere à história dos ILSs, infelizmente ainda não temos nenhum estudo que nos permita contar com detalhes esse percurso da atuação desses profissionais e, mais especificamente, da atuação em contexto de conferências. Alguns autores apontam a década de 1980 como um marco na atuação oficial dos intérpretes de Libras–Português (QUADROS, 2004; ROSA, 2005; SANTOS, 2006; GESSER, 2009; SOUZA, 2014) e indicam o contexto religioso como sendo um dos principais lugares a dar início a atuação dos intérpretes. A esse respeito, Rosa (2005) ainda afirma que:

Embora a atividade de intérprete de LIBRAS já exista há muitos anos, o interesse e o investimento por parte dos órgãos públicos na profissionalização desses indivíduos são bem recentes. Os intérpretes de LIBRAS surgiram dos laços familiares e da convivência social com vizinhos, amigos e igrejas. Devido essa característica não há muitos registros sobre a profissão. (ROSA, 2005, p. 239)



É possível perceber pela afirmação que esses profissionais iniciam essa atuação à margem da sociedade, muitos por interesses familiares ou missionários. Esses primeiros intérpretes tiveram um papel importante para a visibilidade da LS e para o pioneirismo na atuação dos intérpretes. Na época em que a LS não possuía prestígio algum, Leite (2005) registra um fato histórico que marca a atuação dos intérpretes de Libras–Português:

Por ocasião da constituinte que preparou a Constituição Brasileira de 1988 surgiram as comissões de luta das pessoas portadoras de deficiência. No Rio de Janeiro, a representação dos surdos foi constituída por Ana Regina de Souza Campello e João Carlos Carreira Alves, que tinham como intérprete nos eventos a jovem pernambucana, Denise Coutinho, que se encontrava nessa cidade para estudar. Era ela já conhecedora da língua de sinais e, portanto, assumia, corajosamente, a tarefa de interpretar em público em uma época que nenhum incentivo existia para o exercício dessa função, muito pelo contrário, era uma atuação considerada por profissionais da área, como sendo um retrocesso à imagem social dos surdos e das pessoas que assim, por ventura procedessem, sendo, severamente criticadas e desprestigiadas. A estudante Denise Coutinho foi a primeira pessoa a assumir a interpretação da LIBRAS publicamente, em evento coletivo, podendo ser considerada a primeira intérprete de LIBRAS no Rio de Janeiro, quiçá no Brasil. (LEITE, 2005, p. 38)

Esse relato mostra a posição ousada de Denise Coutinho ao realizar a interpretação que, naquele período, não era bem vista devido às concepções que existiam em relação à pessoa surda e à Libras. Esse relato talvez seja um dos primeiros e principais registros que envolve a atuação de intérpretes de Libras–Português, em contexto de conferência. Nesse sentido, pelo exposto por Leite (2005), entendemos que os ILSS, no Brasil, do mesmo modo que os ILOs no mundo, iniciam sua atuação de forma marginal, inicialmente nem considerada de fato uma profissão. Lacerda (2012) nos lembra que:

Em vários países há tradutores e intérpretes de língua de sinais, e em todos eles a história da constituição desse profissional se deu a partir de atividades voluntárias que foram sendo valorizadas como trabalho, na medida em que os surdos foram conquistando maior espaço social. (LACERDA, 2012, p. 270)

É evidente que as conquistas dos surdos proporcionaram aumento da demanda de intérpretes e, conseqüentemente, maior reconhecimento para esses profissionais. Nesse sentido, Souza (2014, p. 23) afirma que “podemos dizer que o status social do TILSP<sup>25</sup> é um espelho das concepções que a sociedade tem em relação à língua de sinais e à comunidade surda”, sendo assim, quanto maior a valorização da LS, maior o reconhecimento profissional em relação aos intérpretes.

Em 2014, a professora Ana Regina de Souza e Campello, fundadora, enquanto presidente da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (doravante FENEIS), concedeu uma entrevista para a Associação Catarinense de Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais (doravante ACATILS).<sup>26</sup> Nessa entrevista, ela narra alguns fatos sobre a trajetória histórica dos ILSs no Brasil e nos passa algumas informações anteriormente não registradas.

Ela relata que, em 1981, em um congresso de pessoas com deficiências, realizado em Recife, evento em que participavam também outros surdos, não havia intérpretes. Ely Pietro, como por um “milagre”, se aproximou dos surdos quando estavam reunidos em um grupo de trabalho do evento, informando que era ouvinte e que sabia a LS, e questionando se os surdos precisavam de auxílio. Então, a partir daquele momento, os surdos começaram a perguntar para ele o que as pessoas estavam falando e ele fazia a interpretação. Não se tinha a consciência, como informa Campello, de que aquela atividade era uma interpretação ou que Ely era um intérprete.

Esse fato narrado por Campello (2014, tempo do vídeo, 03:59-04:53),<sup>27</sup> antecede o relato de Leite (2005) sobre a atuação dos intérpretes

---

<sup>25</sup> Tradutor Intérprete de Libras/Português.

<sup>26</sup> Essa entrevista foi concedida ao projeto de extensão de entrevistas proposto pela Profa. Silvana Aguiar dos Santos em parceria com a ACATILS. A entrevista está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=V-UjNz-8zDw>>. Acesso em: novembro de 2015

<sup>27</sup> Entrevista concedida por CAMPELLO, Ana Regina de Souza e. Entrevista I. [jul. 2014]. Entrevistador: Silvana Aguiar dos Santos. Florianópolis, 2014. 1

em conferências, mesmo que tenha ocorrido de forma totalmente despreziosa, nos parece ser um marco para o início do trabalho dos intérpretes no Brasil.

Campello (2014, tempo do vídeo, 05:26-08:28) ainda contou que, em 1986, viajou para participar do 10º Congresso da World Federation of the Deaf (WFD) e lá se reuniu com pessoas de 127 países, quando então se deparou com a atuação de vários intérpretes, trabalhando com surdos de diversas nacionalidades. Ela explica que, nessa ocasião, buscou informações sobre as atividades dos intérpretes e locais de atuação. Ao retornar para o Brasil, tinha clareza de que necessitaria promover algo que motivasse e contribuísse com os intérpretes, assim beneficiando as pessoas surdas.

No ano de 1988, é realizado o primeiro congresso de ILSs do Brasil. Esse evento contou com muitos intérpretes que já atuavam em várias regiões do país. Campello sinaliza a presença de Ronice Müller de Quadros, Ricardo Sander, Ely Pietro, Evanise e Denise Coutinho. Ela destaca forte participação dos gaúchos no evento e cita os principais temas discutidos: o papel dos intérpretes, a necessidade da criação de um código de conduta ética, além da proposta de criar dentro da FENEIS um departamento nacional de intérpretes.

Campello (2014, tempo do vídeo, 11:05-12:30) lembra que convidou Ronice Müller de Quadros para assumir a coordenação desse departamento. Ao aceitar, Ronice se tornou a primeira diretora do departamento de ILSs dentro da FENEIS. Campello ainda informa na entrevista que era um trabalho muito árduo, pois o Brasil é muito grande e as interações que se faziam na época eram por meio de cartas. Dentre as principais atividades do departamento podemos citar a elaboração do primeiro código de conduta ética, promoção de cursos de terminologias em LS e orientação quanto a questões relacionadas à contratação e valores dos serviços.

A entrevistada ainda informa que o departamento funcionou na FENEIS até a criação da primeira associação de intérpretes em São Paulo, a Associação dos Profissionais Intérpretes e Guias-intérpretes de Língua de Sinais Brasileira do Estado (APILSBESP), em 12 de dezembro de 2004, e posteriormente, com maior autonomia, a fundação da Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Intérpretes e Guias-

---

arquivo. (26mim56sec.). Entrevista concedida ao Projeto Entrevistas ACATILS. A entrevista na íntegra encontra-se disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=V-UjNz-8zDw>>. Acesso em: novembro de 2015

intérpretes de Língua de Sinais (FEBRAPILS), em 22 de agosto de 2008, em Brasília, porém com registro somente em 22 de setembro de 2008.

Os fatos que foram narrados nos levam a entender que a interpretação para a LS no Brasil, de forma geral, inicia sem prestígio algum. Com o passar dos anos, todavia, a atividade foi sendo estabelecida e consolidada em busca de um processo de profissionalização. Percebemos que, do mesmo modo que os ILOs (por exemplo, os que atuaram em Nuremberg), os ILSs também iniciaram sua atuação pela necessidade prática, de forma empírica e sem qualquer formação formal prévia e, uma prática legítima, que esses intérpretes “têm desenvolvido sua proficiência e habilidade de interpretar a partir, digamos, de uma situação de ‘emergência’ comunicativa na interação entre surdo/ouvinte” (GESSER, 2009, p. 47).

### 3.2 PROCEDIMENTOS E CARACTERÍSTICAS DA INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA

A interpretação simultânea é a modalidade mais comum utilizada em grandes eventos. Como visto anteriormente, ela se estabeleceu por ser considerada um modo menos moroso de interpretação. Russo (2010) nos fala sobre esse tipo de interpretação:

A Interpretação Simultânea é uma habilidade cognitiva complexa usado para servir de comunicação entre falantes de diferentes línguas e culturas. Ela implica na transposição oral de uma mensagem em um idioma de origem para uma língua-alvo, enquanto a mensagem está a ser entregue. Por isso, o intérprete tem que ouvir o orador e ao mesmo tempo produzir sua própria fala. (RUSSO, 2010, p. 333).

Essa modalidade de interpretação exige do intérprete um excelente conhecimento geral, uma excelente proficiência na compreensão e na produção das línguas envolvidas e habilidades, como a capacidade de coordenar o ouvir e o falar ao mesmo tempo. Russo (2010) informa que essas habilidades podem ser desenvolvidas a partir da formação.

Automonitorização cuidadosa faz um intérprete simultâneo consciente do que precisa ser melhorado através da formação: a compreensão, memória e ao conhecimento ou competência na

língua-alvo. Em conclusão, a interpretação pressupõe grande agilidade mental, sensibilidade pragmática e a flexibilidade necessária para lidar com uma vasta gama de variáveis controláveis e não controláveis que afetam o processo. (RUSSO, 2010, p. 335)

De acordo com o que já apresentamos no capítulo anterior, Gile (1995, 1999) propôs o Modelo dos Esforços, que auxilia os intérpretes a identificar suas deficiências no processo de interpretação. De modo geral, o autor postula que o sucesso da interpretação simultânea resulta de um equilíbrio entre quatro principais operações cognitivas (esforços), competindo por capacidade de processamento limitada: recepção, memorização, produção e coordenação dos três outros esforços.

Gile (1999) ainda afirma em sua teoria do Modelo dos Esforços e em sua *Tight trope Hypothesis*, ou “Hipótese da Corda Bamba”, que o intérprete trabalha sempre com o nível de saturação cognitiva em alta. Assim, no momento da atuação simultânea, o intérprete necessita basicamente dividir sua atenção em ouvir a mensagem e reproduzir o discurso na outra língua, o que ameaça constantemente sobrecarregar sua capacidade de processamento.

Uma das características da interpretação simultânea é a de lidar com essas variáveis que podem aparecer durante a interpretação. O imediatismo é uma das principais propriedades desse modelo de interpretação e, ao contrário da consecutiva, não há pausas: a pessoa que fala segue seu discurso em um fluxo contínuo enquanto a interpretação está acontecendo.

Na modalidade da interpretação “simultânea”, a questão da simultaneidade, na verdade é relativa. Existe sempre um *delay* entre a pessoa que fala e a produção do intérprete. Para conseguir realizar esse processo, o intérprete utiliza sua memória de curto prazo, o que exige dele também habilidades de processamento cognitivo, para que faça rápidas tomadas de decisões e escolhas interpretativas. Necessitando ainda uma concentração absoluta e grande esforço mental, além de atenção visual e atenção ao contexto.

Em relação à interpretação simultânea realizada por ILOs, Pagura (2003) nos apresenta a seguinte definição:

A modalidade simultânea é a mais amplamente utilizada hoje em dia, embora só tenha se firmado no pós-guerra, com as necessidades surgidas no Julgamento de Nüremberg, em que se utilizaram

quatro idiomas (inglês, francês, russo e alemão) e, quase que imediatamente a seguir, com a criação da Organização das Nações Unidas, onde se utilizam seis idiomas oficiais (inglês, francês, espanhol, russo, chinês e árabe). Nessa modalidade, os intérpretes – **sempre em duplas** – trabalham isolados numa cabine com vidro, de forma a permitir a visão do orador e recebem o discurso por meio de fones de ouvido. Ao processar a mensagem, re-expressam na língua de chegada por meio de um microfone ligado a um sistema de som que leva sua fala até os ouvintes, por meio de fones de ouvido ou receptores semelhantes a rádios portáteis. Essa modalidade permite a tradução de uma mensagem em um número infinito de idiomas ao mesmo tempo, desde que o equipamento assim o permita (PAGURA, 2003, p. 211).

A partir da definição acima, é possível identificar algumas características da interpretação simultânea. A primeira delas é que ultimamente é a modalidade mais utilizada e, a segunda, é que ela deve ser realizada em duplas (ou como entendido por nós, em equipe) e, em terceiro, é que entre os ILOs, essa modalidade acontece dentro de uma cabine.

Ao contrário dos ILOs, que sempre atuam com essa modalidade dentro da cabine de interpretação, é possível que com os ILSs, por estarem trabalhando com línguas de modalidades diferentes (aqui o Português e a Libras), eles estejam no palco próximo ao orador, ou logo à frente do palestrante sentado na plateia, quando estão interpretando para a língua oral. Rodrigues (2013) diz que:

É relevante destacar que a IS (interpretação simultânea) realizada por ILS, não usa, na maioria dos casos, equipamentos especiais, salvo em casos de grandes eventos, nos quais a imagem do intérprete é veiculada em telões ou em casos vocalização/verbalização (interpretação da LS para o Português), nos quais são usados os equipamentos de som, quando necessário. (RODRIGUES, 2013, p. 39)

Nesse período, Rodrigues (op. cit) ainda não registra a utilização da cabine da interpretação simultânea como um equipamento possível de

ser utilizado por ILSs, ao realizarem a interpretação de Libras para o Português. Realidade que será registrada nesse trabalho, visto que tal modalidade aconteceu no IV Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa com a equipe de intérpretes que atuou no evento, no ano de 2014.

Contudo, conforme as questões apresentadas, percebemos a complexidade da interpretação, em que o intérprete ouve ou vê e deve falar ou sinalizar ao mesmo tempo, levando em conta aspectos como o conteúdo, a intenção do autor, o sentido, a prosódia de toda a mensagem que deve ser transmitida, tomando decisões imediatas, administrando uma comunicação com o colega de apoio e, mais ainda quando longe do palestrante, impossibilitando qualquer interrupção para esclarecimento pois o intérprete se encontra em uma cabine de interpretação simultânea.

Basicamente, a cabine é utilizada nas línguas orais para que não se tenha a sobreposições de vozes. Assim, os intérpretes se isolam em uma cabine à prova de som e recebem o áudio do palestrante por meio de fones de ouvido, à medida que ouvem o discurso na língua-fonte vão interpretando e produzindo o discurso na língua-alvo que, captada pelo microfone, é encaminhada ao público por meio de ondas de rádio que com seus receptores sem fio e fones de ouvido individuais podem ter acesso à interpretação produzida na cabine.

### 3.3 O TRABALHO DE INTERPRETAÇÃO EM EQUIPE

Conforme apresentado anteriormente, a modalidade de interpretação simultânea requer dos intérpretes a atuação de, no mínimo, duplas, formando assim uma equipe. Existem vários fatores que influenciam essa demanda. Discorreremos sobre alguns trabalhos abordados na literatura quanto a essa forma de atuação.

De acordo com Hoza (2010), alguns fatores precisam ser considerados ao decidir se uma equipe é ou não necessária. O autor relata que comumente as situações que envolvem essa demanda são as seguintes:

Reuniões e aulas prolongadas (mais de uma hora);  
Cursos avançados, conferências profissionais,  
discussões de alto nível e grandes reuniões em  
grupo; Atribuições que envolvem pessoas  
surdocegas, pessoas que possuem dificuldades  
cognitivas ou emocionais e pessoas que podem  
usar o discurso não-padrão ou com forte sotaque;

Grandes conferências, e onde a capacidade de ver e/ou ouvir a interpretação é limitada, onde os intérpretes estão posicionados em um local para atender às necessidades de todos; e Sessões de psicoterapia intensiva ou situações que são de alta complexidade (HOZA, 2010, p. 1).

Ao observarmos esses pontos levantados por Hoza (2010), que elucidam quando há necessidade de uma equipe de intérpretes, notamos que as equipes são formadas principalmente quando ocorrem situações com momentos de longa duração, ou que se tenha uma organização complexa e com necessidades específicas ou até mesmo que envolva um ambiente emocional e fisicamente complicado e delicado.

O Registry of Interpreters for the Deaf (doravante RID),<sup>28</sup> órgão de certificação de intérpretes nos Estados Unidos, fornece um quadro com normas básicas para o trabalho profissional de seus membros. Esse documento também provê algumas informações específicas sobre a configuração da prática. Eles definem equipes de intérpretes da seguinte maneira:

Equipe de interpretação é a utilização de dois ou mais intérpretes atuando como membros iguais de uma equipe, alternando responsabilidades em intervalos predefinidos, e fornecendo apoio e feedback um para o outro (RID, ver 8/97 atualizado 2007).<sup>29</sup>

Para o RID, a decisão de organizar uma equipe de intérpretes precisa ser baseada em alguns fatores, tais como: duração e complexidade da atuação, necessidade do cliente, dinâmica (física e emocional) do ambiente interpretado e para prevenção de lesões por esforço repetitivo (também conhecida pela sigla LER).

Como aconselhado pelo RID, as autoras Napier, McKee e Goswell, (2006) também apresentam justificativas relacionadas às questões físicas, os cuidados com a saúde para legitimar a necessidade de uma atuação em equipes. Para as autoras, isso se torna importante também para a redução do risco de LER, que pode acontecer com intérpretes que trabalham por horas seguidas e sem intervalos, além da fadiga afetar na qualidade da interpretação.

---

<sup>28</sup> Registro de Intérpretes para Surdos

<sup>29</sup> Tradução nossa.



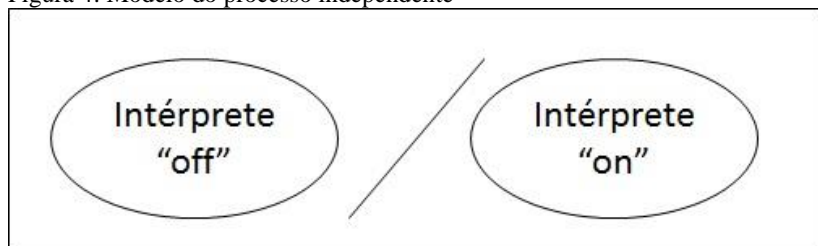
Napier, McKee e Goswell, (2006) alertam que LER (ou *occupational overuse syndrome*, em inglês) é um perigo principalmente para intérpretes que trabalham sozinhos durante grandes períodos, sendo assim, de acordo com os autores, a interpretação em equipe é uma técnica valiosa para reduzir o estresse físico e mental.

Para as mesmas autoras, trabalhar em equipe significa lidar com um parceiro, de modo que as responsabilidades vão se alternando entre os intérpretes, quando um tem a função “ativa” no momento da atuação enquanto o outro na função “passiva” aguarda para assumir a função “ativa” e, nesse momento, tem a responsabilidade de dar suporte à interpretação.

Contribuindo ainda em relação ao trabalho em equipe, Hoza (2010) afirma que, em torno dos anos de 1980, nos EUA, a consciência a respeito da perda da qualidade na interpretação após 30 minutos de trabalho, devido à fadiga e o risco de consequências físicas, por conta do uso excessivo dos membros superiores, contribuíram para se iniciar um processo de criação de equipes em eventos.

Segundo Hoza (2010), essa tomada de conhecimento por parte dos intérpretes em relação às síndromes e às doenças físicas que podem resultar da interpretação por grandes períodos fez com que não apenas eles entendessem a necessidade do trabalho em equipe, mas contribuiu para que se estabelecesse o primeiro modelo de atuação de uma equipe. Nesse modelo de atuação, um dos intérpretes tinha a responsabilidade pelo turno na produção do texto para a língua-alvo, enquanto o outro estaria descansando, a fim de aliviar a fadiga física, podemos chamar esse modelo de revezamento. A seguir, o primeiro modelo apresentado:

Figura 4: Modelo do processo independente



Fonte: Hoza (2010, p. 5)

Tal perspectiva apresentada por Hoza (2010) reflete a atuação da equipe até na terminologia referendada aos intérpretes. Um dos intérpretes era chamado de “on” (que traduziremos para “ativo”), o qual

tinha o turno da interpretação, na função considerada “ativa” de interpretação; e o outro intérprete era chamado de “*off*” (traduziremos para “inativo”), o qual ficava nessa posição, sem nenhuma atividade relacionada ao que estava acontecendo com o colega, em um momento de completa pausa da interpretação.

Conforme está apresentado no modelo, é possível perceber que a equipe demonstra a presença de ambos os profissionais, porém atuam de forma totalmente independente. Isso significa dizer que a interpretação não é compartilhada entre eles e que o foco deste modelo não é um trabalho colaborativo, mas que aja alívio da fadiga física e mental. Em outras palavras podemos chamar tal atitude de revezamento.

No entanto, conforme já havíamos comentado, o trabalho em equipe ainda não é uma realidade em todas as situações ou instituições em que intérpretes de Libras–Português atuam. Porém, essa realidade se torna mais frequente e comum, principalmente devido ao processo de formação e profissionalização, bem como com a abertura de novos campos de atuação, o que nos leva a acreditar que esse é um ponto que precisa ser melhor investigado, de forma aprofundada.

Um dos argumentos legais para a prática da atuação em equipe, que favorece a diminuição das cargas mentais e físicas, encontramos nas normas regulamentadoras de Ergonomia NR 17, que trata de normas de trabalho em geral, indicando que sejam realizadas pausas para descanso: “17.6.3. Nas atividades que exijam sobrecarga muscular estática ou dinâmica do pescoço, ombros, dorso e membros superiores e inferiores, e a partir da análise ergonômica do trabalho”.<sup>30</sup> No entanto, ainda carecemos de outras normativas e pareceres técnicos.

Magalhães Junior (2007) trata brevemente da interpretação realizada por dois profissionais, iniciando com uma justificativa para tal prática na qual ele afirma:

A principal razão para se trabalhar a dois é a absoluta atenção exigida no ofício. Eventos desafiadores com grande densidade de conteúdo apresentando em alta velocidade, requerem dos intérpretes total foco na conferência. [...] Está provado que o ser humano só é capaz de manter níveis ótimos de atenção por curtos períodos de tempo. Trabalhando em dupla, os intérpretes têm a

30

Disponível

em

<[http://portal.mte.gov.br/data/files/FF8080812BE914E6012BEFBAD7064803/nr\\_17.pdf](http://portal.mte.gov.br/data/files/FF8080812BE914E6012BEFBAD7064803/nr_17.pdf)> Acesso em: setembro de 2015

possibilidade de se revezar a cada 20 ou 30 minutos, permitindo com isso que cada um dê o máximo de si quando chegar sua vez (MAGALHÃES JUNIOR, 2007, p. 108).

Em relação a esse revezamento apontado por Magalhães Junior (2007), considerando a densidade da atividade e os fatores físicos que influenciam, Metzger (2010) realiza um mapeamento das pesquisas sobre interpretação de língua de sinais americana, indicando estudos que tinham como foco o processamento cognitivo, como por exemplo, o estudo de Babbini (1976 *apud* METZGER 2010, p. 18), concentrando-se em relação aos efeitos da fadiga na competência dos intérpretes. Esse estudo aponta que o intervalo entre 20 e 30 minutos é o melhor tempo para o trabalho da interpretação. Metzger (2010) ainda afirma que essa pesquisa foi fundamental para iniciar uma prática de revezamento entre os intérpretes que trabalhavam em equipe.

Em relação a essa questão da fadiga, Marcer, Kunzil e Korac (1998) realizaram uma pesquisa com ILOs, e concluíram que a fadiga mental compromete a precisão da língua-alvo. Eles constataram que quanto mais longa é a interpretação, mais frequente é o número de erros e omissões. Os autores recomendam turnos mais curtos para assumir a interpretação de conferência e, assim, garantir permanentemente um nível elevado na qualidade da produção da língua-alvo.

Gabrian e Williams (2005) também mencionam a importância da troca de turnos entre os intérpretes em um intervalo de aproximadamente 20 minutos, mas ressaltam que essa não é uma realidade encontrada na área. Os autores ainda afirmam que esse trabalho em equipe acontece para que os intérpretes possam também apoiar um ao outro, não apenas para pedir a opinião do colega quanto à interpretação ou a sugestão de uma estratégia, mas para que, quando a capacidade cognitiva estiver saturada, exista a possibilidade de outro colega assumir a interpretação.

Em relação ao revezamento, Napier, McKee e Goswell, (2006) expõem que estudos indicam que entre 20 e 25 minutos é o período adequado para a concentração do intérprete, depois desse tempo, inicia-se um processo de fadiga que pode afetar a produção da mensagem, portanto, geralmente a troca de turno pelos ILSs e os de língua oral é a cada 20 ou 30 minutos.

Assim, entendemos, de forma geral, que a presença de uma equipe conta com no mínimo duas pessoas, que atuam em conjunto, a fim de que exista o revezamento na produção da interpretação, pois sabemos que a interpretação quando realizada por longos períodos, torna-se física e

mentalmente exaustiva. Além de contribuir para evitar o cansaço físico, existe a possibilidade de ter o auxílio desse colega, qualificando o processo interpretativo, apoiando a produção do discurso.

Hurtado Albir (1999; 2011) chama de “estratégias de tradução” os procedimentos conscientes e inconscientes, verbais e não verbais, internos (cognitivos) e externos, utilizados para o desenvolvimento do processo de tradução para melhor eficácia em função das necessidades específicas. Nesse sentido, entendemos que o trabalho em equipe pode ser considerado uma estratégia da interpretação, um mecanismo para resolver problemas no processo de transferência de uma língua para a outra, ou até mesmo dificuldades de ordem psicofisiológicas.

Alguns autores nomeiam como “apoio” esse suporte realizado entre os intérpretes de uma mesma equipe, Silva (2013) define da seguinte maneira:

Uma equipe de interpretação refere-se a situações em que dois ou mais intérpretes estão trabalhando juntos com o objetivo de realizar uma interpretação, no qual um intérprete **apoia** o outro. (SILVA, 2013, p. 78)

Brück (2011) também explicita que normalmente os intérpretes atuam em equipe em contextos muito difíceis e de longa duração e o objetivo do trabalho em equipe é o de garantir uma maior qualidade e precisão na atuação ao longo do tempo. Conforme já mencionamos, percebemos então que a longa duração dos eventos interpretados é um dos principais fatores que justificam a formação de uma equipe. É comum vermos intérpretes relatando sobre essa questão com seus contratantes, objetivando convencê-los da necessidade de mais de um intérprete.

O estudo de Brück (2011) analisou, por meio de entrevistas abertas, as opiniões de usuários: oito clientes surdos e oito ILSs que trabalhavam em equipe. A pesquisadora questionou aspectos da equipe de intérpretes tais como: composição das equipes e seu comportamento, características boas e ruins das equipes de intérpretes, fatores que favorecem uma equipe para que seja bem-sucedida, verificando ainda fatores que poderiam influenciar o trabalho em equipe. Além disso, Brück (op. cit.) apresenta um estudo sobre o estado-da-arte relacionado às pesquisas que abordam o tema do trabalho em equipe, tradução simultânea e a interpretação na Áustria, com informações sobre os usuários surdos e a Língua de Sinais Austríaca, sugerindo alguns aspectos para a melhoria do trabalho em equipe.

Napier, McKee e Goswell, (2006) expõem que não é apenas a questão da fadiga que acaba sendo um fator que influencia a atuação em equipe, mas eles ainda afirmam que quando uma equipe trabalha em conjunto, os membros dessa equipe apoiam um ao outro, contribuindo para melhorar a interpretação.

Quando uma equipe funciona bem em conjunto, apoia um ao outro afim de melhorar a interpretações alheia. Embora possa parecer que um intérprete é "on", enquanto o outro é "off", ambos os intérpretes estão trabalhando. O intérprete que é "passivo" ainda é responsável por apoiar o trabalho do parceiro, ao invés de se desligar completamente. (NAPIER; MCKEE; GOSWELL, 2006, p. 137)<sup>31</sup>

Nessa perspectiva, ambos os intérpretes estão atuando. O intérprete que teoricamente não está na função “ativa” continua como responsável em apoiar o trabalho do parceiro, em vez de se “desligar” do processo de interpretação. Com isso, o intérprete de apoio necessita estar alerta para que possa contribuir com o colega, caso perca alguma informação essencial ou que perceba que a informação não está de forma clara.

Um das posições possíveis dos ILSs em contexto de conferência e a função do intérprete de apoio são percorridas por Albres e Santiago (2012):

No caso dos intérpretes de Língua de Sinais, em conferências, sua posição é aparente, pois fica de frente para o público e ao lado do conferencista. Também deve trabalhar em dupla. Enquanto um desenvolve a função de intérprete da vez o outro deve sentar-se à frente e trabalhar como intérprete de apoio. Fica observando a interpretação e caso o intérprete da vez tenha alguma dificuldade pode sinalizar indicando um sinal ou ideia para que o intérprete da vez possa retornar à interpretação (ALBRES e SANTIAGO, 2012, p. 52)

Todavia, para que uma equipe possa funcionar de forma efetiva, alguns procedimentos e estratégias devem ser observados e adotados por seus membros.

---

<sup>31</sup> Tradução nossa.

Baseado nos argumentos de Napier, McKee e Goswell, (2006), apresentamos abaixo o quadro 7, com uma tradução dos tópicos levantados pelas autoras sobre as estratégias para uma interpretação eficaz em equipe:

Quadro 7: Estratégias para uma interpretação em equipe efetiva<sup>32</sup>

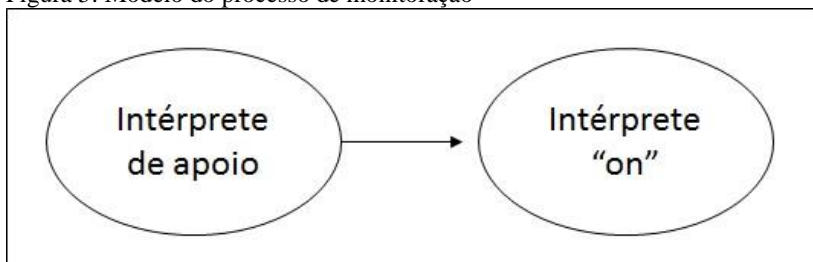
1. Decidir onde e se sentar ou ficar de pé, garantindo uma posição clara em relação ao outro, e, se necessário, contribuindo ou alertando com sinais.
2. Decidir como dividir o trabalho. Em algumas situações como reuniões, pode ser mais eficaz um intérprete se concentrar em uma única direção de interpretação. As direções acordadas podem ser alternadas, para que se iguale a carga de trabalho.
3. Discutir a melhor forma de dar e receber contribuições, quando a informação é perdida.
4. Usar anotações para ajudar uns aos outros; o intérprete de apoio anota itens que são difíceis de reter tais como nomes e números grandes, para que o intérprete atuante possa olhar e recuperar sem interromper o fluxo da interpretação.
5. Negociar os turnos de interpretação e quando realizar a troca; o intérprete de apoio geralmente controla o tempo, mas o intérprete do turno que geralmente decide o momento preciso para essa troca.
6. Acordar como a troca será “coreografada” para minimizar a possibilidade de interromper os outros participantes (isto é, não tropeçando uns nos outros ou empurrando o outro para fora do local definido).
7. Esclarecer a forma de dar e receber <i>feedback</i> sobre o trabalho de cada um.
8. Discutir e acordar opções de termos especializados de antemão.
9. Monitorar um ao outro, no estabelecimento de locais de referência no espaço e manutenção da sequência lógica do texto na língua-alvo e, caso seja preciso, realizar a alteração ao longo da apresentação.
10. Em contextos de conferência, onde há uma série de apresentadores, dividir os discursos entre os intérpretes e, dessa forma, se aproveita o conhecimento pessoal do assunto e/ou familiaridade com o palestrante.

Fonte: Napier, McKee e Goswell (2006, p. 137)

<sup>32</sup> Tradução nossa

Essas estratégias sugeridas por Napier, McKee e Goswell, (2006) se relacionam com o segundo modelo de equipe de interpretação apresentado por Hoza (2010). Conforme o autor aponta, esse segundo modelo começa a ser instaurado a partir do momento em que a concepção começou a mudar em relação à atuação dos intérpretes. A preocupação não era mais exclusivamente com a redução da fadiga, mas agora com a precisão da mensagem na língua-alvo. Na figura 5, visualizamos uma ilustração sobre a forma como a interação na equipe acontece.

Figura 5: Modelo do processo de monitoração



Fonte: Hoza (2010, p. 6)

Encontramos também, nesse segundo modelo dado pelo autor, uma preocupação em relação à fadiga do intérprete. Existe, na proposta, a indicação do revezamento entre 20 a 30 minutos, mas, de forma geral, ocorre uma mudança no funcionamento da equipe. Nesse modelo, os profissionais identificam que os membros da equipe são responsáveis pela precisão da mensagem interpretada. Assim, além da troca de turnos por tempo, é esperado que o intérprete que não está na posição de intérprete “ativo” monitore a interpretação, a fim de corrigir possíveis equívocos produzidos por sua dupla.

Portanto, é possível perceber uma mudança significativa nesse segundo modelo, em oposição ao primeiro modelo em que os membros da equipe mantinham uma postura independente, “eles começam a ver que têm obrigações para com cada participante, na integridade da mensagem” (HOZA, 2010, p. 6). O modelo é chamado de “monitoramento do processo”, e a ideia é que o intérprete possa cooperar com informações perdidas ou corrigir informações que são interpretadas de um modo não adequado, bem como estar fisicamente presente na sala.

A necessidade das equipes de intérpretes de trabalhar em conjunto para garantir equivalência na mensagem na língua-alvo requer que as equipes

determinem quando e como fornecer suportes. Os autores salientam a necessidade de discutir estilos de apoio com antecedência. Essa discussão inclui se o intérprete “ativo” prefere apoio de conceitos inteiros ou únicas palavras / sinais, ou se o intérprete “ativo” prefere outras sugestões, como um aceno de cabeça com indicações visuais que o intérprete está no caminho certo com a interpretação.<sup>33</sup> (HOZA, 2010, p. 6)

A partir do que Hoza (2010) apresenta e igualmente ao que recuperamos na literatura, nos parece que uma das premissas para o trabalho em equipe é a conversa antes da situação de interpretação entre a equipe que irá atuar. Esse encontro tem uma função muito importante: a do compartilhamento entre os intérpretes em relação ao modo que preferem receber as contribuições e quais são os tipos de apoio mais eficientes para a interpretação. Evidentemente, para que essa conversa aconteça de forma eficaz é importante que os intérpretes saibam como receber e dar apoio, é preciso que minimamente conheçam sobre o trabalho em equipe.

Um estudo realizado por Cokely e Hawkins (2003) identifica que é comum os intérpretes solicitarem o apoio no momento de trabalho em equipe, de maneira diferente como realmente atuam na prática. Cokely e Hawkins (op. cit.) apontam uma discrepância entre os comportamentos dos intérpretes antes da sessão de interpretação, quando eles dizem o que vão fazer e usar para solicitar apoio e o comportamento que eles realmente têm durante a interpretação.

Com base nos resultados deste estudo, Cokely e Hawkins relatam que é evidente que os intérpretes do estudo ou não estão plenamente conscientes dos comportamentos como podem e precisam olhar e como poderão de forma mais eficaz pedir o que necessitam.<sup>34</sup> (HOZA, 2010, p. 7)

Por fim, Hoza (2010) apresenta um terceiro modelo de interpretação em equipe, chamada de “colaborativa interdependente”. Segundo o autor, o objetivo da atuação nesse modelo não é apenas aliviar o processo operacional ou expressar sugestões durante o processo; para

---

<sup>33</sup> Tradução nossa.

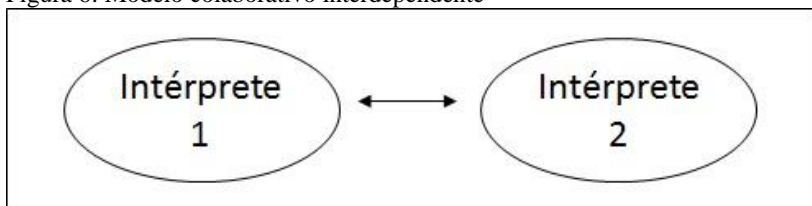
<sup>34</sup> Tradução nossa.



ele, a equipe trabalha como um todo, envolvida totalmente para que aconteça a interpretação.

Nesse modelo, os membros de uma equipe trabalham juntos por quatro motivos principais, são eles: (1) aliviar o outro pelo revezamento na produção do texto na língua alvo; (2) apoiar um ao outro por meio do monitoramento da produção; (3) atuar de forma interdependente durante o trabalho de interpretação; e (4) funcionar como uma única unidade, colaborando e realizando as mesmas decisões que são feitas por um intérprete que está trabalhando sozinho (HOZA, 2010, p. 2).

Figura 6: Modelo colaborativo interdependente



Fonte: Hoza (2010, p. 6)

O autor explica que para esse trabalho colaborativo e interdependente, os dois membros da equipe estão envolvidos em todo o processo, embora possam desempenhar múltiplas funções em momentos diferentes. Os membros da equipe colaboram e buscam um objetivo comum, planejam para conseguir atingir e fazem adaptações ao longo do caminho. “A colaboração e interdependência ocorre antes, durante e após o momento da interpretação” (HOZA, 2010, p. 9).

Ao chegar nesse terceiro modelo, após realizar uma pesquisa sobre equipe de ILSs, Hoza (op. cit.) desenvolveu esse modelo de trabalho para o sucesso de uma equipe. Em seu estudo, ele investiga a interpretação de três equipes que dão voz a um vídeo que é sinalizado por um surdo. De acordo com os resultados dessa pesquisa, o autor considera que o trabalho adequado de equipe de intérpretes consiste em três etapas: pré-sessão de interpretação, processo de interpretação e pós-sessão. A primeira etapa estaria relacionada com a preparação da atuação, a segunda com o trabalho de interpretação em si e a terceira com um período de avaliação sobre a atuação realizada pelos intérpretes.

Em síntese, entendemos que todos os membros da equipe estão efetivamente envolvidos no processo; eles podem estar realizando a interpretação ou em um papel de apoio. Esse apoio é necessário para aperfeiçoar o desempenho da equipe e assegurar a comunicação precisa. Percebe-se claramente que o colega que assume a função de apoio não

descansa enquanto o colega está no turno interpretando, no entanto, permanece atento de forma corresponsável.

Nesse sentido, em conformidade com os modelos apresentados, entendemos que a postura dos membros da equipe definirá a forma como atuarão. Se os membros da equipe assumem o primeiro modelo, atuarão com a postura de intérpretes autônomos, em que a dupla apenas colabora para alívio físico, redução da fadiga e do estresse psicológico. Quando assumem o segundo modelo, a postura indica que ambos têm uma obrigação na entrega do texto-alvo, buscando contribuir com suportes e correções necessárias para que, desse modo, a mensagem seja garantida na língua-alvo, isto é, assumindo mutuamente a responsabilidade em criar uma interpretação conjunta. Além disso, vemos que os intérpretes têm obrigações um para com o outro em todos os aspectos do processo de interpretação e gestão da interação, sendo esse o terceiro modelo apresentado por Hoza (2010) uma visão colaborativa e interdependente de formação de equipes.

Assim, a colaboração inicia quando os intérpretes se encontram pela primeira vez, se preparam para a interpretação, continuando no decorrer do trabalho e, após o evento, com discussões e análises em relação ao trabalho realizado em parceria.

É importante considerar, portanto, que em um contexto de interpretação, muitos outros fatores influenciam o trabalho que está sendo realizado. A esse respeito, citamos a pesquisa realizada por Dean e Pollard (2001) que levanta alguns desafios específicos separados em categorias, de ordem linguística, ambiental ou inter e intrapessoal. Assim, além da coordenação dos esforços defendida por Gile (1995, 1999), é preciso considerar esses outros aspectos que vão além dos processos cognitivos assinalados por Dean e Pollard (2001)

Com base no exposto acima, é possível compreender que o trabalho em equipe acontece quando dois ou mais intérpretes são contratados para atuarem juntos em um determinado evento. Num primeiro momento, contam previamente com uma preparação e diálogos, a fim de realizarem combinações sobre a atuação; durante a interpretação, recorrem a suportes um do outro: o colega de apoio pode inclusive tomar notas no lugar daquele que está interpretando e lhe passar informações que possam ter sido perdidas, ou sinais que sejam desconhecidos pelo intérprete atuante, bem como oferecer sugestões acerca de termos mais adequados; e, posteriormente, oferecer um *feedback* em relação à interpretação realizada. Após o evento, podem dialogar sobre pontos que devem ser aperfeiçoados para melhorar ainda mais a experiência da equipe e construir relações profissionais.

Russell (2011, p. 1) resume a interpretação em equipe da seguinte maneira:

Equipe interpretação refere-se à interpretação de situações em que dois ou mais intérpretes estão trabalhando juntos com o objetivo de criar uma interpretação, aproveitando os pontos fortes de cada um, e apoiam um ao outro para a consistência e sucesso do trabalho.

Especificamente sobre o momento da interpretação e os apoios que ocorrem entre os intérpretes atuando em equipe, já vimos pensando sobre isso há algum tempo, o que resultou em um trabalho inicial produzido no ano de 2012, juntamente com Aline Miguel da Silva. Nesse trabalho, analisamos nossa prática durante o estágio do curso de Bacharelado em Letras/Libras em momentos da interpretação simultânea e constatamos a presença de cinco tipos diferentes de apoio. São eles: *Feedback positivo com a cabeça, feedback positivo com o sinal ou reforço, correção, esclarecimento e complemento*, com isso mostraram a eficiência desses suportes que tinham como interesse enriquecer a interpretação. Importante ressaltar que o contexto analisado foi de situações ocorridas no espaço de sala de aula.

Naquele momento foi possível identificar que, de maneira geral, a função do intérprete de apoio envolve fornecer informações para que o interprete “ativo” possa corrigir ou adicionar algo na interpretação que está sendo produzida. E o objetivo geral do apoio é fazer a produção da língua-alvo mais coerente e precisa. Por isso, os apoios podem ser “sugestões de adições e elas podem ocorrer durante uma pausa natural da interpretação ou pode ser sugerida ao intérprete do turno, enquanto a informação ainda está sendo produzida na interpretação” (HOZA, 2010).

Hoza (2010) ainda apresenta dois tipos de apoio: (a) *correções* e (b) *melhorias*. As correções estariam relacionadas ao esforço do intérprete de apoio ao comparar o texto-fonte e sugerir informações que possam reparar o conteúdo entregue na língua-alvo, algo que possa ter sido omitido, adicionado ou alguma informação que acabou sendo enviesada. Então, conforme destaca Hoza (op. cit.), o intérprete incorpora a correção na interpretação. Nesse caso, geralmente, fica claro para o público que um ajuste foi feito, porque o intérprete precisa realizar essa correção abertamente na língua-alvo. No entanto, por vezes, o intérprete pode incorporar a informação da correção no fluxo da interpretação que se

encaixa naturalmente e a audiência da interpretação não perceberá que foi preciso realizar alguma correção.

Ao contrário das correções, que têm a intenção de corrigir o conteúdo ou algum fato que possa ter sido interpretado de forma inadequada, as melhorias estariam relacionadas com um enriquecimento e aprimoramento do texto produzido para a língua-alvo, e têm relação com a situação e com o significado textual da interpretação. Sobre essas, Hoza afirma que:

Melhorias geralmente adicionam riqueza ou naturalidade para uma interpretação que é de outra forma equivalente na sua forma. Melhorias representam um esforço para aprofundar o sentido expresso na LA, para torná-lo mais culturalmente apropriado ou adequado para a situação, ou para fazer o discurso mais natural e fácil de seguir.<sup>35</sup> (HOZA, 2010, p. 69)

O autor também apresenta a *confirmação*, que não é categorizada como um tipo de apoio por ele, mas como uma interação, entre a equipe. Para Hoza, a *confirmação* estaria relacionada ao momento em que o intérprete de apoio informa ao intérprete do turno que o texto na língua-alvo corresponde ao texto exposto pelo orador na língua-fonte e que está sendo transmitido com precisão. De acordo com Hoza, a confirmação pode ocorrer após ou enquanto o intérprete está produzindo o discurso e serve como uma espécie de teste da realidade, para fazer com que o intérprete saiba que a interpretação está sendo bem-sucedida, de modo assim a seguir em frente com a interpretação.

Conforme o autor, o intérprete de apoio pode fazer um aceno com a cabeça de confirmação, ou até mesmo dizer frases curtas como “você entendeu” ou “muito bom”. Hoza (2010) explica que o intérprete em ação pode explicitamente pedir uma confirmação “foi isso mesmo?” ou se inclinar na direção do intérprete de apoio, o qual, com um olhar, pode entender que está sendo requisitado. Também é possível que o intérprete de apoio perceba que a confirmação se faz necessária devido a alguma hesitação, ou um olhar incerto ou mesmo confuso do intérprete em ação.

As categorias de apoio apresentadas por Hoza (2010) e por Silva e Nogueira (2012) auxiliaram para que pudéssemos observar os dados da atuação dos intérpretes da cabine e a partir da lente desses autores foi possível analisar os tipos de suportes oferecidos pelos intérpretes de apoio

---

<sup>35</sup> Tradução nossa.

e solicitados pelos intérpretes em ação. Trataremos no capítulo de análise sobre o que foi possível encontrar.



## 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E DESENHO DA PESQUISA

Neste capítulo, explicitaremos os procedimentos metodológicos para descrição e análise dos dados desta pesquisa. Primeiramente, será explicitada a proposta metodológica e, posteriormente, apresentaremos o contexto e os participantes, além dos instrumentos utilizados para transcrição e a análise, considerando a especificidade do contexto.

### 4.1 REFLEXÕES SOBRE OS CAMINHOS METODOLÓGICOS

Neste trabalho em que tratamos da interpretação em um contexto de conferência, realizado por uma equipe de intérprete de Libras–Português, na cabine de interpretação simultânea, pretendemos, com a abordagem descritiva, identificar as características dessa atuação tão específica.

Para geração de dados,<sup>36</sup> registramos os passos da organização, filmamos o trabalho e realizamos uma entrevista retrospectiva com os intérpretes envolvidos na atuação, abordando aspectos relacionados ao contexto de pesquisa. Com isso, pretendemos, de modo geral, responder nossas questões de pesquisa, registrando a ocorrência de uma atuação em equipe, analisando e identificando as ações realizadas pelos intérpretes. Também buscaremos compreender melhor a realidade de interpretação do contexto de conferência e do trabalho em equipe, observando-se os tipos de ocorrências no comportamento dos intérpretes, trabalhando e apoiando um ao outro, e, assim, poder elucidar questões de ordem teórico-

---

<sup>36</sup> Para fins desta pesquisa usaremos “geração de dados”, em vez de “coleta de dados”. Essa escolha tem relação com o pensamento apresentado por Garcez *et al.* (2014) que diz: “Empregamos o termo “geração” em vez do mais corrente ‘coleta’ por entendermos que a vida social que nos interessa compreender é em si evanescente e que não pode ser captada integralmente por nenhum aparelho ou método de gravação. O que examinamos em nossas análises são registros que efetivamente geramos, desde a própria gravação, o que implica escolher um equipamento a ser disposto em algum lugar, um ângulo de diafragma que seleciona parte do campo visual disponível aos atores sociais no ali-e-então, um ‘operador’ que ocupa lugar e participa, uma qualidade de áudio distinta daquela disponível aos atores sociais no ali-e-então. Além disso, nossos procedimentos envolvem grandes transformações dos registros gerados até chegarmos a um excerto de transcrição, que, em geral, é tudo o que o interlocutor de nossa produção acadêmica avista diretamente” (GARCEZ *et al.*, 2014, p. 262)

metodológica em uma visão mais unitária em torno do objeto de pesquisa, que é o trabalho em equipe.

Esta pesquisa segue os procedimentos metodológicos da abordagem qualitativa, tratando-se de um estudo exploratório-descritivo, visto que nosso interesse é abordar um tema ainda pouco estudado na literatura. Gil (1999, p. 27) define que “este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis”. O que reflete o nosso caso, pois, estudamos um tema ainda considerado novo, com poucos estudos disponíveis na literatura nacional.

Gil (1999) ainda afirma que as pesquisas descritivas têm como objetivo estudar as características de um determinado grupo ou fenômeno, e um dos aspectos mais relevantes é a utilização de técnicas padronizadas na geração de dados. Por sua vez, o caráter exploratório-descritivo de uma pesquisa pretende descrever fatos e fenômenos de uma determinada realidade.

A concepção dessa pesquisa, como já dissemos, é qualitativa, a qual tem como intenção descrever o contexto, nesse caso, o da interpretação, observando o comportamento da equipe de intérpretes, sua estruturação e conduta na atuação. Ao contrário das pesquisas de cunho quantitativo, a pesquisa qualitativa não se preocupa com as grandes quantidades de dados e com a elaboração de relatórios estatísticos. De acordo com Hoza (2010), a investigação qualitativa permite que o pesquisador possa identificar estratégias e explorar quadros teóricos, em consonância com os objetivos deste trabalho.

Este estudo envolveu basicamente três fases: primeiramente, a pré-conferência, que envolveu a organização da equipe, equipamento e preparação dos intérpretes. Para a geração dos dados, contamos com as anotações do pesquisador sobre as etapas principais que antecederam a conferência, e os materiais produzidos, enquanto coordenador da equipe, para a organização e preparação da interpretação.

O segundo momento é o da interpretação da conferência em si, com as necessidades imediatas do evento, quando foram feitas amostras de filmagens da atuação em equipe na cabine de interpretação simultânea. E depois, em uma fase posterior, realizou-se uma entrevista retrospectiva com os membros da equipe de intérpretes, sobre aspectos relacionado à interpretação de conferência, suas experiências, e percepções sobre o trabalho em equipe.

A entrevista foi realizada a partir de questões semiestruturadas, que estavam relacionadas com a experiência anterior dos intérpretes trabalhando em conferências e em equipe, com as impressões sobre o



trabalho em equipe, com a atuação no congresso pesquisado, além de questionar sobre as formas de apoio utilizadas durante a interpretação.

Os intérpretes participantes dos estudos foram informados, inicialmente, de modo geral, sobre os objetivos da pesquisa, mas sem muitos detalhes sobre o que, de fato, seria observado. Somente após o início do evento e das filmagens, durante as entrevistas, os profissionais ficaram cientes do objeto de observação mais direto do estudo, que seria o trabalho em equipe e os tipos de apoio utilizados por eles e a experiência em contextos de interpretação de conferência.

É importante mencionar que o projeto dessa pesquisa foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) do Hospital Infantil Joana de Gusmão (HIJG). Um CEP é composto por um grupo de pessoas que estão trabalhando para garantir que os direitos dos participantes da pesquisa sejam respeitados. Ele tem a obrigação de avaliar se a pesquisa foi planejada e se está sendo executada de forma ética.

Todos os participantes, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e aceitaram não só a participação na pesquisa, mas o uso da imagem e voz para fins de estudo. Todos estavam ainda conscientes de que os dados gerados seriam utilizados durante o estudo e que, mesmo assim, as suas identidades seriam mantidas em sigilo, na medida do possível. Nossa intenção é reduzir a probabilidade de qualquer tipo de constrangimento. Além do mais, acreditamos que nossa análise observa padrões que podem ser encontrados de forma parecida em situações de atuação profissional em contextos semelhantes. Descreveremos abaixo com mais detalhes o percurso metodológico utilizado para a realização deste estudo.

#### 4.2 O CONTEXTO DA GERAÇÃO DOS DADOS E OS PARTICIPANTES DA PESQUISA.

Para a realização do presente estudo foi escolhido o IV Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa, que ocorreu nos dias 12 e 14 de novembro de 2014. O congresso reuniu pesquisadores e profissionais da área da Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa, em Florianópolis (SC).<sup>37</sup>

A escolha do evento para que pudessemos realizar a pesquisa se deu inicialmente pelo evento ter a Língua Brasileira de Sinais como principal língua de apresentação. Assim, a maioria das apresentações

---

<sup>37</sup> Anexo ao final a programação do IV congresso TILSP

exigem a interpretação de Libras para a língua portuguesa, delimitadoras deste estudo.

O evento contou com palestrantes e comunicadores surdos e ouvintes e, por essa razão, optamos por observar a atuação dos intérpretes, trabalhando em equipe e realizando a interpretação da Libras para a língua portuguesa.

Alguns fatores influenciaram na escolha do local para a geração de dados. O primeiro deles foi a experiência exigida dos intérpretes pela organização do Congresso. Nas edições anteriores do mesmo evento, a equipe de interpretação sempre foi de responsabilidade da UFSC, instituição promotora do congresso. Assim, sabíamos que os intérpretes que atuariam certamente apresentavam uma experiência cotidiana com o trabalho em equipe.

A UFSC conta com uma equipe de tradutores e intérpretes de Libras-Português e, pela compreensão da instituição e dos profissionais sobre a importância da atuação em equipe, regulamentaram essa atuação no ano de 2012, por meio de um documento que aponta algumas diretrizes, com o interesse de garantir que essa atuação seja permanente.

No entanto, no ano da geração de dados, no IV Congresso, a organização solicitou que a FEBRAPILS fosse responsável por montar a equipe de atuação e coordenar os trabalhos dos intérpretes durante todo o evento, sendo essa a contrapartida da referida instituição em apoio ao evento.

Algo importante a se destacar é que o pesquisador do trabalho que aqui se apresenta, já durante o processo de construção deste, da escolha do local e quando já havia entrado em contato com a organização do Congresso para a referida pesquisa, foi então convidado pelo Presidente da FEBRAPILS<sup>38</sup> para coordenar os trabalhos da equipe de interpretação. Essa escolha se justificou, por suas experiências anteriores de coordenação, inclusive, no ano anterior do II ELATILS, evento realizado pela Federação, e também por residir em Florianópolis, cidade da realização do evento, ocupar o cargo na Federação de Diretor regional Sul e já ter trabalhado em edições anteriores deste congresso.

Sabemos que a FEBRAPILS solicitou que a associação de intérpretes local, a ACATILS, ficasse responsável por gerenciar a equipe e coordenar os trabalhos da maneira que achasse necessário, mas a associação por já ser uma das instituições apoiadoras do evento negou-se a assumir mais esse compromisso, visto que estava também responsável por outras atividades no evento.

---

<sup>38</sup> Presidente Ernando Pinheiro, gestão 2012–2015.

Após o convite, identificamos que essa seria uma possibilidade de estar mais próximo aos intérpretes, por permitir a observação com maior clareza da atuação dos profissionais e a participação de todas as etapas do evento, facilitando a geração dos dados. Entendemos que nossa atuação enquanto coordenador contribuiria ainda mais com a pesquisa, pois teríamos livre acesso aos intérpretes e enquanto coordenador participaríamos efetivamente do trabalho que seria realizado, sendo um dos membros e também responsável pela execução da interpretação. O que certamente contribuiu para que não fôssemos um olhar externo ao trabalho, mas sim um dos envolvidos no processo, como agente na construção da interpretação.

Estávamos conscientes de que nossa presença interferiria de algum modo no ambiente pesquisado, mas sabíamos que independentemente de qualquer situação, para o pesquisador não é possível se manter neutro, em pesquisas como a nossa, que envolve interações e atuações humanas. Não é possível vestir luvas e óculos para não se contaminar. Preferimos, então, olhar essa atuação de dentro da equipe, um olhar participativo e efetivo, que certamente proporcionou uma confiança e uma identificação entre todos os envolvidos. Cabe ressaltar que essa coordenação contou com o apoio de mais uma colega também diretora da FEBRAPILS, que atuou como auxiliar para organização do trabalho.<sup>39</sup>

Assim, na posição de coordenador, comunicamos a presidência da FEBRAPILS, que estaríamos realizando o registro do processo de formação da equipe e as etapas seguintes para a atuação, a fim de que pudéssemos registrar essas informações neste estudo.

Conforme tratamos acima, a formação e a coordenação da equipe que atuaria ficou sob responsabilidade da FEBRAPILS, que para a escolha dos nomes criou alguns critérios, a saber: (a) experiência em atuação em contextos de conferência devido à importância e complexidade do evento; (b) número igual de mulheres e homens; e (c) intérpretes de várias regiões do Brasil. Os nomes de diversos intérpretes foram sugeridos por toda a diretoria, em uma reunião específica para tratar desse assunto. Com as sugestões, foi criada uma lista com os nomes dos primeiros e principais intérpretes que seriam consultados para atuar. Os intérpretes foram consultados de acordo com o aceite e a disponibilidade e assim foi formada a equipe. No momento do convite, esses selecionados ficaram cientes também da pesquisa que seria realizada, e foram questionados se aceitariam participar de forma espontânea.

---

<sup>39</sup> Sônia de Oliveira- 2ª secretária da Febrapils.

Os nomes desses profissionais também foram aprovados pela coordenação geral do evento, para que também pudesse estar ciente da organização da equipe e de acordo com a proposta. Esse contato foi realizado pelo pesquisador que já atuava na função de coordenador da equipe de interpretação do evento.

No total a equipe foi formada por seis intérpretes, três homens e três mulheres, dois da região Nordeste, três da região Sudeste e um da região Sul, além do coordenador da equipe, que também é o pesquisador e reside na região Sul. Assim, esse total constitui os participantes desse estudo. Os seis intérpretes foram entrevistados e filmados durante a atuação, todos graduados com formação em nível superior, dois com mestrado já concluídos e três mestrandos no período da pesquisa. Todos com mais de 12 anos de experiência em interpretação em Libras–língua portuguesa.

Para uma melhor visualização dos sujeitos que fizeram parte da equipe, o quadro 8 exibe o resumo do perfil dos participantes.

Quadro 8: Perfis dos intérpretes participantes da pesquisa.<sup>40</sup>

<b>Identificação e idade</b>	<b>Estado</b>	<b>Formação</b>	<b>Anos de experiência</b>
Sônia 47 anos	Minas Gerais	Pedagoga	20 anos
Marcelo 31 anos	Minas Gerais	Psicólogo Mestre em Linguística	12 anos
Maitê 33 anos	Rio Grande do Sul	Bacharel em Letras Libras	14 anos
Mariana 29 anos	Ceará	Bacharel em Letras Libras	12 anos
Jonathan 29 anos	Ceará	Bacharel em Letras Libras	14 anos
Vinicius 26 anos	São Paulo	Bacharel em Fonoaudiologia Mestre em Linguística	12 anos

Fonte: Desenvolvido pelo autor

<sup>40</sup> Optamos em manter o nome verídico dos intérpretes, com o consentimento de todos, a fim de destacar a atuação desses profissionais, dando autoria para o trabalho realizado pela equipe do IV Congresso Tilsp, aos quais mais uma vez agradeço pela autorização e participação na pesquisa.

Ao observarmos, percebemos que todos possuem relativamente uma mesma média de experiência, exceto por Sônia, com 20 anos. Os outros transitam em torno de 12 e 14 anos de atuação. Apesar de Sônia ter o maior tempo de experiência, sua atuação se destaca em contextos educacionais, conforme nos informou. Vinícius, por exemplo, possui menos tempo de atuação em relação a Sônia, porém devido a localidade de sua residência, vivenciou muitos momentos de interpretação de conferência, o foco deste trabalho.

Também durante o evento as equipes foram se alternando, e as experiências foram se intercalando. Assim, consideramos a equipe com uma experiência moderada em contextos de conferência. Outra informação complementar é que todos possuem o certificado ProLibras, e as três intérpretes, Sônia, Mariana e Maitê, possuem a Libras como língua materna pois são filhas de pais surdos (CODAS<sup>41</sup>). Embora essa coincidência tenha se apresentado, ter a Libras como língua materna não foi um critério para a escolha das intérpretes.

#### 4.3 O *SOFTWARE* EUDICO LANGUAGE ANNOTATOR ( ELAN)

Conforme mencionamos, este estudo se caracteriza como uma pesquisa descritiva, com três fases. Uma dessas fases diz respeito à observação do momento de interpretação em equipe e foi gravada em vídeo para posterior observação e análise. Para que fosse possível analisar os vídeos das interpretações, optamos em utilizar o *software* denominado *EUDICO Language Annotator* (ELAN), pois, com o programa é possível criar trilhas para anotações em relação ao que acontece no vídeo, auxiliando na análise de dados.

O contato com o programa, inicialmente ocorreu na graduação do pesquisador, mas para utilizá-lo neste estudo foi necessário pedir auxílio a colegas e amigos para que fosse possível aprender a utilizar as ferramentas disponíveis e necessárias para análise dos dados num formato mais avançado.

O ELAN foi utilizado exclusivamente para observação dos vídeos que foram gravados durante a atuação dos intérpretes dentro da cabine. Optamos por não utilizar o programa para a gravação das entrevistas retrospectivas, visto que essas foram gravadas apenas em áudio, não sendo assim, necessário o uso do ELAN para observação dessa fase dos dados.

---

<sup>41</sup> CODAS- Children of Deaf Adults

Importante esclarecer que o *software* foi escolhido pelas ferramentas disponíveis e por ser de uso gratuito, permitindo registros em trilhas que acompanham os dados da pesquisa. Além disso, no cenário atual das pesquisas em LS, no Brasil, esse é um dos programas que mais tem auxiliado nos estudos do processo de interpretação de e para a língua de sinais. Quadros e Pizzio (2009) comentam sobre o uso do ELAN.

[...] é uma ferramenta de anotação que permite que você possa criar, editar, visualizar e procurar anotações através de dados de vídeo e áudio. Foi desenvolvido no Instituto de Psicolinguística Max Planck, Nijmegen, na Holanda, com o objetivo de produzir uma base tecnológica para a anotação e a exploração de gravações multimídia. ELAN foi projetado especificamente para a análise de línguas, da língua de sinais e de gestos, mas pode ser usado por todos que trabalham com corpora de mídias, isto é, com dados de vídeo e/ou áudio para finalidades de anotação, de análise e de documentação destes. (QUADROS E PIZZIO, 2009, p. 17)

A partir da figura 07, é possível ter uma visão geral da interface do ELAN, já com vídeos selecionados e as trilhas criadas. O ELAN permite a criação e alterações de trilhas conforme a necessidade da pesquisa. Essas trilhas ficam localizadas abaixo da tela, dentro de cada marcação de tempo, onde fica registrada a anotação realizada pelo pesquisador referente ao que se deseja observar naquele período de vídeo.

Outra ferramenta interessante do ELAN é denominada “vocabulário controlado”, usada nesta pesquisa em algumas trilhas específicas. Assim, nesses períodos é possível selecionar uma anotação entre outras opções previamente escolhidas e incluídas, facilitando o período de transcrição quando se está observando algo bastante específico, como, por exemplo, em nosso caso, as categorias de apoio, que foram sendo geradas e formando vocabulários controlados para análise dos vídeos seguintes.

Figura 7: Apresentação do ELAN.

The screenshot displays the ELAN software interface. At the top left, the window title is "ELAN - 20141112\_104249\_transcrição.saf". Below the title bar, there are menu options: "Arquivo", "Editar", "Adaptação", "Janela", "Tipo", "Buscar", "Visualizar", "Opções", "Ajuda".

The main interface is divided into several sections:

- Video Player:** Shows a video frame of a person in a dark setting. Below it are controls for "Volume" (set to 95) and "Velocidade" (set to 70). The video file name "20141112\_104249.mp4" is displayed.
- Navigation and Playback Controls:** Includes buttons for "Play", "Stop", "Previous", "Next", "Full Screen", and "Repeat". A "Seleção" bar shows the current time range from 00:00:00.000 to 00:00:00.000.
- Control Panels:**
  - Recomendador de Áudio:** Includes "Recomendador de Áudio", "Video Recognizer", "Metadados", and "Controles".
  - Legend and Lexicon:** Includes "Grade", "Texto", "Legenda", "Lexicon", "Recomendador de Áudio", "Video Recognizer", "Metadados", and "Controles".
  - Mode Selection:** Includes "Modo de Seleção" and "Modo de Repetição (Loop)".
- Timeline and Transcription:** A horizontal timeline at the bottom shows time markers from 00:04:57.000 to 00:05:00.000. Below the timeline, a list of transcription events is visible:
  - default [0]
  - Interprete 01-ON [01]
  - Interprete 02- Apoio [02]
  - Interprete 03- Apoio [03]
  - Apoios [18]
  - Classificação do Apoio [17]
  - Tipo de produção [17]
  - Tipo de intervenção [17]
  - Pegou ou Recebeu [16]

The Windows taskbar at the bottom shows the system tray with the date "18/02/2015" and time "23:05". The search bar contains "Pesquisar na Web e no Windows".

Fonte: Desenvolvido pelo autor

A criação das trilhas inicialmente foi um desafio, já que não tínhamos conhecimento de nenhuma outra pesquisa que explorasse o contexto de conferência que utilizasse o ELAN e que poderia servir de base para essa análise. Então, foi preciso assistir aos vídeos sucessivas vezes para que fosse possível identificar elementos que aconteciam e se destacavam e que poderiam fazer parte da análise para que pudéssemos responder às questões de pesquisa desta investigação.

Contudo, esse processo também se baseou nas impressões e experiências que o pesquisador possui acerca do trabalho em equipe, além das leituras que já haviam sido feitas para a construção teórica da pesquisa. Assim, a transcrição considerou especificamente, de forma cuidadosa, os elementos fundamentais para a compreensão do processo da interpretação simultânea de Libras para a língua portuguesa na cabine, realizada por uma equipe. Nessa direção, foram criadas as trilhas abaixo com os seguintes atributos:

Quadro 9: Trilha e atributos da trilha.

<b>Trilha</b>	<b>Atributos</b>
1. Intérprete 01 – Do turno	Descrição da fala ou atitude do intérprete do turno, responsável pela produção da interpretação que será ouvida pelos participantes do evento.
2. Intérprete 02 – Apoio	Descrição da fala ou atitude do intérprete de apoio, normalmente, este estava sentado ao lado do intérprete atuante.
3. Intérprete 03 – Apoio	Descrição da fala ou atitude do intérprete de apoio, normalmente, este estava em pé dentro da cabine.
4. Apoios	Considerada qualquer intervenção realizada entre intérprete do turno e apoio que tinham relação com discurso interpretado.
1. Classificação do Apoio 2. Tipos de Produção 3. Tipos de intervenção	Relacionada às atitudes dos intérpretes no momento da atuação em equipe.
5. Pediu ou recebeu	Marcação referente ao intérprete atuante.
6. Comentário	Comentários gerais sobre a transcrição.

Fonte: Desenvolvido pelo Autor

O estabelecimento das trilhas foi se configurando à medida que os vídeos eram observados, e, muitas vezes, foi preciso incluir novas trilhas



ou novos vocabulários controlados, até que a organização estipulada fosse suficiente para todas as realidades encontradas no *corpus* do estudo. Para isso, inúmeras vezes foram feitas observações nos vídeos e alterações nas trilhas com o intuito de melhor compreender o cenário investigado.

Para que fosse possível estabelecer um parâmetro para análise dos tipos de apoios realizados entre o trio em atuação, consideramos como apoio qualquer intervenção realizada entre a equipe de intérpretes. Essas intervenções necessariamente deviam ter relação com o discurso interpretado e com a interação deles na cabine para realizar o trabalho.

Optamos neste trabalho por utilizar os termos “intérprete do turno”, para o intérprete que está responsável pelo momento da interpretação e “intérprete de apoio” para os concabinos<sup>42</sup> que estava na função de suporte do intérprete do turno. A escolha do termo “intérprete do turno” está relacionada com a ação da produção da interpretação que seria ouvida pelo público ouvinte participante em oposição ao outro intérprete presente na cabine na função de suporte (apoio). Entendemos, então, que ambos em atuação estão em uma função ativa, mas com papéis distintos, que são alterados conforme a organização prévia ou demanda do momento da interpretação.

#### 4.4 GERAÇÃO DE DADOS: ASPECTOS TÉCNICOS DA FILMAGEM E ENTREVISTAS RETROSPECTIVAS

Os seis intérpretes foram separados em equipes de três intérpretes para cada turno do evento, assim, três intérpretes atuavam na parte da manhã e outros três, na parte da tarde. Isso favorecia a possibilidade de encontrar os palestrantes durante o período em que não estariam diretamente atuando, e também poderiam estudar os materiais que receberam. Essa troca entre turnos também contribuía para que os intérpretes tivessem uma quantidade de palestras e materiais menores para estudar e conseqüentemente interpretar. Essa foi uma decisão do coordenador da equipe, devido aos motivos expostos acima.

As equipes de intérpretes atuaram em diversas formações durante o evento. Os critérios para a determinação de uma equipe para um turno específico tinha relação com a programação do evento. Para a escala de um intérprete para o período da programação, foi observado quem eram os palestrantes, o tema de suas falas e a familiaridade do intérprete com o assunto que seria abordado.

---

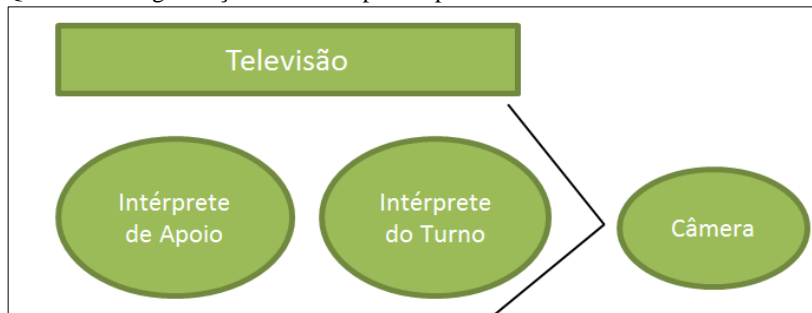
<sup>42</sup> “Concabino” é o termo usado na gíria da interpretação simultânea para designar o colega de cabine. Magalhães Junior (2007).

A escala foi organizada pela coordenação da equipe e enviada previamente para a equipe de intérpretes, além de apresentada em uma reunião online com todos os intérpretes, dias antes do evento.

Ainda na organização da escala, os intérpretes foram separados da seguinte forma: eram três intérpretes para cada turno, dois ficavam na cabine de interpretação, e um ficaria a disposição próximo ao palco, caso algum questionamento fosse realizado em língua portuguesa, para que pudesse assumir a interpretação para a Libras. Durante a palestra, em alguns momentos, ficaram os três intérpretes dentro da cabine. No próximo capítulo, abordaremos mais sobre essa organização para atuação.

Para a implementação do processo de geração de dados relacionados às interpretações, utilizamos uma filmadora *Go Pro hero 3+ Black Edition* com tripé, devidamente posicionada ao lado dos intérpretes na cabine. Essa câmera possibilita um alcance maior, pois captura o vídeo em modo cinema, gravando uma amplitude maior se comparada com outras câmeras, abrangendo grande parte de toda a cabine. No quadro 10 é possível observar a organização da equipe dentro da cabine.

Quadro 10: Organização da cabine para captura dos vídeos



Fonte: Desenvolvido pelo autor

É importante salientar que, lamentavelmente, tivemos dificuldades com a geração dos vídeos pela câmera *Go Pro* devido ao processamento dos vídeos com a memória da câmera em seu cartão de dados. Infelizmente, só descobrimos o motivo do problema dias após o evento.

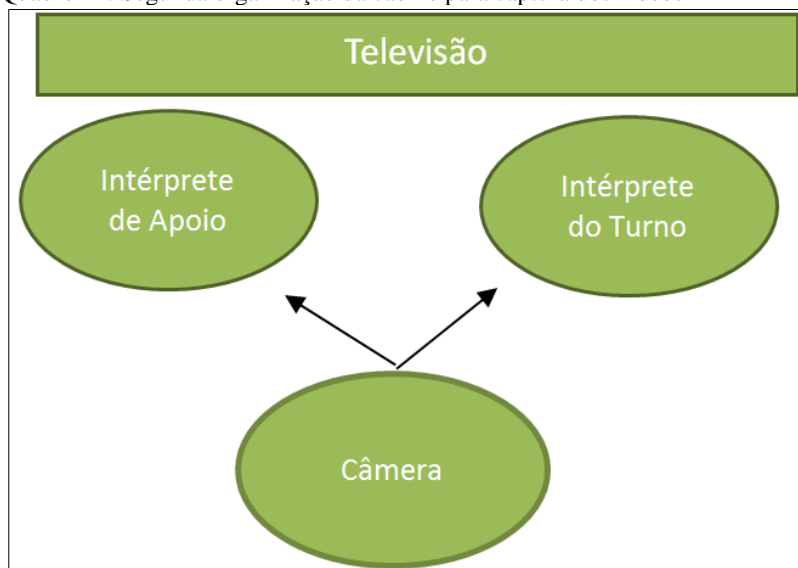
O problema fez com que não tivéssemos a gravação de uma seção inteira de interpretação realizada por uma determinada equipe, mas fragmentos de várias seções da atuação das equipes. Por algum motivo desconhecido por nós, durante a seção a câmera parava de gravar e processava na memória apenas parte do que estava registrando. Devido à característica dessa pesquisa, que optou por uma situação real de

interpretação, e por não termos identificado de forma imediata o problema, não foi possível trocar por outra câmera.

Considerando isso, analisamos os vídeos gerados, e percebemos que mesmo não sendo uma seção inteira, eles apresentam elementos interessantes e suficientes para uma discussão sobre a realidade vivenciada pelos intérpretes dentro da cabine.

Havíamos também realizado gravações com a câmera do dispositivo móvel, *Samsung Win* que havia ficado posicionada atrás dos intérpretes, segurada pelo pesquisador. Como os vídeos apresentavam várias ocorrências do trabalho em equipe, optamos também por incluir tais imagens em nosso *corpus* para análise.

Quadro 11: Segunda organização da cabine para captura dos vídeos



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Foram produzidos um total de 17 vídeos, porém, durante uma análise, verificamos que 13 deles possuíam algum tipo de interação entre os membros da equipe que se configuravam como apoio. Assim, analisamos fragmentos dos 13 vídeos que foram gerados, todos eles constando com apoios, conforme definimos anteriormente, para a criação da trilha no ELAN. Segue abaixo o quadro 12 com o tempo dos vídeos e a formação da equipe que atua em cada uma.

Quadro 12: Vídeos e equipe de intérpretes na cabine

<b>Vídeo</b>	<b>Tempo</b>	<b>Equipe de intérpretes dentro da cabine</b>
1.	00:05:11	Vinicius, Jonathan e Tiago
2.	00:04:11	Vinicius, Jonathan e Tiago
3.	00:04:44	Sônia e Jonhatan
4.	00:04:53	Mariana, Marcelo e Maitê
5.	00:07:44	Mariana e Marcelo
6.	00:06:25	Mariana e Marcelo
7.	00:02:53	Sônia e Jonhatan
8.	00:03:23	Sônia e Jonhatan
9.	00:11:34	Jonathan e Maitê
10.	00:03:16	Mariana, Marcelo e Tiago
11.	00:08:31	Mariana e Marcelo
12.	00:06:15	Mariana, Sônia e Marcelo
13.	00:02:54	Mariana, Sônia e Marcelo

Fonte: Desenvolvido pelo autor

Além da observação da atuação dos intérpretes por meio de filmagens por vídeo, optamos por realizar entrevistas retrospectivas com os participantes. Essa escolha se deu devido a alguns propósitos, sendo o primeiro o de obter informações sobre as experiências anteriores dos intérpretes, e o segundo de coletar as impressões sobre o trabalho em equipe e, principalmente, sobre a atuação no congresso investigado.

Questões semiestruturadas foram produzidas para as entrevistas. Trata-se de questões abertas que tinham como finalidade poder guiar a conversa com os intérpretes. As seguintes questões orientaram as entrevistas

Quadro 13: Questões semiestruturadas para a entrevista retrospectiva.

<b>Questionamentos sobre a experiência anterior ao congresso</b>	
1.	Você normalmente atua em equipe ao interpretar?
2.	Em sua formação, o trabalho em equipe foi abordado? Em que momento?
3.	‘Você atualmente atua em contextos de conferência? Com que frequência?
4.	Na sua visão, quais os pontos positivos e negativos da atuação em equipe?

<b>Questionamentos da experiência após a atuação no congresso</b>	
1.	Como se sentiu atuando em equipe durante o evento? Como foi servir de apoio e ser apoiado?
2.	Quais tipos de apoio você acha que foram mais necessários para você?
3.	Você lembra de algo que você fez e gostaria de ter feito diferente?
4.	Você conversou com o colega para falar sobre suas necessidades ou combinar algo sobre essa atuação?
5.	Ocorreu algo durante as palestras que gerou uma necessidade maior de dar ou receber apoio?
6.	Você sentiu maior afinidade com algum colega em especial durante a atuação?
7.	Recebeu algum tipo de feedback da plateia ou do palestrante?
8.	Como você avalia sua performance no ato interpretativo?
9.	A proposta do trabalho em equipe influenciou positivamente ou negativamente em sua performance. Por quê?
10.	O trabalho em equipe deveria ser contemplado em quais eventos ou circunstâncias?

Fonte: Desenvolvido pelo autor

As perguntas realizadas oralmente e gravadas estão divididas em dois principais grupos: as quatro primeiras em relação a experiência geral e anterior ao congresso, e outras dez questões mais relacionadas à atuação específica durante o IV Congresso Tilsp. As entrevistas foram feitas em duplas e na ordem exposta no quadro 14:

Quadro 14: Entrevistados e tempo das entrevistas retrospectivas.

1º Sônia e Jonathan, totalizando 34 minutos e 44 segundos de gravação.
2º Maitê e Marcelo, totalizando 48 minutos e 48 segundos de gravação
3º Mariana e Vinicius, totalizando 01 hora, 19 minutos e 36 segundos de gravação.

Fonte: Desenvolvido pelo autor

As entrevistas com Sônia e Jonathan e com Maitê e Marcelo foram realizadas ainda durante o evento em um momento em que os participantes não estavam em atuação, de forma presencial, e foi gravada utilizando um aplicativo de gravação de voz, disponível no telefone móvel *Samsung Win*. Para a dupla Mariana e Vinicius, devido a questões de tempo durante o evento e disponibilidade dos intérpretes, não foi

possível ser realizada a entrevista ainda durante o congresso. Desse modo, ela foi feita um dia após o evento por meio do aplicativo disponível para videoconferências do Google, chamado de *Hangout*. Esse aplicativo possibilitou a gravação da conversa que ficou hospedada no canal do pesquisador no site *Youtube*, como privado, possibilitando que apenas o pesquisador tivesse acesso a ela.

Após as entrevistas realizamos um processo de transcrição para a língua portuguesa de todas as falas, organizando as perguntas realizadas pelo pesquisador e respostas dos participantes. Esse procedimento levou alguns dias para ser concluído e, após todas as falas serem transcritas, passamos por um processo de revisão da transcrição, ajustando e editando possíveis erros da primeira transcrição.

Posteriormente, realizamos leituras sucessivas das transcrições identificando temas que se repetiam nas falas dos intérpretes ou que também se relacionavam com as observações feitas das filmagens da atuação da cabine. Esses registros serão utilizados para embasar a discussão referente à descrição do ato interpretativo, e também para desenhar um panorama de vozes de intérpretes sobre a atuação em contextos de conferência, com a experiência de trabalho em equipe.

## 5 DESCRIÇÃO DO PROCESSO DE INTERPRETAÇÃO EM EQUIPE NA CABINE

A organização da análise conta inicialmente com o relato do pesquisador sobre as etapas principais que antecederam a conferência, a partir de anotações pessoais e materiais produzidos enquanto coordenador da equipe para a organização e preparação da interpretação, buscando descrever, nessa fase, as ações relacionadas à preparação para o trabalho em equipe.

O segundo momento conta com a descrição e análise das filmagens da atuação em equipe na cabine de interpretação simultânea, com fragmentos do trabalho relacionados com as falas dos intérpretes nas entrevistas retrospectivas. Nesse cenário, identificamos algumas categorias para os tipos de apoio entre os concabinos, que serão descritos com exemplos que ilustram as categorias encontradas. Por fim, temos uma discussão a partir dos temas que emergem das falas dos intérpretes participantes da pesquisa, capturadas no momento das entrevistas retrospectivas sobre a experiência de atuação em equipe no evento pesquisado.<sup>43</sup>

### 5.1 PREPARAÇÃO PARA O TRABALHO INTERPRETATIVO

Esta seção descreve as ações de organização, preparação e estudo prévio conduzidos pela coordenação de intérpretes do IV Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa (Congresso Tilsp). Entendemos que uma das premissas para qualquer trabalho de interpretação é a preparação, e essa etapa está relacionada com o período chamado por Hoza (2010) de “pré-evento”, devendo ocorrer logo quando os intérpretes aceitam determinada atividade de interpretação.

A preparação é a fase de busca por materiais de estudo, relacionados a determinado contexto interpretativo. Nesse momento, os intérpretes podem recorrer a diferentes materiais e dispositivos de consulta na busca por informações, ou até mesmo contar com o auxílio

---

<sup>43</sup> É possível que na apresentação das falas dos intérpretes pesquisados seja encontrada alguma inconsistência teórico/conceitual quando eles se referem à tradução e interpretação. No entanto, optamos em manter a transcrição conforme a fala dos intérpretes mesmo quando eles dizem “tradução” ou “tradução oral” ao falarem das situações descritas na literatura como “interpretação”.

de outros colegas. Trata-se de uma pré-interpretação em que os intérpretes mobilizam<sup>44</sup> recursos a serem utilizados durante o processo interpretativo.

Esse momento diz respeito ainda à mobilização da *competência instrumental* (grupo PACTE, 2003), pois os intérpretes buscam recursos que podem contribuir no processo de interpretação, identificando possíveis problemas e já pensando em soluções para eles. Ao realizar esse processo, os intérpretes se apropriam dos assuntos que serão posteriormente interpretados, a fim de refletir sobre suas escolhas. Além disso, nessa fase será o momento de verificar como funcionará o trabalho entre a equipe, os equipamentos necessários e, também, perceber a localização e, até mesmo, definir o traje utilizado pelos intérpretes.

Também nessa etapa, os intérpretes podem fazer uso de fontes documentais<sup>45</sup> que contribuem como instrumentos para conhecimento do conteúdo que será abordado na conferência, podendo também realizar conversas entre os participantes de determinada atuação em equipe. Russel (2011 p. 02) informa, a partir de seus estudos, que as experiências mais bem-sucedidas de interpretação ocorrem a partir de uma “diretriz compartilhada de ações”, e, segundo a autora, “atualmente existem inúmeras formas de isso acontecer, pessoalmente ou por vídeo-chamadas”, estratégias utilizadas para que a equipe se encontre antes da atuação com o desejo de se preparar para o trabalho.

Conforme apresentamos no capítulo anterior, a equipe que atuou no Congresso Tilsp foi formada por seis intérpretes de diversas regiões do país, dos quais muitos não se conheciam e conseqüentemente nunca haviam trabalhado juntos. Assim, era fundamental que eles pudessem, antes da atuação, se conhecer, mesmo que de forma virtual.

Para isso, optamos por realizar uma primeira reunião *on-line* para que todos pudessem se apresentar, a qual aconteceu utilizando-se o *software* de chamadas de vídeo *Skype*, em horário e dia previamente agendados com todos por *e-mail*. Esse foi o primeiro encontro entre toda a equipe, e foi, nesse momento, que ficaram cientes que a atuação da equipe no congresso seria em uma cabine de interpretação simultânea. Também foi definido o modo que o material de estudo enviado pelos

---

<sup>44</sup> De acordo com Scallon (2015), mobilizar consiste na ação do indivíduo de apelar para todos os recursos de que dispõe, tanto os seus quanto aqueles que o cercam para enfrentar um desafio ou resolver um problema.

<sup>45</sup> Sobre a busca de materiais, Rodríguez e Burgos (2001) apresentam um capítulo em que tratam especificamente sobre as tipologias documentais e as unidades de informação que podem apoiar um ILS em sua atividade de investigação por informações que possam contribuir com a atividade interpretativa.



conferencistas seria disponibilizado para estudo prévio. Essa primeira reunião foi realizada em torno de 30 dias antes do evento.

Outra forma utilizada para contato com os membros da equipe foi um grupo no aplicativo *WhatsApp*. O uso dessa ferramenta auxiliou para confirmação de recebimento dos *e-mails*, para conversas rápidas e lembretes das reuniões. Essa ferramenta possibilitou um contato direto com toda a equipe de intérpretes para informes breves antes do evento e durante o evento. Atualmente, esses recursos tecnológicos são utilizados por muitas equipes de trabalho para comunicação antes do evento e até mesmo durante o evento. (RUSSEL, 2011)

Para facilitar o acesso dos intérpretes aos materiais enviados pelos palestrantes, optamos por utilizar uma pasta compartilhada com toda a equipe no *Google Drive*, plataforma *on-line* disponível para compartilhamento de arquivos. Cada membro da equipe ficou responsável por estudar o material individualmente. Sobre a importância desse momento de preparação, Russel (2011, p. 3) compartilha uma determinada experiência:

Um dos desafios que eu vejo em equipes é que os intérpretes devem tomar a preparação como algo sério, e rever o material com antecedência, alguns optam por não fazer. E estas decisões impactam a equipe em sua dinâmica geral e na qualidade geral do trabalho. Enquanto a coordenação de um grande time no ICED<sup>46</sup>, tivemos feedback muito positivo por parte dos clientes que disseram que era óbvio quando os intérpretes tinham optado em se preparar. Os mesmos clientes indicaram que poderiam também dizer quando os intérpretes não estavam bem preparados o que também influenciou suas percepções sobre o profissionalismo desses intérpretes individualmente.

Russel (2011) trata da importância dessa atuação e do quanto proveitoso pode ser esse momento para os intérpretes, a ponto de os clientes do serviço de interpretação conseguirem identificar quais profissionais deram atenção ou não para essa etapa, em função do produto interpretativo.

Esse momento de preparação pode ser comparado ao momento de “ensaio”. Sennet (2012) apresenta o ensaio como base de cooperação para

---

<sup>46</sup> International Congress on the Education of the Deaf

algumas atividades, entre elas as atividades dos músicos, em que o autor faz uma descrição sobre a atividade de ensaio e a importância de cooperação entre os músicos. Segundo Sennet (op. cit.), no fazer musical existe uma diferença entre a prática e o ensaio. A prática seria uma “experiência solitária”, e o ensaio, uma “experiência coletiva”, e o músico deve praticar sozinho para absorver perfeitamente a sua parte e, então, no ensaio, discutir os aspectos mais relevantes. O autor afirma:

O ensaio não irá adiante se um dos músicos se sair com uma explicação do “significado do Octeto de Schubert” ou se todos eles começarem a discutir sua importância cultural; o ensaio seria então transformado em um seminário. Mas na verdade são poucos ensaios que se transformam em seminários filosóficos. Os músicos com boa experiência de ensaios trabalham de maneira prática, investigando problemas concretos. É verdade que muitos deles são obstinados em suas convicções, mas essas opiniões só haverão de influenciar os outros se contribuírem para modelar um momento específico da sonoridade coletiva. (SENNET, 2012, p. 28)

De acordo com o autor, podemos entender que os ensaios são encontros que funcionam de maneira prática, investigando problemas concretos. Porque, desse modo, todo estudo já foi realizado, e, ao se encontrarem, os músicos precisam apenas acertar os detalhes específicos que influenciarão a produção coletiva. Certamente, não cabe, naquele momento, explicações detalhadas ou posições teóricas, filosóficas ou individuais sobre determinado assunto.

Ao realizarmos uma analogia com a atividade dos intérpretes, nos parece que é totalmente possível relacionar essa experiência dos músicos com a atividade de preparação para a interpretação, pois, os intérpretes realizam um momento de estudo prévio individualmente (a prática) e ao se encontrarem na equipe devem dar atenção a pontos específicos que necessitam ser negociados ou esclarecidos (o ensaio).

Normalmente, os intérpretes se encontram e negociam sinais, palavras ou expressões que seriam mais adequadas para determinado contexto, ou esclarecem algo que porventura não tenha ficado claro para eles. Além disso, se organizam quanto à formatação e organização do trabalho que será realizado em equipe. É necessário também que os intérpretes nesse momento compartilhem suas fragilidades ou como

normalmente se sentem e como frequentemente demonstram que precisam de algum apoio durante a interpretação:

**Maitê:** [...] na minha realidade, cidade de interior, eu conheço com quem eu vou trabalhar, quando eu não conheço, que são raras as vezes, eu sempre tento perguntar algo antes, que é uma prática que eu tenho da minha formação [...] (Entrevista, 2014)

Além da fase de preparação em que os intérpretes conversam entre si, essa etapa também pode contar com o encontro dos intérpretes com os palestrantes, a fim de compreender melhor os elementos gerais ou específicos do que será interpretado, tais como esclarecimentos sobre aspectos não compreendidos quando leram os materiais, negociação de sinais diretamente com os palestrantes ou, até mesmo, conhecer o estilo discursivo e sotaque do palestrante.

No caso dos intérpretes desta pesquisa, alguns realizaram conversas com os palestrantes, mas cabe destacar que esse encontro foi negociado diretamente entre eles, sem intermédio da coordenação da equipe de intérpretes. Como comentamos anteriormente, as equipes de intérpretes se alternavam durante o período do evento, permitindo, assim, àqueles que estavam no turno contrário da sua atuação procurar os palestrantes e realizar os esclarecimentos, caso fossem necessários. Essa busca tem relação com a *competência interpessoal* descrita por Kelly (2010), onde o intérprete deve ligar os outros integrantes envolvidos no processo de interpretação. Conforme foi observado durante a geração dos dados, muitos buscaram pelos palestrantes assim como alguns palestrantes também buscaram saber quais seriam seus intérpretes (em todo caso, não descreveremos especificamente sobre esses encontros, pois não acompanhamos de forma direta os detalhes dessas interações). As falas dos intérpretes mostram os efeitos do contato prévio com o palestrante, como podemos observar:

**Jonathan:** [...] senti uma grande diferença, pois não tive contato com o Renato,<sup>47</sup> porém tive contato com o Hélio, percebi a diferença mesmo que lendo o texto, então tive mais dificuldade com a do comunicador Renato do que a do comunicador Hélio. (Entrevista, 2014).

**Sônia:** [...] sentar com a pessoa que vai apresentar o trabalho, na conferência faz uma diferença enorme, pois você já entende o que aquela pessoa quer passar,

<sup>47</sup> Os nomes dos palestrantes foram substituídos por nomes fictícios, por questões éticas.

*o que ela quer dizer com aquele vocabulário, com aquela expressão, terminologia. (Entrevista, 2014).*

No contexto dessa pesquisa, em relação à preparação da equipe, os primeiros materiais disponíveis aos intérpretes foram os resumos expandidos enviados pelos comunicadores para a publicação nos anais do evento. A possibilidade de ter acesso a esse material foi fundamental para facilitar a organização e estudo dos intérpretes, pois, muitas vezes, em contexto de conferência, ter acesso ao material dos palestrantes não é algo simples. Nossa experiência mostra que muitos palestrantes não costumam preparar as apresentações com uma antecedência que favoreça o envio do material aos intérpretes em tempo hábil. Contudo, esse não deve ser o único material de preparação da equipe; outros textos paralelos podem e devem ser consultados.

Devido, assim, à exigência de publicação dos resumos expandidos dos comunicadores pelo evento, os intérpretes tiveram acesso a esses textos antecipadamente, o que certamente consideramos ter contribuído para a realização de preparação prévia do trabalho interpretativo. Magalhães Junior (2007) orienta sobre alguns materiais que podem ser utilizados para um estudo preliminar da interpretação. Ele diz:

Não desdenhe da importância ou complexidade de qualquer palestra. Busque todo o tipo de informação disponível sobre a conferência e o conferencista. Vasculhe a Internet e outros arquivos atrás de reportagens anteriores, cópias de discursos sobre o tema, trechos em áudio ou vídeo de entrevistas ou apresentações passadas. Procure manter contato pessoal, ou digital, com o apresentador ou com um de seus assessores. (MAGALHÃES JUNIOR, 2007, p. 74)

Além dos resumos enviados para publicação pelos comunicadores, a coordenação entrou em contato com os conferencistas convidados, via *e-mail*, com a intenção de conseguir algum material de estudo prévio. A grande maioria dos palestrantes enviaram textos de referência e alguns ainda encaminharam vídeos-resumo de suas apresentações com alguns sinais que utilizariam, conforme sugerido pela coordenação no primeiro *e-mail* de contato. Essa é uma estratégia interessante que favorece o reconhecimento da sinalização e familiaridade com o palestrante caso realize sua palestra em LS. De maneira geral, nossa experiência demonstra que os intérpretes devem preferencialmente interagir com o

palestrante bilíngue na língua em que ele irá proferir a palestra, certamente esse contato favorecerá na preparação para o trabalho.

Após essa introdução inicial aos temas e assuntos dos palestrantes, tivemos uma segunda reunião (uma semana antes da conferência) com os intérpretes e, nesse momento, tínhamos questões mais específicas para tratar, tais como: escala de interpretação, horário de chegada a cidade, traje padrão dos intérpretes do evento, acompanhamento da organização e, por fim, estudo do material (de forma individual e coletiva). Nessa reunião também orientamos os intérpretes sobre algumas impressões que tínhamos sobre a forma de atuação que poderia acontecer dentro da cabine.

Após essa conversa *in loco* com os intérpretes, observamos que seria necessário também disponibilizar o material dos palestrantes para uso dos intérpretes dentro da cabine. Assim, conforme a escala de trabalho, produzimos o que chamamos de “cadernos de resumos”. Esses cadernos continham todos os materiais enviados pelos palestrantes até um dia antes do início do evento, em ordem cronológica, conforme a programação e escala dos intérpretes. O objetivo desses cadernos era disponibilizar cópias impressas do material que poderia servir de apoio para a interpretação e poderia ser utilizado pelos intérpretes dentro da cabine. Sobre o uso dos cadernos alguns intérpretes comentaram nas entrevistas:

**Mariana:** *Aquele material impresso em apostila foi muito útil, porque mesmo que eu tivesse impresso e levado teria se tornado uma bagunça, não ia pensar em organizar como apostila, toda bonitinha. Fomos cercados de cuidado para garantir uma qualidade, porque não era só uma interpretação, mas que ela fosse de alto nível, muito boa para atender aquele público do evento. Funcionou muito. (Entrevista, 2014).*

**Vinícius:** *[...]o material que nós recebemos para ter o apoio na hora você nos deu muita segurança, porque havia uma liderança que preocupava com a equipe. (Entrevista, 2014).*

**Maitê:** *[...] o apoio material, e nós temos que cada vez mais dizer que isso é muito importante, porque o papel estava ali e por vários momentos a cabine nos ajudou [...] mas o papel, o material, lhe traz uma segurança que é incrível, isso é fundamental, vamos dizer que é o tripé da dupla. (Entrevista, 2014).*

Além dos comentários dos intérpretes sobre a importância do material organizado e disponibilizado previamente pela coordenação do evento, foi possível observar nas filmagens que os intérpretes utilizavam

frequentemente o material como consulta dentro da cabine, o uso do material ocorria geralmente quando havia alguma pausa, por exemplo, na troca entre o palestrante e o mestre de cerimônias, ou o intérprete de apoio também acompanhava a interpretação e ia passando as páginas do caderno conforme a palestra estava acontecendo.

Figura 8: Intérprete consultando o caderno de resumos dentro da cabine.



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Os cadernos de resumos foram entregues presencialmente aos intérpretes em uma terceira reunião que ocorreu uma noite antes do evento iniciar, na cidade do evento com todos os envolvidos. Nessa reunião, vários assuntos foram discutidos, e algumas instruções foram dadas à equipe, por exemplo, quanto ao uso do equipamento tecnológico da cabine, à estrutura do evento, e a outras informações relativas à organização do trabalho. Na ocasião, um dos intérpretes, Jonathan, mencionou sobre seu temor em relação ao trabalho: *“nossa! Muito tenso, eu sempre fico muito nervoso para interpretar, mas fazia muito tempo que eu não ficava tão aflito, nervoso, há muito tempo mesmo não ficava assim”*. Era notório que todos estavam bastante excitados e ansiosos, mas igualmente temerosos sobre o resultado do trabalho em si.

É importante destacar que o pesquisador ocupava também uma posição de coordenador do serviço de interpretação, não podendo se recusar a participar do processo ou deixar de orientar a equipe sobre possíveis situações que poderiam acontecer e, por ocasião dessa reunião, foram expostas as impressões e instruções de como acreditávamos que o trabalho poderia ser desenvolvido.

Diante desse novo cenário de atuação em cabine<sup>48</sup> no contexto de ILS, no Brasil, todas as instruções dadas eram baseadas a partir da

<sup>48</sup> Nos anexos deste trabalho consta uma breve descrição sobre os equipamentos para cabine de interpretação simultânea para Intérpretes de Libras/Português

investigação a respeito da atuação na cabine de línguas orais, ou, em nossas impressões pessoais, intuições e hipóteses do que poderia ocorrer no trabalho e na própria cena interpretativa em andamento. Por exemplo, acreditávamos que pelo fato de a interpretação da Libras para o Português acontecer pela visualidade do discurso proferido do palco e projetado na cabine por um monitor em tempo real, esse arranjo seria um complicador para que uma das formas de apoio se realizasse por meio de sinais ou até mesmo pela forma escrita, como normalmente acontece entre os ILOs, já que muita visualidade estaria em jogo, “competindo” pela atenção do intérprete. Essa suposição se baseava no fato de que o uso do canal visual dos intérpretes estaria potencialmente alinhado à sinalização do palestrante.

A rigor, acreditávamos que se o canal visual estava direcionado para uma função, o apoio deveria vir por meio de outro canal, no caso, o canal auditivo via fala em língua portuguesa. No entanto, o uso do canal auditivo para comunicação entre os intérpretes poderia ser um problema, visto que o microfone frequentemente utilizado em cabines de interpretação simultânea tem uma amplitude muito grande, captando qualquer som ou ruído do ambiente, e, portanto, o público seria “perturbado” com eventuais falas do apoio em seus fones de ouvido.

Preocupados com essa implicação, resolvemos então pensar em algo que impediria que a voz dos intérpretes de apoio fosse captada pelo microfone. Em conjunto com a equipe técnica de áudio e vídeo do congresso, optamos que o apoio fosse realizado utilizando-se um ponto eletrônico. Desse modo, o intérprete de apoio ficaria com um microfone de lapela, e ao sentir a necessidade de oferecer algum suporte, falaria no microfone, que era ouvido pelo intérprete do turno pelo fone de ouvido, e assim poderia acolher (ou não) na interpretação o apoio oferecido.

Essa estratégia foi escolhida não só para que o público não tivesse acesso às intervenções entre a equipe, mas também por outra razão: as palestras seriam comercializadas com a interpretação realizada na hora (com autorização dos intérpretes) e, para termos um produto sem ruídos, concordamos que o ideal é que apenas a voz do intérprete do turno fosse gravada. Com isso em mente, o uso do ponto eletrônico foi utilizado pelos intérpretes no início da conferência, conforme havíamos previsto, porém no decorrer do evento, os intérpretes buscaram outras alternativas para o apoio — alternativas que contrariam nossa previsão inicial, mas que nos pareceram bem-sucedidas. Na próxima seção pretendemos abordar

---

melhor as mobilizações de recursos utilizadas pelos intérpretes, dividindo-as em algumas categorias.

O Congresso Tils, conforme já informamos, ocorre com seções únicas. Basicamente, a programação conta com palestras de conferencistas convidados e comunicadores que tiveram seu trabalho aprovado pelo comitê científico. Essas falas são intercaladas para formar a programação. Os conferencistas têm em torno de uma hora na programação para fazer sua explanação e depois abrir para perguntas; os comunicadores têm o tempo de 30 minutos: vinte para apresentação e dez para as perguntas.

Em reunião com a equipe, foi decidido que cada intérprete ficaria responsável por toda a fala de um comunicador em sua apresentação e, ao se abrir para perguntas, o intérprete que estava de apoio assumiria a função de intérprete do turno e interpretaria a pergunta; no momento da resposta do comunicador, a interpretação voltaria ao intérprete responsável pela comunicação.

Durante as conferências principais, foi decidido também que um intérprete ficaria na posição de intérprete do turno, mesmo sendo um discurso mais longo, decisão tomada pela equipe em conjunto. Obviamente, os intérpretes também foram orientados a trocarem as posições de atuação, caso sentissem em algum momento que deveriam fazê-lo. De fato, trocas de última hora ocorreram e sobre elas falaremos mais adiante.

A divisão e a organização da escala, também buscou privilegiar o conhecimento e a familiaridade dos intérpretes como determinado palestrante ou região de onde é o intérprete e o palestrante, desse modo, seguindo o que nos apresenta Napier, McKee e Goswell, (2006)

Em contextos de conferência, onde há uma série de apresentadores, dividir os discursos entre os intérpretes e, dessa forma, se aproveita o conhecimento pessoal do assunto e/ou familiaridade com o palestrante. (NAPIER; MCKEE; GOSWELL, 2006 p.137)

É importante destacar que em alguns momentos da programação os conferencistas eram estrangeiros, a direção do par linguístico de interpretação era da Língua de sinais americana ou sinais internacionais para a Libras e, de dentro da cabine, os intérpretes interpretavam de Libras para a língua portuguesa. Tanto os intérpretes quanto a coordenação consideraram essas situações mais complexas de interpretação.



Ainda na última reunião, os intérpretes puderam, mesmo que brevemente, de forma presencial e em conjunto, estudar os materiais das apresentações do congresso. Eles se dividiram em pequenos grupos, e repassaram alguns pontos que julgaram mais complexos, comentaram também, naquele momento, quais seriam as palestras que acreditavam que o ideal seria realizar uma conversa com os palestrantes para elucidar alguns pontos. O coordenador acompanhou os trabalhos das equipes, no estudo das matérias, sugerindo e contribuindo com as escolhas que estavam sendo negociadas pelos intérpretes.

No período de preparação da interpretação, percebemos a mobilização de recursos ligados à subcompetência estratégica. Essa subcompetência contribui para o gerenciamento e eficácia do processo interpretativo, antes e durante a interpretação, conforme nos mostra Hurtado Albir (2011) e Camargo (2014).

A subcompetência estratégica, conforme apresentamos no Capítulo 1, tem a função de planejar o processo, elaborar e identificar problemas de tradução para que se aplique procedimentos para sua resolução. É nessa fase, pré-evento de interpretação que algumas escolhas são feitas, a partir do estudo individual, da conversa entre os intérpretes e da conversa com os palestrantes. Sendo assim, a subcompetência estratégica é mobilizada como recurso para organização, gerenciamento do processo e no estabelecimento de objetivos que possam ser alcançados.

De modo ainda inicial, percebemos que a fase de preparação para a interpretação em contextos de conferência engloba três momentos principais: 1) o estudo do material pelos intérpretes, 2) a conversa entre a equipe de intérpretes e 3) a conversa com os palestrantes. A subcompetência instrumental e a estratégica estão presentes e se destacam nessa fase preparatória.

## 5.2 A INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS–PORTUGUÊS NA CABINE E AS FORMAS DE APOIO.

Um dos objetivos deste trabalho é observar quais são as atitudes dos colegas intérpretes no momento da atuação em equipe e quais formas de apoio aconteceriam durante esse trabalho. Como os intérpretes mobilizam recursos para a construção da atuação, tanto quanto aos recursos que dispõem, quanto a outros recursos exteriores, pois, conforme Scallon (2015), essa mobilização está integralmente ligada ao conceito de competência.

Essa seria a fase do evento da interpretação em si, o momento em que poderíamos identificar se os modelos de trabalho de uma equipe,

apresentados por Hoza (2010), estariam em execução, esses modelos seriam: o de revezamento, monitoramento ou colaborativo interdependente. De modo geral, percebemos que o modelo colaborativo interdependente foi colocado em prática pela equipe do Congresso Tilsp.

Especificamente quanto à análise e os fins deste trabalho, e conforme já comentamos, consideramos “apoio” as intervenções entre os intérpretes, seja com o intérprete do turno solicitando algum suporte ao intérprete de apoio, ou com o intérprete que está na posição de apoio sugerindo algo para o intérprete do turno durante a interpretação.

A fim de compreender e observar os tipos de ocorrências no comportamento dos intérpretes, apoiando uns aos outros, mobilizando recursos rapidamente para agir com eficiência, visualizamos os vídeos gerados da atuação em equipe, e, então, procedemos à análise com o *software* ELAN, conforme descrito no capítulo da metodologia. A partir das notações realizadas no *software* para cada vídeo, foi possível identificar algumas recorrências, que nos permitiram categorizar os tipos de apoio presentes nesse contexto de investigação.

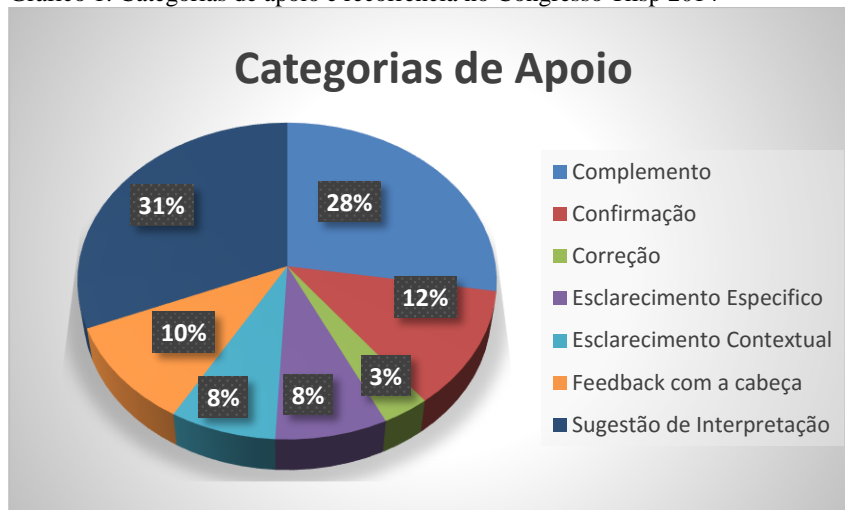
Como abordamos anteriormente (Capítulo 3), Hoza (2010) e Silva e Nogueira (2012) apresentam algumas categorias para os tipos de apoio que ocorrem entre ILSs. Essas categorias levantadas pelos autores são nosso ponto de partida para classificar e descrever os tipos de apoios e as atitudes dos intérpretes no momento da atuação em equipe dentro da cabine de interpretação simultânea da Libras para o Português. No entanto, buscamos expandir as categorias encontradas pelos autores observando o contexto de conferência desta pesquisa.

Gostaríamos de destacar que as categorias descritas não se encerram em si, pois acreditamos que outras formas de apoio são possíveis dentro do contexto de interpretação de conferência, mas nosso interesse é descrever a situação investigada e o que foi possível encontrar nessa realidade do Congresso Tilsp.

Considerando o contexto de investigação, não dispúnhamos de parâmetros externos a serem seguidos, a não ser a experiência dos próprios intérpretes em outras atuações, as conversas dentro da própria equipe de trabalho e nossas impressões pessoais na função de coordenação. Este estudo, ao pontuar essas categorias, descreve e narra as estratégias desenvolvidas pelos intérpretes ao lidarem com a situação real de interpretação. Vejamos abaixo as categorias de apoio encontradas a partir de nossa observação e análise dos vídeos com a atuação dos intérpretes: *feedback com a cabeça, confirmação, esclarecimento específico, esclarecimento contextual, sugestão de interpretação, correção e complemento.*

No gráfico 1, é possível observarmos os tipos de apoio encontrados na interação em cabine e a respectiva frequência de cada um.

Gráfico 1: Categorias de apoio e recorrência no Congresso Tilsp 2014



Fonte: Desenvolvido pelo autor

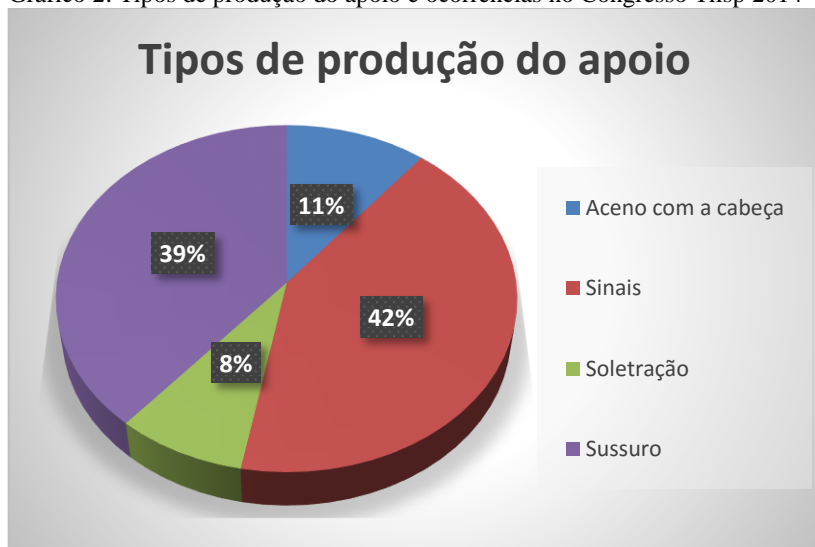
Além das categorias nomeadas neste trabalho como “tipos de apoio”, foi possível observar como o apoio é oferecido e como o apoio que foi oferecido é utilizado pelo intérprete do turno, percebendo qual é a forma de produção e contato entre os membros da equipe na cabine. As formas que os intérpretes utilizaram para que o apoio acontecesse chamamos de “tipos de produção”, são elas: *aceno com a cabeça*, *sussurro*, *senal* e *soletração manual*.

Quando o apoio ocorria por meio de um *sussurro*, isto é, o ato de falar em voz baixa entre os intérpretes da equipe, observamos que a sua produção aparece de três formas linguísticas diferentes: por uma *frase longa em língua portuguesa* (FLP) — formada por quatro ou mais palavras —, uma *frase curta em língua portuguesa* (FCP) — com até três palavras —, ou apenas uma palavra em língua portuguesa (1PP). Essa divisão foi uma proposta nossa ao observarmos as ocorrências nos dados. As siglas apresentadas foram criadas para auxiliar no processo de notação dos dados, na ferramenta “vocabulário controlado” do software ELAN.

O apoio também ocorreu por meio do fornecimento de sinais da Libras, bem como da soletração de uma palavra utilizando-se do alfabeto

manual de um termo em Português, ou pelo balançar da cabeça (afirmando ou negando, por exemplo). Os apoios com sinais da Libras ou com soletração do alfabeto manual não era algo que esperávamos, conforme anteriormente já havíamos dito, devido à concorrência visual. No entanto, encontramos com certa frequência o uso desses tipos de produção para o oferecimento de apoio. Apresentamos no gráfico 2 as porcentagens das ocorrências, a partir de cada tipo de produção que foi possível observar no vídeo.

Gráfico 2: Tipos de produção do apoio e ocorrências no Congresso Tilsp 2014



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Nossa observação dos fragmentos presentes dos vídeos que foram gerados revela os tipos de produção dos apoios, conforme apresentamos no gráfico acima. Percebemos que o sussuro representa uma porcentagem grande, de modo que atinge 39% dos apoios, porém, a produção com sinais atinge uma quantidade ainda maior com um total de 42% e, juntamente com a soletração (8% das ocorrências), somam um total de 50% de todos os tipos relacionados à produção do apoio ao receber ou ao pedir um apoio.

Esses dados contrariam nossa prescrição inicial de que os apoios deveriam acontecer exclusivamente por meio da língua portuguesa e do sussuro. Ademais, os dados mostram ainda que os intérpretes estavam engajados em mobilizar recursos para que a interpretação acontecesse

com maior qualidade possível; evidenciam ainda que os intérpretes se sentiram à vontade dentro da cabine. Acreditamos que provavelmente se esses profissionais não estivessem nesse espaço, protegido da visão geral do público, a ocorrência de apoios com sinais ou soletração ocorreriam com menor frequência. Entretanto, por estarem na cabine, acreditamos que tal fator favoreceu que mais apoios utilizando a Libras acontecessem. Um dos intérpretes comentam sobre a expansão dessa prescrição inicial:

**Vinícius:** *Para mim foi muito louco porque o contexto físico primeiramente foi um grande desafio. Ninguém sabia como iria ser. Nós tínhamos certa prescrição que você havia feito, e algo que havíamos imaginado. Não vai dar na língua de sinais com o apoio porque irá atrapalhar o intérprete visualmente para ele entender o texto, não vai usar escrita, vai ser somente voz, mas existe toda uma logística processual auditiva. Não usei o fone na primeira palestra. Eu conseguia ouvir a Mariana de fundo e deu certo para mim. Não sei se as pessoas ouviram, eu consegui ouvir, na hora foi tudo aquilo que havíamos dito que não seria feito, usamos sinais, mímica, usamos escrita no apoio.*

De certo modo, o uso do ponto eletrônico foi utilizado com maior ênfase no primeiro dia do evento. Essa era a forma que havíamos pensado que seria a melhor forma do apoio acontecer entre os membros da equipe, porém, durante a atuação, os intérpretes mobilizaram outros recursos, ampliando nossa expectativa inicial. Conforme o intérprete afirma, eles usaram diversos recursos para receber e dar apoio. Alguns durante a entrevista retrospectiva afirmaram que não se adaptaram ao uso do ponto eletrônico e que isso os atrapalhava durante a atuação e que outras formas de apoio foram possíveis de serem utilizadas:

**Mariana:** *[...] acho que foi porque era o primeiro contato com a atividade com a organização da cabine, no segundo ou terceiro dia eu acho que o apoio aconteceu melhor, porque saímos daquela regra de usar o fone, usar a lapela, pois qualquer barulho ela captava, fomos buscando outras maneiras até dar certo, mas foi muito legal do modo como transcorreu as coisas. (Entrevista, 2014)*

**Vinícius:** *Os primeiros desafios para mim foram físicos, aquele fone me atrapalhava muito o fato de escutar minha própria voz me incomodava, eu preferia usar às vezes o apoio direto ou nós tivemos uma formalização que colocamos a cadeira mais distante, nós conseguíamos nos ver e ver o vídeo ao mesmo tempo [...] (Entrevista, 2014)*

Essas falas mostram que os intérpretes estavam mobilizados a buscar formas de contribuir efetivamente com a interpretação. O que inicialmente foi um desafio e, apesar da prescrição inicial, não foi um limitador para a procura de outras formas de apoio. Com o transcorrer do evento a equipe foi se ajustando, até mesmo abandonando o ponto eletrônico e substituindo por outros meios que por eles foi julgado como mais eficiente. As ocorrências desses tipos de produção serão descritas mais adiante juntamente com as sete categorias de apoio encontradas durante a pesquisa.

Descreveremos abaixo as sete categorias de apoio, apresentando exemplos das situações que ocorreram dentro da cabine, apontando os tipos de produção e as formas linguísticas para a intervenção e apoio durante a interpretação.

O primeiro tipo de apoio, nomeado segundo Silva e Nogueira (2012) que também apresentam essa categoria, é o *feedback com a cabeça*, o qual, normalmente, ocorre quando o intérprete que está na função de apoio acompanha o fluxo da interpretação do intérprete do turno e, percebendo a coerência e adequação na interpretação, informa ao intérprete do turno que ele está no caminho certo e, para isso, realiza um balanço de confirmação com a cabeça. Isso serve como retorno ao colega, sendo uma forma de comunicação entre os membros da equipe. O total geral das ocorrências desse apoio nos vídeos pesquisados é de 10%.

Percebemos que o *feedback com a cabeça* também pode ocorrer após a apropriação do intérprete do turno do apoio oferecido pelo concabino e seria uma forma de indicar seu consentimento, aprovação e informar ao intérprete do turno que ele está no caminho correto em suas escolhas interpretativas.

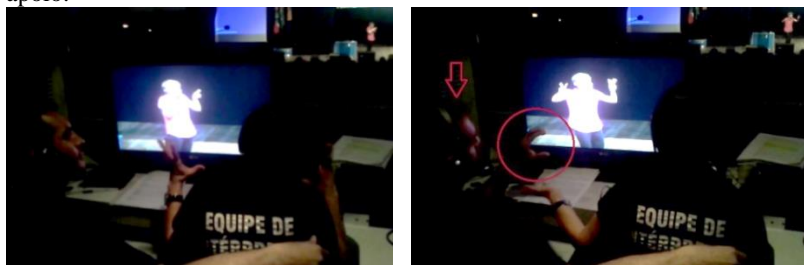
Em princípio, poderíamos achar que esse balançar da cabeça como *feedback* não seria algo significativo para os intérpretes, no entanto, percebemos que muitas vezes esse gesto está combinado com um outro tipo de apoio, e ele parece ser intencional, com a função de comunicar algo, entre o intérprete de apoio e o do turno. Em alguns momentos, o intérprete do turno procurava o olhar do intérprete de apoio, se direcionando para ele como se pedisse a confirmação da interpretação que havia sido realizada. Assim, o intérprete de apoio em alguns momentos respondeu com um aceno da cabeça, aprovando a escolha interpretativa realizada pelo colega.

Desse modo, esse balançar de cabeça não é apenas gestual e não significativo, ele tem o interesse de estimular o intérprete que está no turno da interpretação e ratificar a interpretação realizada. No entanto, na posição em que os intérpretes se encontravam, lado a lado, em alguns

momentos pode ocorrer que o intérprete do turno acabe não percebendo esse *feedback com a cabeça*. A melhor forma de identificar esse apoio ocorreria apenas quando o intérprete estivesse atento à visão periférica ou quando realizasse uma pausa e direcionasse o olhar para o intérprete de apoio. Pensando em outros contextos de interpretação em que os intérpretes estivessem um em frente ao outro, certamente esse apoio poderia ser mais efetivo. Vejamos um exemplo dessa ocorrência dentro da cabine:

***Cena interpretativa 01:*** Sônia estava como intérprete do turno, Jonathan era o seu apoio e monitorava a interpretação, atento no que estava sendo dito, em determinados momentos olhava para a Sônia e balança a cabeça, dando *feedback com a cabeça*, em determinado momento antes de oferecer um apoio com um sinal, faz com mais ênfase o *feedback*.

Figura 9: Monitoração da interpretação e feedback com a cabeça antes do apoio.



Fonte: Desenvolvido pelo autor

O segundo tipo de categoria de apoio chamamos de *confirmação*, totalizando 12% das ocorrências. Ele tem uma finalidade parecida com o *feedback com a cabeça*, porém, nessa categoria são utilizados sinais manuais ou até mesmo frases afirmativas em língua portuguesa. Por exemplo, frases como “isso mesmo” ou “você está no caminho certo” são comuns nessa categoria como formas de apoio.

Ao analisarmos os vídeos, também foi possível observarmos que, em alguns casos, a *confirmação* é realizada pelos sinais apresentados nas figuras 10 e 11.

Figura 10: Apoio de confirmação



Figura 11: Sinal CORRETO



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Vejamos um exemplo da ocorrência do tipo de apoio *confirmação* em que Mariana era a intérprete do turno e Marcelo, intérprete de apoio. Quando ocorre uma pausa na fala do palestrante, Mariana direciona o olhar para Marcelo, e ele responde com o sinal de confirmação, conforme a figura 12. Certamente, a intenção nesse momento era informar a intérprete do turno que a interpretação estava indo bem.

Figura 12: Intérprete olha para o apoio e recebe confirmação.



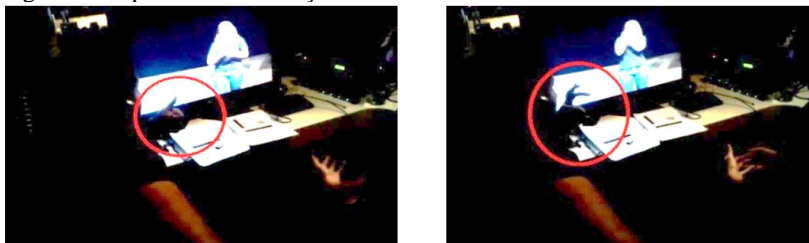
Fonte: Desenvolvido pelo autor

Hoza (2010) apresenta essa mesma categoria e também nomeia como “confirmação”. Segundo ele, o “intérprete de apoio ao ver o intérprete do turno hesitar, ou está com um olhar incerto ou mesmo confuso, nesse ponto pode oferecer uma confirmação” (HOZA, 2010, p. 72), exatamente o que ocorre no exemplo apresentado acima.



Em uma outra situação, em que as funções estavam invertidas, Marcelo era o intérprete do turno e Mariana, apoio. Marcelo realiza uma escolha interpretativa, e a intérprete de apoio sinaliza claramente para ele. Primeiro, um sinal de confirmação conforme figura 10 (acima) e depois o sinal de CORRETO (figura 11). Abaixo apresentamos um fragmento do momento.

Figura 13: Apoio de confirmação com sinal.



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Silva e Nogueira (2012) também descrevem essa mesma categoria, nomeando-a como “Feedback positivo com sinal ou reforço”, porém, observam a situação de interpretação do Português para a Libras. Na situação investigada, eles identificam que existem a repetição do sinal realizado pelo intérprete atuante, quando o apoio deseja realizar uma confirmação de que a escolha foi acertada.

Neste estudo, percebemos que o intérprete do turno enunciava e logo depois o intérprete de apoio sinalizava em Libras um correspondente para aquilo que havia sido dito em Português, com a intenção de confirmar o que havia sido dito, pois, juntamente com a produção do sinal *o feedback com a cabeça* também era realizado. Vejamos abaixo um exemplo dessa ocorrência:

***Cena interpretativa 02:*** *Sônia está como intérprete do turno, faz algumas pausas e repetições, parece querer esperar um pouco mais a enunciação da palestrante. Jonathan é seu apoio e monitora a interpretação, quando Sônia diz “a maioria das pesquisas, das publicações são em textos escritos...”, nesse momento, Jonathan sinaliza algo como uma folha de papel (fig. 08), confirmando que a informação estava correta, era isso que a palestrante queria destacar e acena a cabeça dando um feedback.*

Figura 14: Apoio de confirmação



Fonte: Desenvolvido pelo autor

No exemplo, percebemos que Jonathan estava monitorando a interpretação e percebeu as pausas de Sônia, aguardou e deu um apoio com sinal para confirmar o que havia sido dito pela intérprete do turno. Ocorrendo o que havia sido descrito por Hoza (2010), ao definir essa categoria. Importante salientar que a *confirmação* não será incluída na interpretação, tendo como função de ênfase na aprovação da escolha realizada pelo intérprete do turno e, por isso, ocorre após a fala do intérprete.

Identificamos também que o tipo de apoio *confirmação*, em alguns momentos, é solicitado não necessariamente em relação às escolhas interpretativas realizadas pelo intérprete do turno, mas para que o intérprete se localizasse com o material impresso e os PPTs dos palestrantes no caderno de resumos. O intérprete do turno pedia apoio, questionando se estava seguindo a ordem correta e recebia a confirmação pelo intérprete de apoio.

Figura 15: Apoio de *Confirmação*

Fonte: Desenvolvido pelo autor

O tipo de apoio *feedback com a cabeça* ou o tipo *confirmação*, frequentemente, foram encontrados ancorados com os outros tipos de apoio que identificamos. Por esse motivo, eles podem ocasionalmente

também ser identificados nas ilustrações dos contextos interpretativos seguintes em que descrevemos as outras classificações do apoio.

A terceira categoria que encontramos para os apoios seria o *esclarecimento*, essa categoria também foi identificada por Silva e Nogueira (2012), porém, nesse momento, com a intenção de descrever essa categoria de forma mais detalhada, ampliando e definindo de forma mais específica a produção desse tipo de apoio, propomos uma divisão em dois tipos: *esclarecimento contextual* ou *esclarecimento específico*. O *esclarecimento contextual* atingiu um total de 8% do total de ocorrências, como também o *esclarecimento específico* em relação aos totais das ocorrências de apoio.

Observamos que o *esclarecimento*, como um todo, geralmente acontece quando o intérprete do turno demonstra alguma insegurança, incerteza sobre alguma informação ou de como ela deve ser interpretada para a língua-alvo, observável por meio da expressão facial de dúvida, da interrupção da interpretação-voz, em uma pausa longa, ou ainda, da declaração direta ao apoio informando sobre a dúvida. O *esclarecimento específico* geralmente é solicitado pelo intérprete do turno ao intérprete de apoio que recebe como retorno uma *sugestão de interpretação* (outra categoria que vamos descrever mais adiante) e o *esclarecimento contextual*, ao contrário, por não ser muito pontual, e oferecido pelo intérprete de apoio. Esse esclarecimento pode ser uma tentativa de descrição e antecipação do apoio do que poderá ser dito pelo palestrante.

Um exemplo de aparição dos esclarecimentos ocorre no seguinte contexto discursivo:

***Cena interpretativa 03:*** *A palestra era de um conferencista estrangeiro, que ministrava sua fala em Língua de Sinais Americana- ASL, a palestra era interpretada no palco para a Libras e na cabine para Português, Vinícius estava na posição de intérprete do turno, contando com Jonathan na função de intérprete de apoio. O palestrante então faz um sinal, Vinícius indeciso qual seria a tradução mais adequada para o sinal, continua interpretando. No entanto, ao mesmo tempo, copia o sinal se dirigindo para o apoio como se questionasse qual termo deveria usar. Após realizar o sinal, ele soletra a palavra c-o-l-o-n-i-z-a-r, como se desejasse um esclarecimento pontual sobre aquele sinal e se deveria usar o termo soletrado na interpretação, então Jonathan percebendo a solicitação do colega sugere alguns termos, por exemplo: “Colonizar” e “Audismo”. Vinícius após a sugestão e o apoio recebido, interpreta da seguinte maneira “Para realizar uma espécie de colonização dessa comunidade, de opressão dessa comunidade...”*

Figura 16: Vinicius copia o sinal “colonizar” e depois soletra a palavra c-o-l-o-n-i-z-a-r.



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Na situação apresentada acima, o intérprete opta pelo termo “colonização”, incluindo, no entanto, a expressão “uma espécie de colonização” para amenizar a carga semântica que o termo isolado pode ter nesse contexto na língua portuguesa. Acreditamos que essa foi a razão que fez com que Vinicius solicitasse o apoio. Ele queria ter o retorno de seu colega e saber se poderia usar esse termo, pois além de mostrar o sinal feito pela intérprete de Libras no palco, ele também soletra a palavra c-o-l-o-n-i-z-a-r, para esclarecer se a interpretação especificamente desse sinal poderia ser aquela que foi pensada por ele.

Esse apoio foi categorizado como *esclarecimento específico*, por ser uma dúvida direta e pontual, solicitada pelo intérprete do turno. Interessante notar que esse apoio utilizou a Libras como forma de comunicação entre os parceiros de cabine e acontece de forma concomitante à interpretação: o intérprete não parou para receber o apoio, mas faz apenas uma pequena pausa, que dura três segundos, quando soletra o termo “colonizar”, ouve o apoio do colega e retomada do fluxo da interpretação.

A solicitação do apoio, no primeiro momento, foi por meio de um sinal e, logo depois, valendo-se de uma soletração. O retorno do intérprete de apoio ao pedido de esclarecimento foi por meio de um sussurro. De imediato, já se apresenta nessa situação o uso de uma mescla de canais para a comunicação entre os membros da equipe, aqui o apoio foi solicitado utilizando-se sinais e respondido por um sussurro. Essa construção entre os membros da equipe não foi algo previsto antes do evento ocorrer. Na verdade, foi uma construção e um saber gerado a partir da prática: um *saber-agir*, como é nomeado por Scallon (2015), pois, se apresenta a partir de uma situação em que temos um nível de exigência grande que demanda uma mobilização dos participantes.

Vejamos outro exemplo da mesma aparição, ainda na mesma palestra: a enunciação do conferencista em ASL e, ao lado, a enunciação de outra intérprete de Libras e Vinícius estava na cabine interpretando para o Português:

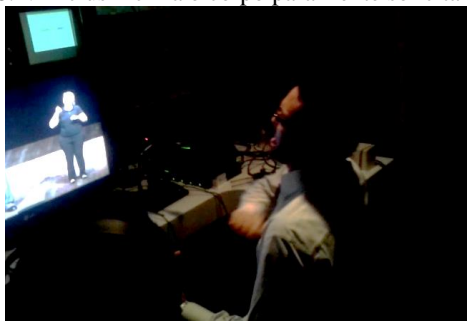
***Cena interpretativa 04:*** A intérprete de ASL-Libras que estava no palco realiza um sinal e Vinícius não compreendendo o sinal, copia-o na tentativa de, a partir dessa ação em sinais, questionar ao apoio que sinal era aquele. Todavia, o apoio não responde, então ele lança o olhar rapidamente para o seu colega, e também não recebe nenhum esclarecimento (fig. 17). Essa duas tentativas de pedido de apoio são em vão, pois é de se imaginar que talvez o apoio também não havia compreendido aquele sinal e não tinha uma sugestão possível para traduzir o sinal enunciado. Na ausência de recursos linguísticos Vinícius, insiste, repetindo o sinal e, inclinando o corpo para a frente com mais ênfase e expressividade, como que convocando o suporte do apoio (fig. 18), Jonathan o apóia dizendo uma frase sobre o contexto do que está sendo palestrado, como se assumisse a interpretação naquele momento, “O papel é, me desculpe, eu não sei como seria o sinal utilizado aqui”. A enunciação de apoio de Jonathan não era especificamente sobre a dúvida do Vinícius, no entanto, sua fala é uma interpretação do que estava seguindo no discurso. Realizando assim um apoio do tipo que classificamos como esclarecimento contextual.

Figura 17: Vinícius olha para o concabino solicitando apoio



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Figura 18: Vinícius inclina o corpo para frente solicitando apoio.



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Nesse exemplo, que ocorreu em fração de segundos, o apoio não responde diretamente qual seria uma escolha interpretativa para aquele sinal, dúvida de Vinícius. Na situação descrita, percebemos que o esforço de compreensão, apresentado por Gile (1995) é exatamente da mesma ordem da dificuldade que Vinícius tem para conseguir realizar a interpretação. Dessa forma, estando na cabine, observando o trabalho da dupla e compreendendo o discurso sinalizado e o sinal apresentado, o pesquisador e coordenador serve de apoio emergencial e sugere uma possibilidade de interpretação para aquele termo, dizendo em voz: “*atitude, atitude*”. Vinícius ouvindo o meu apoio, reformula a interpretação e enuncia: “...*é que a atitude dos intérpretes de língua de sinais é incoerente com o próprio uso da língua de sinais, com a comunidade surda...*”.

Nessa situação, constatamos um caso em que o intérprete do turno necessitava de um suporte específico para um determinado termo. Ele demonstra por meio da produção do sinal, do olhar para o intérprete de apoio e até mesmo com o movimento do seu corpo que ele precisava de um esclarecimento sobre o que aquele sinal significava e qual poderia ser uma alternativa para tomar uma decisão interpretativa para aquele léxico. Vinícius precisava de um *esclarecimento específico*, porém recebeu um *esclarecimento contextual*, no primeiro apoio, uma fala sobre o que estava sendo dito pelo palestrante, o que não resolvia o problema interpretativo que se passava naquele momento. Tanto é assim que a ajuda não foi utilizada pelo intérprete do turno durante o processo interpretativo.

Algo interessante ao se observar essa cena interpretativa em que Vinícius, no papel de intérprete do turno, pede um apoio de *esclarecimento específico*, é a mobilização dos componentes psicofisiológicos, pois o intérprete demonstra espírito crítico e

conhecimento do limite das próprias possibilidades (HURTADO ALBIR, 2011). Sabendo disso, ele está consciente que o colega de equipe pode auxiliar em sua interpretação e por esse motivo solicita o apoio.

Uma característica interessante que também é possível perceber, na situação descrita, é o comportamento corporal do intérprete em ação. Ele se inclina para frente e, de forma muito breve, ao se inclinar, olha para o intérprete de apoio. Cokely e Hawkins (2003), em um estudo piloto, informam que, ao questionar os intérpretes sobre como eles demonstrariam que necessitavam de apoio, tiveram como resposta que eles inclinariam o corpo em direção ao apoio e poderiam também olhar para o colega. Essas seriam formas de demonstrar para o parceiro de equipe que precisaria de algum suporte, características encontradas também em nossos dados.

Ainda sobre o *esclarecimento contextual*, percebemos que no aã de passar uma visão global sobre o que está sendo dito, algumas vezes, o intérprete de apoio parecia que interpretava uma sentença para o intérprete do turno com o interesse de situá-lo no discurso, falando, muitas vezes, frases longas em língua portuguesa.

Por exemplo, em determinada situação em que Marcelo está como intérprete do turno, e, claramente demonstra que não compreendeu o que havia sido sinalizado pela intérprete, recebe uma frase que visa esclarecer o que havia sido dito pelo palestrante para que então pudesse continuar a interpretação.

Figura 19: Intérprete do turno demonstra precisar de um esclarecimento e recebe apoio.



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Nessa situação especificamente, os intérpretes de apoio dentro da cabine utilizaram o sussurro e também a soletração como forma de esclarecer ao intérprete do turno a sua incompreensão. Nesse caso, o esclarecimento não é especificamente apenas para um léxico, mas sim, para uma enunciação completa. Por esse motivo categorizamos situações

como essa como *esclarecimentos gerais*. Vejamos outros exemplos relacionados ao apoio de *esclarecimento*:

**Cena interpretativa 05:** *Vinícius estava como intérprete do turno e Jonathan era seu apoio. Vinícius realizava algumas pausas durante a interpretação e, durante um determinado momento, ele fala uma sentença, porém, não termina o que está sendo dito, interrompendo de forma brusca sua interpretação. Então, Jonathan sussurra uma frase para que possa auxiliar o colega. Vinícius balança a cabeça dando um feedback para Jonathan e após alguns segundos retoma a interpretação, mas, não diz as mesmas palavras que recebeu do apoio.*

Abaixo temos uma transcrição da interação:

**Intérprete do turno Vinícius:** *Os intérpretes têm realizado um tipo de opressão sobre a comunidade surda. Nós sabemos que a língua ah ah (pausa de 6 segundos).*

**Intérprete de apoio Jonathan:** *A língua da comunidade surda é a língua dos surdos. (o apoio foi sussurrado, uma frase longa em LP)*

**Intérprete do turno Vinícius:** *(Feedback com a cabeça- pausa de 4 segundos e retomada da interpretação) E depois de 50 anos de trabalho e de profissionalização, nós nos questionamos qual que é o trabalho do intérprete, qual deve ser a atuação do intérprete.*

Nesses exemplos, o apoio foi categorizado como *esclarecimento contextual*, pois sua motivação tem relação com as pausas sucessivas e a interrupção do discurso interpretado de forma brusca, deixando a sentença sem conclusão. O que nos parece serem indicadores para o intérprete de apoio deve oferecer algum suporte para o colega, mesmo que o intérprete do turno não utilize esse apoio para a interpretação.

Percebemos que o *esclarecimento contextual* visa a situar o que está sendo dito e não é necessariamente uma sugestão direta para ser incluída na interpretação. O *esclarecimento contextual* oferecerá pistas sobre o que o está sendo dito no discurso que, eventualmente, pode não ter sido compreendido pelo intérprete do turno e esse tipo de apoio o auxiliará na melhor compreensão da situação que necessita ser interpretada para que consiga continuar a tarefa.

Uma quarta categoria nomeamos como *sugestão de interpretação*, a qual totalizou 31% dos apoios observados e está relacionada com a intervenção do apoio ao oferecer uma opção interpretativa para um determinado momento específico do discurso. A *sugestão de interpretação* está totalmente ligada a um apoio que poderá ser incluído durante a interpretação e tem o desejo de oferecer uma possível solução



para um problema interpretativo que o intérprete do turno possa estar enfrentando. Ainda, esse tipo de apoio aparece como resposta a uma solicitação de *esclarecimento específico* solicitado pelo intérprete do turno, conforme excerto descrito abaixo:

**Cena interpretativa 06:** *Estavam na cabine Jonathan e Maitê. Jonathan havia acabado de interpretar uma comunicação quando iriam passar para as perguntas, então, Maitê toca no ombro de seu colega para informar que ela assumiria a interpretação, nesse momento Jonathan olha para Maitê, ela faz um sinal e então, assume o turno da interpretação.*

Figura 20: Toque no intérprete do turno.



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Figura 21: Combinação para troca de funções.



Fonte: Desenvolvido pelo autor

*Maitê então inicia a interpretação e Jonathan vai monitorando. Alguns momentos, ao perceber que Maitê poderia ter alguma dúvida, ele direciona o olhar para ela, até que então, tendo dúvida em relação ao uso de um sinal, ela pede um esclarecimento específico, se dirige ao colega, sinalizando para ele qual seria a dúvida e o termo pontual que precisava (fig. 20), nesse momento ela faz um alongamento do termo “sobre”, para que dê tempo de pedir e receber o apoio. Jonathan ao ver o sinal prontamente responde por um sussurro em Português “transferência” e, então, Maitê inclui o apoio em sua interpretação e segue. Logo depois, sinaliza uma confirmação pelo apoio recebido (fig. 21).*

Podemos tentar entender melhor como ocorre a situação, a partir dos turnos transcritos abaixo:

**Intérprete do turno Maitê:** *Sobre as descrições imagéticas eu conheço pouco, mas (prolongamento do termo) sobre (prolongamento e pausa de 2 segundos mais a produção do sinal que não conhecia).*

**Intérprete de apoio Jonathan:** *transferência. (o apoio foi sussurrado)*

**Intérprete do turno Maitê:** *as transferências no seu trabalho... (produção de um sinal de confirmação)*

Figura 22: Maitê pede um esclarecimento.



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Figura 23: Maitê confirma o apoio recebido.



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Nesse exemplo, a solicitação de apoio de Maitê é um *esclarecimento específico*, porém, a resposta que ela recebe de Jonathan é uma *sugestão de interpretação*. Aqui, o apoio que foi oferecido tem relação direta com a escolha interpretativa que Maitê deve fazer, pois, esse é um conceito principal da apresentação, uma informação primordial para o discurso, a intérprete sabe disso ao solicitar o apoio e queria ter certeza de qual escolha interpretativa ela deveria fazer.

Os apoios referentes à categoria de *sugestão de interpretação* também ocorrem quando a produção da mensagem no texto-alvo ainda não foi concluída pelo intérprete do turno, possibilitando que o apoio recebido seja inserido na mensagem final que o público irá receber. Essa é uma característica importante que também diferencia essa categoria de outras. Vejamos outro exemplo de *sugestão de interpretação*:

**Cena interpretativa 07:** *Vinicius era o intérprete do turno, Jonathan e o coordenador estavam na cabine e atuavam como apoio. Depois de uma pausa longa realizada pelo intérprete do turno, o coordenador oferece um apoio e diz: “não há”, e prontamente Vinicius segue a interpretação e diz: “Nós Estados Unidos não existe uma legislação (prolonga a palavra)”. Com o prolongamento, o intérprete Jonathan oferece o termo “específica” que prontamente é aceito pelo Vinicius e incluído na interpretação.*

Nessa cena, os apoios foram categorizados como *sugestão de interpretação* e ocorre nos dois momentos por meio do sussurro do intérprete de apoio para o intérprete do turno. Também não ocorreu o pedido de apoio pelo intérprete do turno, porém, a pausa realizada antes do primeiro apoio fez com que a *sugestão de interpretação* fosse oferecida.

Não podemos ter clareza se o apoio de fato era necessário. No entanto, observando a situação percebemos que o intérprete do turno não realiza nenhum gesto que impeça o apoio ou informe que ele está apenas aguardando demais informações daquela mensagem para realizar a interpretação. Assim, acreditamos que o apoio tenha contribuído no processo interpretativo.

Ao observarmos a situação, percebemos que o intérprete do turno, nesse caso, não usa as mesmas palavras oferecidas na *sugestão de interpretação*, mas fala algo que engloba o mesmo sentido. Esse exemplo se torna interessante pois essa é uma possibilidade e uma escolha do intérprete do turno. Ao ouvir o apoio ele pode estruturar a sentença conforme julgue adequado.

Logo depois, na mesma cena interpretava, o intérprete do turno faz um prolongamento da palavra “legislação”. Esse prolongamento poderia ser uma estratégia do intérprete do turno para aguardar o que virá no discurso ou para pensar em uma opção interpretativa, mas, nesse momento, outro apoio pontual é oferecido, que é aceito e incluído na fala do intérprete do turno.

Nos exemplos mostrados, a *sugestão de interpretação* não foi motivada por um *esclarecimento*. Percebemos, entretanto, que dois fatores motivam os intérpretes de apoio a oferecer uma *sugestão de interpretação*: uma pausa longa e o prolongamento de uma palavra.

Pausas acontecem em qualquer interpretação, porém, quando longas, geram no público uma insegurança a respeito do trabalho do intérprete. E, ao observarmos a atuação dos intérpretes em equipe, parece ser possível dizer que pausas longas evocavam que algum tipo de apoio seja oferecido. A categoria de apoio *sugestão de interpretação* descrita não foi nomeada anteriormente por Hoza (2010) e nem por Silva e Nogueira (2012), sendo essa uma proposta desse trabalho para a definição desse tipo de apoio. Um apoio que tem uma relação direta com a interpretação que está sendo produzida.

Por exemplo, em determinado momento a intérprete do turno Mariana realiza uma pausa durante sua atuação. Nesse momento é oferecido uma *sugestão de interpretação* para que ela possa continuar. É dito, de forma sussurrada e também sinalizada, a frase “*seguiu critérios*”.

É quando ela, ouvindo a sugestão, inclui no discurso e diz “ela seguiu critérios”, ao se tratar da apresentação que falava sobre tradução de poesias.

Figura 24: Sugestão de interpretação



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Em outra situação também temos uma *sugestão de interpretação*, conforme observamos na cena interpretativa 8:

***Cena interpretativa 08:*** Jonathan está como intérprete do turno e Maitê, como intérprete de apoio. Ao perceber uma certa hesitação na interpretação de Jonathan, como se estivesse ainda processando e pensando em qual escolha em Português deveria usar, Maitê realiza o sinal de “ajudar” (fig. 25), para que auxilie na interpretação e fazer com que Jonathan, lembrasse de algum termo e continuasse sua interpretação. Jonathan, prontamente, fala em sua interpretação “apoiar os estudos da iconicidade”. Então, Maitê confirma com um feedback com a cabeça que está de acordo com a interpretação realizada.

Figura 25: Apoio de sugestão de interpretação pelo sinal de “ajudar”



Fonte: Desenvolvido pelo autor

O sinal apresentado pelo apoio ocorre como se lembrasse ao intérprete do turno uma escolha possível para utilizar na interpretação. O apoio é oferecido devido a hesitação do intérprete do turno. A hesitação engloba uma série de marcas linguísticas que o falante utiliza quando fala

e sua função é desacelerar o texto falado e fornecer tempo adicional para o falante decidir sobre a verbalização da informação (KIRCHER et al., 2004; *apud* MERLO, BARBOSA, 2012) e ela parece ser uma estratégia para que o apoio seja oferecido, frequentemente, quando o intérprete do turno hesita.

Outro tipo de apoio identificado chamamos de *complemento*, o qual acontece quando o intérprete de apoio sugere algo que, em sua opinião, deixaria a interpretação mais clara, ou algo para dar ênfase em algum aspecto. Os apoios dessa categoria acontecem quando o intérprete do turno já concluiu a sentença, porém o intérprete de apoio acredita que ainda exista uma informação que não pode deixar de ser dita e então oferece o apêndice, algo que pode ser inserido (ou não) na interpretação pelo intérprete do turno. Dos vídeos que analisamos essa categoria representa 28% de todos apoios analisados.

O complemento tem uma função de melhoria da interpretação, e conforme Hoza (2010), as melhorias são outro tipo de apoio em relação ao texto-alvo. Ele diz:

Ao invés de corrigir o conteúdo ou fatos que foram mal interpretadas para a língua alvo, se dá valorização e o enriquecimento da interpretação, auxiliando o intérprete do turno, com possibilidades dinâmicas e análogas, observando o significado situacional e textual da interpretação (HOZA, 2010, p. 71)

Vejamos um exemplo dessa ocorrência:

***Cena interpretativa 09:*** Em determinado momento, Vinícius está como intérprete do turno. O palestrante faz uma comparação em relação ao aumento de atuações e também ao aumento de pesquisas na conjuntura dos intérpretes de ASL/Inglês nos últimos anos. No entanto, Vinícius em sua interpretação relata sobre o aumento das interpretações. É quando o intérprete de apoio diz “pesquisas”. Após ouvir a palavra sussurrada, Vinícius como intérprete do turno conclui, “e o aumento das pesquisas também” e segue. Logo depois, Vinícius segue sua interpretação, falando sobre a inserção do intérprete nos contextos educacionais de ensino regular. Todavia, o palestrante também especifica ao falar sobre a inserção do intérprete com crianças surdas. Assim, observando que isso ainda não havia sido dito pelo intérprete do turno, o intérprete de apoio sussurra uma frase curta “também para crianças surdas” que logo é aproveitada pelo intérprete atuante juntando com o fluxo de informação posterior.

Nessa situação, especificamente, é possível observar que o primeiro apoio de *complementação* se dá no nível lexical, pois o objetivo é que essa informação não se perca. O intérprete do apoio deve ter presumido que a informação relacionada às “pesquisas” não poderia faltar na interpretação, mesmo porque ela havia sido enunciada pelo palestrante, evitando-se uma omissão desnecessária. Vale ressaltar que não era possível prever que essa informação iria faltar no discurso do intérprete, pois ele ainda poderia ter incluído em algum momento da interpretação. Contudo, o apoio parece acreditar nisso, quando antecipa-se introduzindo a palavra. Vejamos outro exemplo na transcrição abaixo, ainda do mesmo tipo de apoio e na mesma cena interpretativa:

***Intérprete do turno Vinícius:*** *E a inserção do intérprete no contexto educacional nas escolas do sistema regular. (uma pausa de 4 segundos).*

***Intérprete de apoio Jonathan:*** *Também para crianças surdas.*

***Intérprete do turno Vinícius:*** *(pausa de 2 segundos) eh eh com crianças surdas o vínculo com o intérprete acaba não acontecendo...*

No segundo momento descrito, o apoio de *complemento* apresentado tem a intenção que o intérprete do turno especifique o contexto educacional, então, o apoio, monitorando o discurso, sugere a complementação. Às vezes, o complemento tem o interesse de deixar claro e especificar o referente, tornando o discurso mais coeso. O exemplo de apoio em que o intérprete diz “*também para crianças surdas*” tem a intenção de melhorar e amarrar a discussão a respeito da presença de intérpretes com crianças surdas, indicadas no discurso do palestrante como tema que seria discutido posteriormente em sua fala.

Interessante notar que o intérprete não inclui o apoio recebido de forma solta e descontextualizada. Ele espera o melhor momento com o fluxo das informações para que então possa incluir o apoio sugerido em sua interpretação. Isso faz com que possamos entender que o apoio não necessariamente deva ser incluído no discurso no mesmo instante que ele foi oferecido. O intérprete do turno escolherá e incluirá a informação quando julgar necessária, observando, portanto, não apenas a utilidade das escolhas linguísticas oferecidas, mas a própria função do apoio sugerido naquele discurso e momento da interpretação. Essa é uma decisão do intérprete do turno.

Por exemplo, após um determinado momento em que Mariana está como intérprete do turno ela termina um bloco de informação, porém, Marcelo ainda acha que ela deva esclarecer melhor o que ela disse, então, ele oferece um complemento em sinais. Mariana vê o apoio, porém, não

inclui o que foi dito em sua interpretação, ela está satisfeita com o que ela havia interpretado.

Figura 26: Intérprete do turno recebe apoio de complemento



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Os *complementos* também parecem ter como objetivo proporcionar uma forma “mais natural e dinâmica do conteúdo” (HOZA, 2010, p. 71), não tendo necessariamente uma função de reparação de conteúdo. Vejamos outros exemplos:

***Cena interpretativa 10:*** A equipe é formada por Jonathas e Vinícius. O palestrante estava falando sobre algumas cidades americanas e a realidade da guia-interpretação para surdocegos nessas cidades. Ele cita a cidade de Washington D.C., quando o intérprete diz “Washington”, porém recebe do apoio o complemento “D.C.” que é utilizado pelo intérprete do turno.

Nesse exemplo, o apoio oferece o “D.C.” — que é a abreviatura de “Distrito de Colúmbia” (*District of Columbia*) — onde a cidade está localizada. A ausência dessa informação certamente não descaracterizaria a localização de onde o palestrante estava falando, porém a inclusão dessa informação complementa o nome da cidade e de onde está se falando.

Outro tipo de apoio que foi possível identificar foi o que chamamos de *correção*, o qual ocorre quando há algum equívoco na interpretação. Normalmente, é julgado pelo intérprete de apoio que a escolha realizada pelo intérprete do turno não foi adequada. Sendo assim, o apoio sugere uma forma alternativa, que corrija a informação.

Conforme Silva e Nogueira (2012 p.05) “usa-se aqui o termo ‘julga’, porque é possível acontecer que o intérprete de apoio compreenda de forma errada a informação e pense que o intérprete do turno é que tenha entendido de maneira equivocada”, e assim apoiamos nessa definição essa categoria.

Esta categoria também é nomeada por Hoza (2010 p. 69) e segundo o autor a correção representa “um esforço da parte do intérprete de apoio para corrigir o conteúdo entregue na língua alvo, que porventura tenha sido omitido, adicionado ou enviesado” e essa correção pode ser aceita ou não pelo intérprete do turno.

Ainda conforme Hoza (2010), a correção dificilmente não será percebida pelo público, contudo, observa-se por exemplo que a correção tem uma função importante para que equívocos e incompreensões possam ser evitadas. Em determinado momento da atuação dos intérpretes aconteceu a seguinte situação:

**Cena interpretativa 11:** *A intérprete do turno está realizando sua atuação, e em determinado momento ela se confunde no que foi dito pelo palestrante, o palestrante diz: “a interpretação de poesia ocorre na direção da Libras para o Português”, no entanto, a intérprete inicia a sua produção da sentença dizendo ao contrário, que a direção da interpretação seria de Português para Libras, o intérprete de apoio, percebendo o equívoco, intervém na hora e corrige. Ao ouvir o apoio, a intérprete faz a correção, dizendo: “perdão, da direção da Libras para Português”, e após a correção, a interpretação prossegue.*

Nessa situação, percebemos como é importante o apoio: a intérprete do turno não havia compreendido que estava passando uma informação equivocada. O apoio ao intervir, possibilita que o público não receba uma informação errada, pois a troca da direção altera o contexto que está sendo discutido, alterando o sentido proposto pelo palestrante.

Em outro momento, acontece a seguinte situação:

**Cena interpretativa 12:** *A equipe é formada por Mariana e Marcelo, ela como intérprete de apoio e ele como intérprete do turno. Em um certo momento, Marcelo vê o discurso e interpreta um sinal como “simultâneo”. Nesse momento, Mariana, atenta à interpretação, sussurra a palavra “híbrido”, pensando que talvez Marcelo não tenha ouvido o que havia sussurrado. Ela se aproxima do monitor e soletra “h-i-b-r-i-d-o”. É quando Marcelo realiza a correção em sua fala e diz: “um conceito híbrido”. Marcelo aceita o apoio oferecido e faz a correção.*

Nesse exemplo, a sugestão de Mariana não pode ser considerada apenas como uma *sugestão de interpretação*, pois tinha o interesse que o colega corrigisse a informação dita por ele, tanto que insiste para que o apoio seja aceito. Ela utiliza dois tipos de produção, sussurro e soletração, para que o colega inclua no discurso e corrija a informação. Um ponto interessante que foi possível observar é que o intérprete, ao realizar a



correção, não indicou que estava fazendo uma correção, mas retomou a interpretação e incluiu a informação nova, não negando o que havia informado anteriormente.

Os tipos de classificação de apoio apresentados descrevem em parte como ocorreram as interações e as intervenções entre os intérpretes atuando em equipe e na cabine de interpretação simultânea. Esses tipos, muitas vezes, se sucedem em conjunto: um apoio de *esclarecimento* é solicitado e, logo depois, um *complemento* é sugerido e aquele bloco de apoio é finalizado com um *feedback com a cabeça*. Por exemplo:

***Cena interpretativa 13:*** Jonathan está como intérprete do turno. Em determinado momento de sua atuação, o palestrante fala sobre uma determinada configuração de mão. Assim que é apresentada, Jonathan aponta para o monitor onde a imagem do palestrante está sendo projetada (fig. 27). No mesmo momento, a intérprete de apoio, Maitê, copia a configuração de mão (CM), (fig. 28), e então Jonathan também a copia e os dois intérpretes produzem a CM dita pelo palestrante (fig. 29) apoio de confirmação. Em seguida, a intérprete de apoio oferece um complemento sinalizando o sinal “pesquisar” (fig. 30) e depois retoma a CM, dando feedback com a cabeça, até que Jonathan termine a sentença. Nesse contexto especificamente, o apoio funcionou por meio de um sinal e do feedback com a cabeça, o total de todo bloco de apoio ocorre em sete segundos.

Figura 27: Jonathan aponta para tela



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Figura 28: Maitê copia o sinal feito pelo palestrante



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Figura 29: Intérpretes copiam o sinal



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Figura 30: Apoio de complemento “pesquisar”



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Nessa análise, apresentamos a descrição das categorias de apoio identificadas na atuação de interpretação em equipe e em cabine. Além da conceituação, foi possível identificar os tipos de intervenção e os tipos de produção em que os apoios foram realizados, observando a mobilização de recursos diversos relacionados à competência interpretativa necessária para atuação em equipe. É evidente que os intérpretes dentro da cabine mobilizam várias subcompetências, dentre as quais destacamos a subcompetência estratégica do grupo PACTE, quando

os intérpretes precisavam identificar problemas e aplicar procedimentos no uso do apoio para resolvê-los.

Essa subcompetência estratégica durante a interpretação em equipe na cabine teve um papel fundamental no gerenciamento do apoio recebido e seu uso durante a interpretação, garantindo o sucesso do processo de interpretação que estava sendo realizado, lidando com os imprevistos e o imediatismo que são características da interpretação, porém, no contexto apresentado, essas questões estavam ainda mais presentes, pois, os intérpretes tinham a interpretação na cabine como uma nova realidade.

As categorias que foram encontradas em nossa análise também se verificam em Hoza (2010) e Silva e Nogueira (2012), o primeiro, entretanto, apesar de apresentar menos categorias, detalha informações sobre elas e apresenta exemplos; Silva e Nogueira (2012), por apresentarem um estudo preliminar, mostram apenas a conceituação das categorias. Em nosso estudo, buscamos definir e expor as cenas interpretativas com detalhes do que acontecia na cabine durante a mobilização da competência interpretativa no trabalho em equipe.

A partir dos dados, foi possível também acrescentar outros tipos de apoio que não foram previstos anteriormente na literatura, como os dois tipos de *esclarecimento*, o *específico* e o *contextual*, e também a categoria definida por nós como *sugestão de interpretação*, a qual dá destaque para o apoio direcionado para inclusão expressa na interpretação. Abaixo, apresentamos um resumo das categorias, o tipo de produção e as formas linguísticas utilizadas para que os apoios fossem solicitados e oferecidos.

Quadro 15 : Categorias de apoio observadas no contexto investigado

<b>Categorias de apoio</b>	<b>Resumo conceitual</b>	<b>Tipo de produção</b>	<b>Formas linguísticas de apoio</b>
Feedback com a cabeça	Ocorre quando o intérprete que está na função de apoio, acompanha o fluxo da interpretação do intérprete do turno e, percebendo a coerência e adequação na interpretação, informa ao intérprete do turno que ele está no caminho certo e, para isso, realiza um balanço de confirmação com a cabeça, o que serve como retorno ao colega, sendo uma forma de comunicação e apoio entre os membros da equipe.	Aceno com a cabeça	
Confirmação	Tem uma finalidade parecida com o <i>feedback com a cabeça</i> , com a função de ênfase e aprovação da escolha realizada pelo intérprete do turno, porém, nessa categoria são utilizados sinais manuais, frases afirmativas em língua portuguesa ou, até mesmo, a produção de um sinal que reitera o que foi falado pelo intérprete do turno.	Sussurro Sinal	FCP 1 Sinal
Esclarecimento específico	Acontece quando o intérprete do turno demonstra alguma insegurança, incerteza de alguma informação ou de como ela deve ser interpretada para a língua-alvo, observável pela expressão facial de dúvida, da interrupção da interpretação-voz, por uma	Sussurro Sinais Soletração	FCP, IPP 1 Sinal SO

	<p>pausa longa, ou ainda, pela declaração direta ao apoio informando sobre a dúvida. Geralmente é solicitado pelo intérprete do turno ao intérprete de apoio que recebe como retorno uma <i>sugestão de interpretação</i>.</p>		
Esclarecimento contextual	<p>Não tem uma característica tão pontual, ao contrário do <i>esclarecimento específico</i>; Tem como objetivo dar uma visão global sobre o que está sendo dito. Geralmente é oferecido pelo intérprete de apoio, como uma tentativa de descrição e antecipação do apoio do que poderá ser dito pelo palestrante.</p>	Sussurro Sinais Soletração	FLP, FCP, 1PP 1 Sinal SO
Sugestão de interpretação	<p>Está totalmente ligada a um apoio que poderá ser incluído durante a interpretação e tem o intuito de oferecer uma possível solução para um problema interpretativo que o intérprete do turno possa estar enfrentando; ocorre quando a produção da mensagem no texto-alvo ainda não foi concluída pelo intérprete do turno, possibilitando que o apoio recebido seja inserido na mensagem final que o público irá receber. Esse tipo de apoio também aparece como resposta a uma solicitação de <i>esclarecimento específico</i>, solicitado pelo intérprete do turno.</p>	Sussurro Sinais Soletração	FCP, 1PP 1 Sinal SO
Complemento	<p>Acontece quando o intérprete de apoio sugere</p>	Sussurro Sinais	FLP, FCP, 1PP

	algo que, em sua opinião, deixaria a interpretação mais clara, ou algo para dar ênfase em algum aspecto. Os apoios acontecem depois do intérprete do turno já ter concluído a sentença, porém, o intérprete de apoio acredita que ainda exista uma informação que não pode deixar de ser dita e então oferece o apêndice, algo que pode ser inserido (ou não) na interpretação pelo intérprete do turno.	Soletração	1 Sinal SO
Correção	Ocorre quando há algum equívoco na interpretação; normalmente é julgado pelo intérprete de apoio que a escolha realizada pelo intérprete do turno não foi adequada, sendo assim, o apoio sugere uma forma alternativa, que corrija a informação.	Sussurro Sinal Soletração	FLP, FCP, 1PP 1 Sinal SO

Fonte: Desenvolvido pelo autor

### 5.2.1 Atitude e estratégias dos participantes no papel de intérprete de turno

Os sinais que indicam quando o intérprete de apoio deve entrar em cena são relativos e pessoais a cada equipe de trabalho, salvo o caso em que a equipe convencionou, previamente, os tipos de apoio que pretende dar e receber, mas, mesmo assim, sempre há situações não previsíveis. Assim, entendemos que, além das ocorrências de apoio apresentadas aqui, é possível realizarmos algumas ponderações e, em especial, referindo nosso olhar para as atitudes e estratégias dos intérpretes do turno, sendo possível apontar alguns comportamentos que demonstram quando necessitavam de algum apoio.

Cokely e Hawkins (2003), quando questionaram as equipes do seu estudo sobre o comportamento que adotariam para solicitar apoio,

encontraram as seguintes respostas: *inclinação, olhar, silêncio, a expressa solicitação e toque no intérprete de apoio.*

Na situação que observamos, nesta pesquisa, também foi possível observar alguns desses comportamentos para solicitação de apoio. Algumas delas já foram comentadas junto com as cenas interpretativas que ilustram as categorias apresentadas anteriormente, porém gostaríamos de fazer mais alguns apontamentos sobre esses comportamentos dos intérpretes em equipe.

Por exemplo, se retomarmos a cena interpretativa que comentamos anteriormente nº04 na página 135 em que Vinicius e Jonathan estão na cabine, Vinicius inclina seu corpo para frente e olha para o Jonathan solicitando apoio. Em alguns momentos, é possível perceber que os intérpretes inclinaram o corpo na direção do intérprete de apoio, essa *inclinação* deixa claro que ele está fazendo uma solicitação de apoio sendo um comportamento evidente dessa natureza.

Alguns intérpretes realizavam pausas ou ficavam alguns períodos em *silêncio*. Cokely e Hawkins (2003) receberam como resposta em seu estudo que o silêncio poderia ser uma convocação para que o apoio atuasse, eles tiveram como resposta de um dos intérpretes que eles investigaram “*se eu não disser nada por um longo tempo*” (COKELY, HAWKINS, 2003 p. 61) seria um indicativo que precisaria de apoio.

Os autores problematizam a questão, pois o silêncio pode ser encarado como a ausência de comportamento, ao invés de um comportamento em si. No entanto, o silêncio seria ambíguo, podendo ser incluído como um comportamento para solicitação de apoio. Conforme os autores, essa ambiguidade estaria na seguinte situação: o “silêncio poderia indicar que o intérprete do turno está processando o que está sendo dito ou que o intérprete em ação não compreendeu a mensagem no idioma de origem” (COKELY, HAWKINS, 2003 p. 60). A nosso ver, para eliminar a ambiguidade, caberia uma postura do intérprete do turno em avisar ao seu colega de cabine.

Alguns intérpretes comentaram sobre isso na entrevista retrospectiva. Vinicius disse que ficar momentos em silêncio faz parte do seu estilo de interpretação, porém, para o intérprete de apoio, essa característica possivelmente sugeria que ele precisava de algum auxílio:

**Vinicius:** *Eu, analisando meu desempenho, percebi que realizava muitas pausas para poder fazer a interpretação e soltava blocos de interpretação e que é um pouco o meu estilo[...]. (Entrevista, 2014)*

Ao observarmos os dados, concluímos que existiu uma convocatória “silenciosa” de Vinícius e de outros intérpretes pelo apoio, e ela era indicada por pausas maiores que indicavam ao apoio que ele necessitava de suporte, entendemos que essas pausas eram como pistas para o intérprete de apoio.

Rodrigues (2013), em seu estudo, comenta que os prolongamentos e pausas, ou até mesmo as repetições e interrupções, marcam processos de tomadas de decisões. Conforme o autor, “os processos de tomada de decisão na interpretação, assim como na tradução, podem ser compreendidos a partir de noção de bloco automático e bloco reflexivo” (KONIGS, 1987; ALVES, 1995, 2005 *apud* RODRIGUES, 2013, p. 174).

Os intérpretes investigados por Rodrigues (2013) comentam que refletem sobre como devem interpretar um determinado enunciado, ao contrário de uma posição de recuperação lexical automática. Em nosso entender, nessa posição reflexiva, o intérprete do turno pode contar com o apoio de seu colega durante a interpretação ao trabalhar em equipe, para que possa resolver algum problema interpretativo que apareça.

Os intérpretes comentaram durante a entrevista que usaram algumas estratégias para informar ao concabino que ele devia dar apoio ou que o apoio não se fazia necessário. Vejamos outros exemplos:

**Sônia:** *Vai mais pelo olhar, mas eu fazia assim (sinal de “chamar”), é porque eu estava precisando de apoio. Vinícius estava indo sozinho, aí ele fazia um sinal, que era pra parar (sinal “parar”), ou se perdeu fazia outro gesto chamando. (Entrevista, 2014)*

Figura 31: Sinal utilizado para solicitar apoio



Fonte: Desenvolvido pelo autor



Figura 32: Sinal utilizado para parar o apoio



Fonte: Desenvolvido pelo autor

**Mariana:** [...] lá na cabine então aconteceu de tudo, todo tipo de apoio, de fato era na tentativa mesmo de que se alcançasse o objetivo, principalmente em algumas palestras que foram mais difíceis ou por causa do tema. (Entrevista, 2014)

Além desses gestos, apresentados pela intérprete Sônia na entrevista, e a partir da observação dos vídeos, foi possível identificar o que havia sido considerado como “tudo” pela intérprete Mariana. Observamos que existiram estratégias para solicitação de apoio entre a equipe como: troca de olhares, toque no braço, além desses gestos utilizados pelos intérpretes.

Figura 33: Olhares



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Figura 34: Toques



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Figura 35: Aviso por gestos



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Essas foram estratégias utilizadas pelos intérpretes para informar que necessitavam de apoio ou que não precisavam do apoio, para que pudessem se comunicar dentro da cabine. Dessa forma, o apoio também é uma forma de comunicação entre os intérpretes que estão trabalhando em conjunto. Russel (2011 p.05) diz que “uma das chaves para o trabalho em equipe eficaz é a comunicação”.

Ao observarmos os vídeos, torna-se evidente essa mobilização dos intérpretes com estratégias diversas com a intenção de melhorar o trabalho que estava sendo realizado. E as estratégias podem variar dependendo dos profissionais que fazem parte de uma determinada equipe.

Para que o intercâmbio se dê de forma eficiente, os concabinos devem partilhar de um código de comunicação comum. Esse código muda a cada caso, a depender do colega com que se trabalha”. (MAGALHÃES JUNIOR, 2007, p.111).

Esse código de comunicação necessita ser compartilhado entre os membros de uma equipe. Abaixo temos o comentário de umas das intérpretes sobre como normalmente costuma agir ao trabalhar em equipe:

**Mariana:** [...] as pessoas não vão descobrir como é que você quer que essa atuação aconteça, que o apoio aconteça, você chega para a pessoa e pergunta ou então avisa. Eu faço muito isso, olha você vai me apoiar agora, legal! Se for uma pessoa que eu não conheço eu prefiro que você faça de tal forma, se você perceber que eu estou pedindo para você parar um pouquinho é porque não está dando certo[...]. (Entrevista, 2014)

Nesse fragmento, a intérprete aponta que os intérpretes que estão em uma equipe devem se comunicar, informando como preferem que o apoio atue e este não pode ser de forma descabida, em que o intérprete de apoio intervenha tanto a ponto de atrapalhar a atuação do intérprete do turno. É preciso estar sensível e atento para perceber o momento em que o apoio será necessário e eficiente:

**Marcelo:** Tem hora que eu estou apenas processando, e aí de repente falaram, e eu vejo que está na expectativa, o Marcelo perdeu, mas nessa hora eu não tinha perdido, nessa hora eu estava raciocinando. Como em outro momento que eu realmente tinha perdido. E aí a dica que eu estava dando, apesar que eu não falei com ninguém, era quando eu apertava o botão de mudo, que eu precisava do apoio, eu tinha me perdido. (Entrevista, 2014)

**Vinicius:** Em algumas vezes me atrapalhou [o apoio], porque às vezes, uma colega por exemplo, faz apoio dando frases completas, e às vezes eu escutava as frases inteiras e me desconcentrava e quando eu me desconcentrava eu acabava falando a frase inteira do apoio. (Entrevista, 2014)

Essas falas evidenciam também a dificuldade que foi enfrentada pelos intérpretes quanto estavam na função de intérpretes do turno, pois nem sempre o apoio percebia o momento exato de contribuir. Em alguns momentos, o intérprete do turno estava processando a informação e precisava de mais tempo apenas para o processamento e produção, conforme Marcelo relata (“mas nessa hora eu não tinha perdido, nessa hora eu estava raciocinando”) e recebia alguma intervenção do concabino. Esse caso relaciona-se com a ambiguidade do *silêncio*, descrita por Cokely e Hawkins (2003), e como Vinicius argumenta (“frases completas, e às vezes eu escutava as frases inteiras e me

*desconcentrava*”), pois a forma linguística escolhida para oferecimento do apoio não era eficiente.

Interessante notar que Marcelo comenta que o uso do equipamento também foi uma estratégia utilizada por ele para solicitar apoio, ele apertava o botão “off” do microfone e então com o áudio não mais disponível para o público ele solicitava o apoio ao seu colega. O sistema de microfone disponível dentro da cabine permite que o intérprete, ao manter o botão pressionado, que o áudio captado pelo microfone seja cortado.

O intérprete Marcelo, ao perceber essa possibilidade começou a usar esse botão para indicar ao seu colega que ele necessitava de apoio, mas não comunicou aos seus colegas de equipe que essa seria uma das estratégias usadas por ele. Napier, McKee e Goswell, (2006, p.137) relata que nessa negociação prévia é preciso “discutir a melhor forma de dar e receber contribuições, quando a informação é perdida”. Caso tivesse comunicado isso previamente, essa seria uma forma de refinar o apoio que estava sendo solicitado.

Na entrevista, alguns intérpretes comentaram que nem tudo sobre o trabalho havia sido combinado anteriormente pelos intérpretes e muitas experiências foram intuitivas por estarem nesse ambiente pela primeira vez:

**Maitê:** *E que foram combinações que não foram feitas antes, pois a cabine era algo novo, se não fosse seria possível combinar algo antes, como um toque na perna, dá um cutucão e aí vem língua de sinais na minha frente ou fala alguma coisa, mas aqui não sabíamos como iria proceder. (Entrevista, 2014)*

Um outro comportamento que foi possível identificar com certa recorrência entre os intérpretes é o pedido específico de algum apoio: muitos realizavam sinais dentro da cabine para demonstrar ao concabino que precisavam de algum apoio.

Figura 36: Intérprete do turno solicita esclarecimento e recebe resposta copiando o sinal



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Na situação ilustrada pela figura 36 a intérprete copia o sinal para especificar a sua dificuldade e recebe o apoio para aquele momento. Segundo comentamos anteriormente, esse comportamento tem relação com a categoria de apoio *esclarecimento específico*.

Ao refletirmos sobre essas formas da qual os intérpretes se valem para indicar que precisam de apoio, na observação do trabalho e por meio das falas dos membros da equipe, podemos identificar que o apoio sempre terá uma função de progresso e aperfeiçoamento da interpretação e, se o apoio, por algum motivo, não estiver colaborando nesse sentido, ele perde seu papel. Magalhães Junior (2007, p. 110) ao falar da atuação dos ILOs dentro da cabine relata que eles precisam se ajudar:

Na cabine, o ideal é que os interpretes se percebam como iguais e ajudar-se. Essa ajuda pode assumir várias formas, desde um meneio discreto de cabeça até contribuições orais e audíveis. Na maior parte das vezes, porém, a troca de informações se dá por escrito, mediante a anotação de palavras-chave, a confirmação de números e siglas, a correção de um nome próprio ou da pronúncia correta de dado termo. Em geral, o intérprete passivo procura antecipar –se ao colega que está ao microfone, agindo preventivamente.

A partir dessa experiência, entendemos que cada intérprete em cada equipe mobilizará recursos para que possam apoiar, buscando estratégias a partir da situação que se coloca durante a interpretação:

**Sônia:** *Em minha opinião, o apoio percebeu que eu estava indo bem e deixava, por exemplo: nomes eu chamava muito, perdia muito, pois eu me concentrava muito na sinalização, aí senti um apoio muito bom. Principalmente nas duas*

*palestras, nas duas comunicações e uma que não era para eu interpretar, mas foi preciso, eu precisei de muito apoio nesse momento. (Entrevista, 2014)*

A fala da intérprete mostra que sua experiência com o apoio aconteceu de forma colaborativa, em que a equipe acompanhou o desempenho do intérprete do turno, que também indicou os momentos em que o apoio se faz necessário. Ainda, é possível perceber na fala da intérprete que situações em que o intérprete do turno está menos confiante, inseguro, por algum motivo, o apoio se torna ainda mais importante. Na situação relatada, a troca do intérprete do turno ocorreu quando um membro da equipe que estava escalado para uma determinada palestra solicitou para que, se possível, fosse substituído por outro colega, verificamos a possibilidade e a outra intérprete assumiu a interpretação.

Essa ocasião específica está relacionada com uma afirmação de Magalhães Junior (2007) em que ele diz que o “grande limitador de rendimento na tradução simultânea é emocional, não linguístico”. Nesse sentido, a intérprete que havia sido escalada tinha se preparado tecnicamente, estudou o material, conversou com a palestrantes antes do evento, porém não dispunha de calma e tranquilidade necessária para conduzir a interpretação, o que causou a alteração de quem assumiria como intérprete do turno.

Trocas de funções podem ocorrer antes da interpretação ou até mesmo durante a interpretação, em uma equipe de intérpretes em determinadas situações, em que um intérprete de apoio assume brevemente a função de intérprete do turno para que possa fazer a interpretação. Cokely e Hawkins (2003, p. 64) comentam que essa é “a forma mais extrema de receber o apoio” e também demonstra que essa “disposição dos intérpretes em abandonar temporariamente o papel principal indica um compromisso para o sucesso global da interpretação e da interação”, o que é um aspecto importante.

Outro aspecto que chama nossa atenção é a preferência dos intérpretes do turno em receber algum apoio por palavras ou sentenças completas. Percebemos que essa preferência também varia entre os intérpretes. Alguns comentaram durante a entrevista que, em alguns momentos, ao receberem frases longas, incluíam-na no discurso, porém não haviam compreendido o motivo de terem recebido aquele apoio; outros nunca haviam trabalhado com apoios de sentenças completas, porém se adaptaram e aproveitam os apoios recebidos:

*Maitê: [...] e foi muito bom porque eu trabalhava com apoio, mas eu soltava só palavras, não tenho o hábito de soltar frases. [...]e receber o apoio de sentenças*

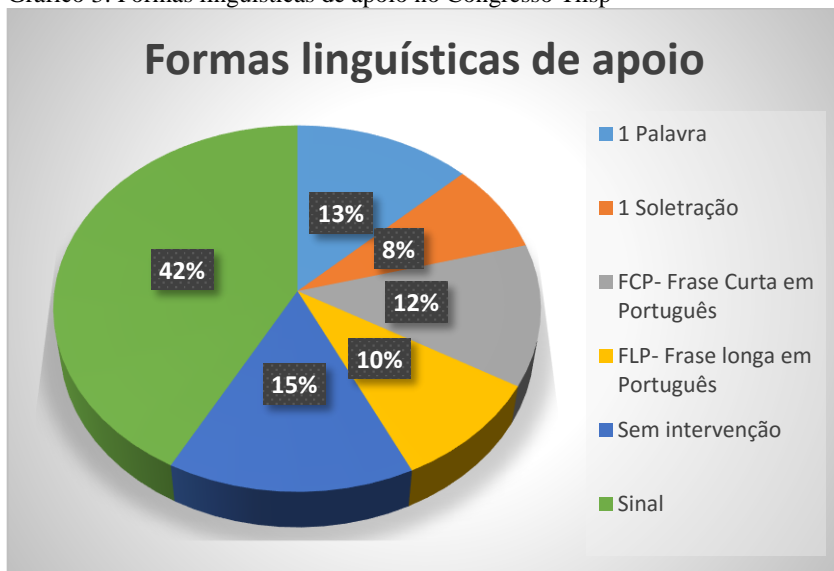
*completas foi muito legal porque, por mais que eu estivesse construindo uma sentença, eu não usava toda frase que eu recebi, mas influenciava na minha produção que estava em construção, isso foi muito interessante. (Entrevista, 2014).*

***Vinícius:** Particularmente gosto de receber do apoio palavras, então, eu estou falando e a pessoa solta uma palavra, já liberta a vida. Às vezes é aquela palavra que desenrosca todo o processo [...], então comigo uma palavra dá certo. Tive outras experiências com outras duplas, as pessoas falavam frases, e eu não conseguia raciocinar a frase no contexto, eu repetia a frase inteira com o medo de perder, dependendo de como o apoio é feito, o que faltou uma combinação minha com as outras pessoas sobre a questão das palavras. (Entrevista, 2014).*

Nos depoimentos acima temos duas posições, uma de sucesso outra de dificuldade ao receber apoio com frases longas. Verifica-se também uma preferência do intérprete Vinícius por apoios de termos curtos e pontuais e que ele poderia ter combinado melhor com as equipes com quem trabalhou suas preferências de apoio, além de reconhecer que, por não ter conversado de forma apropriada, dificuldades e falhas comunicativas aconteceram durante o ato interpretativo.

Russel (2011) apresenta que a preferência em receber como apoio frases longas ou apoios mais curtos, deve ser uma das perguntas a se fazer durante o *briefing* da equipe. Esse questionamento não tem o interesse em ser um limitador para que o apoio aconteça, ou que as intervenções entre os membros da equipe só possam se apoiar de uma determinada forma, ao contrário, visa a promover conhecimento das formas preferenciais, o que é fundamental para que o apoio entre a equipe possa ser mais qualificado. Sobre as formas observadas de recebimento de apoio, podemos verificar no gráfico a seguir.

Gráfico 3: Formas linguísticas de apoio no Congresso Tilsp



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Identificamos o oferecimento de uma palavra em 13% dos apoios; 12% foi do oferecimento de apoio com frases curtas; e 10% com uso de frases longas em Português. O uso de sinais totalizou 42%, um grande número e um destaque. Anteriormente, comentamos sobre isso, os 8% denominados como “sem intervenção” tem relação com a categoria de apoios que chamamos de *Feedback com a cabeça* que está relacionada ao balanço da cabeça.

Outro aspecto interessante comentado pelos intérpretes durante a entrevista retrospectiva está relacionado a quais momentos eles sentiram que precisavam mais de apoio. Alguns temas foram comentados como sendo momentos em que o recebimento do apoio era mais necessário:

**Marcelo:** *Em um vocabulário específico, termos técnicos, ou às vezes na fluidez da sinalização da pessoa e conseqüentemente o tempo que você está processando falando, acontecia da pessoa perder um sinal, que daria o link para continuar. Acaba que você perde nesse monitoramento. Soletração também. Foi o que eu percebi. (Entrevista, 2014)*

**Maitê:** *Acho que soletração não foi muito, mas nome de autor foi bastante, a questão também do nível linguístico de precisar de uma palavra formal, mas não lembrar a e aí vinha palavra que precisava. (Entrevista, 2014)*



A partir da fala desses intérpretes é possível reconhecer os tipos pontuados por eles como mais comum para que seja recebido um apoio, são eles: vocabulários específicos, termos técnicos, no momento da soletração do palestrante (por exemplo, em nomes de locais e de autores) e também a adequação linguística ao contexto.

Esse é um aspecto que qualifica a interpretação, pois o uso de determinados jargões e o registro formal ou informal são características que estão presentes em qualquer discurso e o intérprete precisa se adequar observando o contexto, o gênero do palestrante, a faixa etária e o *status* social e, caso o intérprete de apoio identifique que o intérprete do turno está realizando algo de forma incoerente, é preciso alertá-lo.

Na perspectiva do apoio, alguns intérpretes comentaram os momentos que sentiram que foi preciso estar mais atento e oferecer mais apoio. As falas deles apontam para as palestras em que tinham uma primeira interpretação para a Libras e somente depois para o Português, e também quando os intérpretes do turno escalados anteriormente foram alterados por algum motivo:

**Mariana:** *Para mim, nas palestras que foram em outra língua de sinais ou ASL o apoio era muito importante, e também quando as pessoas tinham pouca proficiência na Libras, eu imagino que para esses momentos o apoio foi fundamental. (Entrevista 2014)*

**Vinicius:** *Teve uma situação que precisei dar mais apoio, mas porque foi uma alteração de última hora que foi a palestra da Regina, que a Sônia acabou fazendo. (Entrevista, 2014)*

De modo geral, esses são alguns dos aspectos que se destacam ao pensarmos no intérprete do turno e quais são as particularidades que o cercam durante a interpretação. A seguir, apresentaremos os resultados sobre as impressões dos membros das equipes a respeito da atuação realizada no Congresso Tilsp.

### 5.3 EXPERIÊNCIA E AVALIAÇÃO SOBRE O TRABALHO EM EQUIPE REALIZADO PELOS PARTICIPANTES

Ao analisarmos as entrevistas retrospectivas com os seis intérpretes responsáveis pela atuação no evento, alguns pontos chamam nossa atenção. Destacaremos, assim, esses pontos e abordaremos a fala dos participantes, pontuando suas visões e impressões a respeito da

atividade realizada e as experiências de interpretação em equipe em um contexto de conferência em cabine.

Esse momento da entrevista retrospectiva também serviu como um momento de avaliação dos intérpretes pós-conferência, trazendo reflexões pessoais sobre o trabalho realizado, relacionando com o período após o evento, descrito por Hoza (2010), em que a equipe pode conversar sobre acertos ou falhas que ocorreram.

Importante pontuar que os intérpretes investigados possuem mais de dez anos de atuação, assim, não podem ser considerados novatos na atividade interpretativa. No entanto, para alguns o contexto de conferência não é uma realidade comum. Este fato parece coadunar com os aspectos históricos da atuação de ILSs expostos por alguns autores (QUADROS, 2004; SANTOS, 2006; NASCIMENTO, 2012; SOUZA, 2014) que descrevem que a atuação dos ILSs inicialmente se constitui em contextos comunitários e se destaca na história locais como escolas e as igrejas; porém ainda somos carentes de estudos historiográficos a respeito dos ILSs no Brasil, seria interessante uma pesquisa que abordasse sobre a história dos ILSs e os primeiros contextos de atuação. Todavia hoje, outros contextos têm se aberto para esses profissionais e, nos últimos anos, não é mais surpresa nos depararmos com a presença de intérpretes em conferências:

**Sônia:** *Eu não atuo em conferências com frequência, minha principal atuação é na escola. (Entrevista, 2014)*

**Jonathan:** *Depois que comecei a trabalhar na Universidade, nós temos atuado em muitos eventos, desde ano passado estamos com esse tipo de tradução mais presente; não era algo recorrente, esse ano 2014 foi mais pancada, mas pancada no sentido de ser quase todo mês um evento grande, de dois dias de tradução e interpretação. (Entrevista, 2014)*

**Maitê:** *Eu já havia trabalho, em seminários e congressos, mas não do tamanho do evento que estamos trabalhando hoje. [...] já trabalhei em eventos menores, de Português para língua de sinais. (Entrevista, 2014)*

**Marcelo:** *Eu não tenho uma prática cotidiana de trabalhar em seminários, mas já trabalhei em meu estado. (Entrevista, 2014)*

**Mariana:** *Eu sempre trabalhei com conferências, você pode imaginar que em Fortaleza não tem tantos eventos igual a São Paulo, [...] mas sempre atuo em eventos locais e nacionais, na minha cidade. Eu nunca tinha atuado em outra cidade como intérprete. (Entrevista, 2014)*

*Vinícius: Aqui em São Paulo temos bastante conferências, atuamos principalmente em conferências acadêmicas, corporativas dentro de empresas, reuniões para funcionários e até mesmo internacionais, conferências públicas. A gente atua muito em conferência pública, mas nas maiorias das vezes a direção de interpretação é Português-Libras. A conferência pública tem bastantes atuações em Libras para Português, pois os surdos sempre fazem parte das articulações políticas, então, nós atuamos mais nas conferências públicas de Português para Libras do que nas outras. (Entrevista, 2014)*

A fala dos intérpretes confirma que a interpretação de conferência se tornou mais comum nos últimos anos, com um número muito maior de situações e eventos que necessitam a presença de intérpretes. A partir de um estudo sobre os contextos de atuação de intérpretes, Rodrigues (2010), identifica que o contexto de conferência tem crescido, e muitos intérpretes têm ocupado esse espaço. Além disso é possível identificar que as realidades mudam, dependendo do estado em que se atua. Alguns locais, devido a suas características comerciais e econômicas, demandam mais serviços de interpretação de conferência. Por exemplo, a região Sudeste do Brasil ao compararmos com outras regiões, constatação levantada a partir das falas dos intérpretes.

Vinícius ainda aponta algo interessante relacionado a sua realidade ao afirmar que as conferências públicas são aquelas que mais contam com a atuação de intérpretes. As conferências públicas seriam espaços de discussão de ordem colaborativa e deliberativa, onde a participação do público presente é muito mais efetiva ao contrastarmos com a realidade das conferências acadêmicas. As conferências acadêmicas têm um caráter mais informativo, visto que os eventos, muitas vezes, têm o objetivo de capacitar e compartilhar pesquisas e estudos realizados.

Dois dos intérpretes informaram que a maior demanda de trabalho é de interpretação no sentido Português para a Libras. Essa é uma informação significativa e, a nosso ver, é possível relacionar tal fato com o histórico da língua de sinais brasileira e da comunidade surda, pois, durante muito tempo os intérpretes trabalhavam apenas na direção Português-Libras, pois os surdos estavam na posição de receptores do discurso e não produtores. Porém, mais recentemente as pessoas surdas começam a conquistar outros espaços e conseqüentemente maior *status*, produzindo e disseminando conhecimento por meio de uma língua sinalizada e, então, antes considerados apenas receptores do discurso, agora se tornam também produtores, o que influenciará na direção em que a interpretação será realizada, aumentando assim consideravelmente a direção da interpretação da Libras para a língua portuguesa.

Nesse sentido, Souza (2014) ao discutir a terminologia utilizada em estudos acadêmicos relacionado aos ILSs, questiona o uso de algumas siglas, como ILS (Intérprete de Língua de Sinais) e TILS (Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais). O autor, levanta uma discussão que essas siglas, “mascaram uma concepção de que os surdos sempre estão ocupando posições sociais hierarquicamente inferiores” e, por isso, opta em utilizar a sigla TILSP (Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais /Português). Tal fato se relaciona com a realidade mais recente, em que a demanda de interpretação é para as pessoas ouvintes que têm pouco ou nenhum conhecimento sobre a língua de sinais. Com isso, as posições parecem se inverter e a interpretação ocorre de Libras para Português, como no caso do Congresso Tilsp.

Pelos motivos expostos a respeito da interpretação de Libras–Português, esse é um fato que se tornou um desafio aos intérpretes que atuaram no evento pesquisado, pois a língua oficial do evento era a Libras. Desse modo, a demanda principal era para que a interpretação ocorresse na direção Libras–Português. Nossa experiência mostra que muitos intérpretes reivindicam para realizar a interpretação nessa direção, pois, muitos não se sentem confiantes e à vontade para realizar esse trabalho.

Muitas hipóteses são levantadas entre os profissionais e os teóricos sobre essa situação. Alguns dizem que isso ocorre devido à pouca demanda para esse tipo de atuação; outros dizem que o intérprete se sente mais incomodado com esse trabalho, pois, nesse momento, quando realiza a interpretação para a língua portuguesa, ele possui o retorno auditivo e por esse motivo se sente incomodado, o que é intrigante, pois o Português normalmente é a primeira língua desse intérprete, o que devia deixá-lo mais confortável em realizar esse tipo de interpretação.

Independentemente disso, o fato é que um intérprete deve possuir competência linguística nas duas línguas de trabalho para que possa produzir uma interpretação de qualidade. Como vimos, a subcompetência bilíngue é uma das competências necessária aos tradutores e intérpretes. Ela não é suficiente, mas fundamental para o trabalho.

Para saber mais sobre como os intérpretes se sentiam a respeito de como estava sendo realizada essa interpretação de Libras para o Português, e como estavam encarando o trabalho, perguntamos qual era o sentimento durante a atuação e algumas respostas se destacam:

*Sônia: É uma experiência nova, tradução e interpretação em cabine. Eu ainda não interpretei no palco para língua de sinais, é o primeiro evento que eu me dedico mais. A tradução e língua de sinais para voz, têm alguns entraves, alguns atropelos. (Entrevista, 2014)*

**Maitê:** *Trabalhar nesse evento foi um grande aprendizado, pois, no meu estado, não temos muito essa prática da tradução oral, quando temos é pouco, normalmente algo repetitivo de sala de aula quando a professora vai lá explicar o que é língua de sinais, um tira dúvidas de sala de aula. (Entrevista, 2014)*

No excerto acima, Sônia que é a intérprete com mais anos de experiência da equipe, demonstra em sua fala que a interpretação na direção Libras-Português ainda é uma experiência recente, mesmo para ela que teve de atuar nessa direção quase que exclusivamente no IV Congresso TilsP. Além disso, o fator da cabine é mais uma característica que tornava nova essa experiência. Maitê, mesmo sendo de outra região, também confirma que a interpretação para a língua portuguesa não é uma prática corriqueira no seu dia a dia de trabalho e quando ocorre é em situações comuns em que ela já domina.

A experiência desses intérpretes em relação à atuação em equipe também é bastante interessante. A maioria deles relataram atuar ultimamente em contextos de conferência com mais de um colega. Esse fato chama atenção, pois demonstra que o contexto de conferência é um espaço em que se torna mais recorrente a interpretação em equipe ao compararmos com outros contextos.

Silva e Nogueira (2012), ao relatarem sobre o contexto de interpretação educacional, falam que a atuação em equipe “não é uma prática muito comum na maioria das instituições já que muitos profissionais trabalham sozinhos, muitas vezes, por períodos inteiros”. Quando questionados sobre a forma de organização na atuação em equipe eles informam:

**Tiago:** *Vocês trabalham mais em dupla?*

**Sônia:** *Sim, em dupla e por turno. De 20 em 20 minutos.*

**Jonathan:** *Na verdade, a gente também marca por palestrante e intérprete [...]. (Entrevista, 2014)*

**Vinícius:** *Aqui em São Paulo, a maiorias das atuações, todas são no mínimo em duplas, nas conferências públicas atuamos em equipes, já chegamos a ter 30 intérpretes na mesma conferência. (Entrevista, 2014)*

**Mariana:** *Eu atuo mais em dupla, às vezes, dependendo do evento, nós fazemos um quarteto, dois naquele turno na tradução Português para a Libras e dois na outra direção de Libras para Português, mas geralmente é sempre em duplas. (Entrevista, 2014)*

Esses fragmentos já demonstram que o trabalho em equipe possui várias dinâmicas, por exemplo: a prática de revezamento das funções “turno” e “apoio” com a troca de funções de 20 em 20 minutos, ou opção para que a equipe funcione de modo que um intérprete assuma a fala de um palestrante ou determinado momento da programação, deste modo, a equipe é organizada a partir do que se prevê da programação do evento.

Sendo assim, percebemos uma dinamicidade das possibilidades de trabalho das equipes, que podem possuir organizações de trabalho diferentes, tamanhos diferentes que dependem da programação do evento e dos participantes usuários do serviço de interpretação. No Congresso Tilsp, de acordo com o que já pontuamos, para fins de organização do trabalho da equipe, as funções foram previamente definidas entre os intérpretes do turno e apoio de acordo com a programação.

Além disso, a organização de uma equipe pode ser por demanda do fluxo de interpretação, por exemplo: uma dupla trabalha com a interpretação da língua de sinais para a língua oral e a outra da língua oral para a língua de sinais. Essa organização parece produtiva e interessante pois a posição dos intérpretes certamente terá que mudar ao realizar uma interpretação de libras para Português, em que geralmente o intérprete está localizado à frente do palestrante no auditório ou, como no nosso caso, no final do auditório, dentro da cabine. Caso a interpretação seja de uma fala em Português para a Libras, os intérpretes devem estar no palco e se essa alteração dos fluxos de interpretação for contínua ou com uma certa frequência essa organização pode facilitar o trabalho dos intérpretes.

Napier, McKee e Goswell, (2006), conforme pontuamos no capítulo 3, aborda que esse é um aspecto que precisa ser observado e conversado pelos intérpretes antes do evento interpretativo:

[P]ode ser mais eficaz um intérprete se concentrar em uma única direção de interpretação. As direções acordadas podem ser alternadas, para que se iguale a carga de trabalho. (NAPIER; MCKEE, GOSWELL; 2006, p.137),

No entanto, ao serem questionado se já trabalharam sozinhos em conferências, alguns relatam que já passaram por situações que não tinham outros colegas e precisaram atuar. Parece-nos que essa não é mais uma realidade cotidiana, mas que já fez parte da experiência desses intérpretes:

**Vinícius:** *Já, eu já, minha primeira interpretação, na vida profissional, foi numa conferência e eu fiquei sozinho, uma hora e meia, ou duas horas interpretando sozinho, há muitos anos atrás. (Entrevista, 2014)*

**Mariana:** *Se eu for pensar, todas que participei, talvez uma ou outra eu atuei sozinha, mais é muito raro, foi bem no começo que comecei a trabalhar como intérprete e nos últimos 5 anos é quase impossível. (Entrevista, 2014)*

**Marcelo:** *Sim, sozinho, até começar a exigir um apoio com revezamento, até então não tinha essa compreensão que o intérprete estava lá, para dar o feedback se necessário, foi o 2010 que começou também com a Sônia, pelo contato com a UFSC, a difundir essa ideia no meu estado. (Entrevista, 2014)*

Ao observarmos com atenção a fala desses intérpretes, percebemos que a prática da interpretação em equipe é algo que está se consolidando para esses profissionais. No caso do Marcelo, num olhar mais atento, identificamos uma situação que ele informa que iniciou na interpretação no ano de 2002, profissionalmente em 2008, porém só em 2010 que teve contato com o trabalho em equipe. Quando foi questionado se ainda acontecem interpretações individuais em sua realidade, o intérprete informou que:

**Marcelo:** *Sim, quando se vai contratar, depende principalmente da consciência do profissional. Não sugerir um parceiro ou equipe, por uma questão financeira, pois tem que dobrar o valor do orçamento, então para não perder aquela verba a pessoa admite que dá conta do serviço. (Entrevista, 2014)*

Esse fragmento revela uma situação em quem, por questões financeiras, por falta de uma valorização profissional ou até mesmo da própria consciência dos intérpretes sobre os benefícios de uma atuação em equipe, os intérpretes optam por atuar sozinhos. Acreditamos que isso ocorra devido ao receio dos intérpretes em relação aos contratantes, por julgarem que eles não vão concordar com o orçamento que exija uma equipe. Infelizmente, em nossa experiência, frequentemente vemos situações como essa acontecer. Pensamos, que esse fato, seja possível pois está relacionado com o *status* da língua de sinais frente à comunidade que normalmente contrata os serviços de interpretação para conferências

e essa dificuldade ainda é consequência desse novo processo de profissionalização.<sup>49</sup>

A esse respeito, entendemos que a formação acadêmica é uma forma de contribuir para que os intérpretes estejam conscientes e preparados para poder trabalhar em equipe. Durante a entrevista retrospectiva, perguntamos aos intérpretes se, na formação que possuem, o trabalho em equipe fez parte dos temas discutidos e encontramos algumas realidades interessantes.

**Tiago:** *Na formação de vocês, foi falado algo sobre interpretação em equipe?*

**Marcelo:** *O que eu tenho de formação não.*

**Maitê:** *Em equipe eu não lembro, falaram de trabalho em dupla.*

**Tiago:** *O que falaram do trabalho em dupla?*

**Maitê:** *Qualidade de trabalho, saúde mental e física. [...] Como fazer, mais prática, a questão de troca de 20 em 20 minutos quando sentir a necessidade do colega. (Entrevista, 2014).*

**Mariana:** *O curso eu fiz de formação no ano de 2003, nada se comentava sobre trabalho em equipe. [...] quando eu comecei a trabalhar, eu tinha a impressão de que quando o intérprete não dava conta ele era substituído e mudei minha postura, depois que comecei a participar de eventos, mas no começo era cada um por si. Se fiz uma má interpretação a responsabilidade era só minha. [...] eu achava que revezamento era apenas para evitar o cansaço físico, pois correr o risco de eu tentar dar apoio e não ajudar, acabar atrapalhando. (Entrevista, 2014)*

**Vinicius:** *O primeiro curso que eu fiz era muito voltado ao uso da língua de sinais na interpretação de narrativas e não tinha nada em relação à equipe, e eu fiz esse curso há 10 anos, e pouco se fala sobre isso [...] Eu fiz um outro curso de formação, era um curso de 40 horas, era um intensivo de uma semana, bem pesado, e tínhamos muita prática de interpretação, de como traduzir, como interpretar e fizemos muitos exercícios em duplas e ele (o professor) falava da importância do trabalho em equipe, o trabalho colaborativo. O professor separava em atividades de interpretação que teria que fazer em dupla, um interpretava, um dava uma espécie de apoio e vice-versa, o apoio ficava em frente à pessoa, dando os sinais que eram perdidos [...]. (Entrevista, 2014)*

<sup>49</sup> A FEBRAPILS disponibiliza uma tabela de referência para honorários na contratação de tradutores intérpretes de Libras–Português. Nessa tabela, consta a seguinte informação na contratação para conferências “Mínimo dois intérpretes por plenária”, o que reforça a necessidade da construção de uma equipe mínima para qualquer evento. Disponível em: [www.febrapils.com.br](http://www.febrapils.com.br)



*Mariana: Teve no nosso estágio, o estágio era de trio e ficava um intérprete do turno, um de apoio e um observava, e lembro que teve um vídeo, de como se comportava um apoio, para quê servia o apoio, esse **foi o único momento** que foi uma coisa mais institucional que eu percebi. (Entrevista, 2014)*

O depoimento desses intérpretes traz algumas reflexões. Inicialmente já demonstra-se que, na formação formal/acadêmica desses, o trabalho em equipe foi abordado brevemente ou não foi abordado. Revela também algumas concepções sobre o trabalho em equipe bastante interessantes, por exemplo, a fala de Maitê ao dizer que em sua formação não se abordou sobre o “trabalho em equipe”, mas sobre “trabalho em dupla” revela uma concepção distinta dos dois termos e que eles não podem ser usados como sinônimos.

Esse é um aspecto interessante, diante do que já foi exposto até aqui, pois, de fato, entendemos que o trabalho em equipe envolve muito mais aspectos do que o trabalho em dupla. De certa forma, poderíamos definir o trabalho em dupla quando há mais um colega que reveza a interpretação, principalmente devido à preocupação com a saúde a longo prazo. No trabalho em dupla, até existiria o monitoramento da interpretação, há o objetivo apenas de fazer com que alguma informação não se perca. Em relação ao trabalho em equipe também inclui-se o revezamento e existe a preocupação para que informações não se percam, no entanto, há um cuidado com a preparação para o trabalho. No momento da interpretação há contribuições de melhoria, com sugestões que aperfeiçoam o produto interpretativo, se mantém uma avaliação constante do que está sendo realizado, com busca de recursos que auxiliem o colega. Além disso, esse trabalho em equipe não fica restrito somente para o momento da interpretação, ele precisa ser realizado pré-conferência, durante a conferência e pós-conferência.

Vinícius compartilha que em uma capacitação que fez, o formador trabalhou sobre o trabalho colaborativo, com atividades específicas para abordar o tema, o que é bastante interessante, porém, temos a impressão que o objetivo era a realização de um trabalho de monitoramento da interpretação.

Outro aspecto que podemos destacar é a concepção que os intérpretes tinham sobre o trabalho em equipe que foi se moldando ao longo do trabalho. Inicialmente, eles entendiam que a troca entre os intérpretes era motivada pelo erro, por não estar realizando um bom trabalho, que o intérprete do turno é o único responsável pela interpretação, ou que o revezamento só auxiliará para que o intérprete não

se canse e que qualquer contribuição na realidade poderia atrapalhar o intérprete do turno.

No entanto, os intérpretes ao exporem essa compreensão demonstram que as experiências adquiridas por eles constituíram uma postura e uma concepção diferente sobre o que é o “trabalho em equipe”.

Toury (1995, p. 241–258 *apud* Hurtado Albir, 2011, p. 403) discute e nomeia esse processo de formação de um bilíngue em tradutor fora do sistema educativo de *socialização da tradução*. Esse também é processo legítimo de formação e acontece basicamente da seguinte forma, “o tradutor vai assimilando os feedbacks recebidos e, por consequência, modificando sua competência tradutória básica” assim, com o desenvolvimento da competência tradutória, ocorre uma “mescla de mecanismos inatos, assimilados e sociais” para a formação desse tradutor. (HURTADO ALBIR, 2011, p. 404).

Nessa perspectiva, no percurso formativo desses intérpretes, o trabalho realizado em equipe é apresentado, ainda que num momento pontual no curso de Bacharelado em Letras/Libras ou em outros cursos realizados. Assim, esses intérpretes puderam identificar que algumas posturas não seriam adequadas quando trabalharam em outros contextos.

**Mariana:** *ainda não vejo muitos apoios, principalmente Português–Libras, usam o apoio só como descanso, sai para descansar, beber uma água. (Entrevista, 2014)*

**Vinícius:** *[...] quando você tem que trabalhar com pessoas acostumadas a trabalhar no contexto educacional, e tem que trabalhar em conferências, é uma luta, a pessoa pensa que tempo de revezamento, e tempo de ir ao banheiro, tomar uma água, mexer no celular. [...]. As pessoas não sabem o significado de apoio. Teve outra situação, em que o intérprete parou o palestrante, e eu estava dando apoio para ele, e ele pediu para eu parar. (Entrevista, 2014)*

**Mariana:** *Já aconteceu comigo, eu dar o apoio à pessoa desconcentra, eu fui ajudar e acabei atrapalhando [...] (Entrevista, 2014)*

Nesses depoimentos, Mariana e Vinícius relatam, na experiência que possuem em outros eventos, um uso inadequado do trabalho em equipe, pois, várias ações podem ser consideradas como não colaborativas, bem como, sair do ambiente onde a interpretação está sendo realizada, se distrair com o celular, não estando atento ao intérprete do turno. Esses depoimentos coadunam com experiências vividas pelo pesquisador, que já trabalhou com colegas que marcavam os 20 minutos de sua atuação no cronômetro e, quando ele devia estar como apoio,

aproveitava para dormir. Uma postura totalmente inadequada não só para o trabalho em equipe, como também para um profissional intérprete em atuação.

A intérprete Maitê, ao contrário dos outros intérpretes, informa que sempre atuou em equipe e as situações de trabalhar sozinha eram exceções quando algo imprevisível acontecia. Ela nos narra sobre essa situação:

***Maitê:** [...] desde 2002 eu trabalho em equipe, até quando eu fui contratada na escola, a necessidade era exatamente essa. Por ser uma turma de inclusão, existiam duas intérpretes contratadas pela escola, e surgiu uma demanda no ensino médio. Era uma turma de magistério, cada uma foi para uma sala, mas viram a necessidade do trabalho em dupla, então me chamaram para trabalhar. Foi raríssima às vezes em que precisei trabalhar sozinha. A ausência de colegas, por questões de saúde, término de contrato, desde 2001 em trabalho em equipe. (Entrevista, 2014)*

Todavia, apesar da intérprete relatar que sempre atuou em equipe, não é possível termos clareza como essa atuação acontecia, se a prática das equipes em que se envolveu está relacionada com qual dos três modelos encontrados e apresentados por Hoza (2010). No entanto, Maitê revela que em um dos locais que trabalhou a preocupação da instituição contratante em relação a ter dois intérpretes se relaciona com a possibilidade da ausência de um deles comprometer o serviço de interpretação e a turma ficar desassistida. Ela diz:

***Maitê:** Nós, enquanto intérprete, tinha a preocupação com a qualidade do trabalho, mas a instituição se preocupava mais com a questão, poderíamos dizer, de saúde para evitar problemas maiores, porque sabiam que se tivesse apenas um na sala de aula e acontecer algo com aquela pessoa, ficaria desatendida a necessidade. A preocupação da equipe era qualidade, mas as instituições só conseguiram entender a questão do trabalho em equipe, há pouco tempo atrás, era mais uma preocupação de não ficar desatendido. (Entrevista, 2014)*

A preocupação com a saúde parece ser legítima. Conforme comentamos anteriormente, Napier, McKee e Goswell, (2006) justificam que um dos motivos de se trabalhar em equipe é para que problemas de saúde não ocorram, como LER, visto que a atuação por horas e longos períodos seguidos pode comprometer, de algum modo, fisicamente os intérpretes. Porém, os apontamentos discutidos até aqui, ajudam-nos a afirmar que certamente o trabalho em equipe tem outros benefícios para além dos aspectos físicos a longo prazo.

Em relação à performance dos intérpretes, no contexto de atuação pesquisado, muitos fatores podem influenciar. Uma das falas de Jonathan revela a tensão em que os intérpretes possivelmente sentiram por estar trabalhando no Congresso Tilsp:

**Jonathan:** *Eu acho que me deixa mais travado é o público ..., ou seja, tradutores bilíngues de língua de sinais. E isso me deixa preocupado porque a naturalidade meio que some, em outros ambientes onde você está mais relaxado, confortável, aqui [...] eu fico gelado. (Entrevista, 2014).*

Esse fragmento aponta um aspecto interessante, de como o público ou a visão que o público tem sobre a interpretação pode afetar o intérprete, e como o intérprete se sente frente a esse desafio. Percebemos que seu temor não está relacionado a algo técnico, mas sim, relacionado ao olhar do público sobre sua atuação. É natural temer o que é novo, e, conforme diz Magalhães Junior (2007), “é natural que tenha no mínimo certa reserva ao se aproximar de uma cabine de simultânea pela primeira vez”. O autor ainda discute isso ao relatar sobre os temores que os intérpretes no início da carreira possuem, ao afirmar que a causa de maior temor é o medo do público; quanto mais pessoas, pior seria. Dessa forma, o grande limitador para o rendimento na interpretação simultânea não estaria ligado a desafios linguísticos, mas sim, aspectos de ordem emocional.

Seu maior medo é a exposição de sua ignorância, é o julgamento que os outros possam formar a seu respeito. É o medo do ridículo, da desmoralização, da excreção pública. Nesta fase preocupamo-nos por nós, não pelos outros. (MAGALHÃES JUNIOR, 2007 p. 65)

No congresso pesquisado, o público em sua maioria é formado por pessoas que atuam como tradutores, intérpretes de Libras e Português e pesquisadores da área, conseqüentemente espera-se que essas pessoas sejam bilíngues e dominem a Libras, ou tenham uma fluência que garanta acompanhar o evento diretamente na Libras, no entanto, algo interessante ocorreu logo na abertura do evento: os participantes percebendo que a interpretação ocorria pela cabine, e para que tivessem acesso a ela era necessário recorrer ao equipamento específico (aos fones de ouvido), procuram pegar e utilizar os fones. O número de participantes que recorreram ao equipamento superou o previsto pela organização.

Eram em torno de 600 inscritos, foram disponibilizados inicialmente 250 equipamentos com fones de ouvido, a empresa contratada traz uma reserva de mais 100 dispositivos, que logo precisou ser disponibilizado. Após todos os 350 equipamentos já terem sido disponibilizados, a organização do evento procurou a empresa contratada, a qual forneceu mais 100 fones, totalizando 450 equipamentos, assim, conseqüentemente tínhamos, em média, 450 pessoas recorrendo a interpretação durante o evento.

Não temos como afirmar quais foram os motivos que fizeram com que grande parte dos participantes recorressem aos equipamentos de recepção da interpretação simultânea. Acreditamos que uma parcela pequena do evento, de fato, necessitaria da interpretação; no entanto, talvez, que por ser algo novo, em relação a eventos da área da língua de sinais, esse fator, pode ter influenciado e aguçado a curiosidade dos participantes sobre como a interpretação estava acontecendo. Também, supomos que um outro motivo possível seja a falta do hábito de participar de momentos em que a língua de sinais está em evidência sem estar ancorada a uma interpretação. No entanto, não temos como afirmar que foram esses os motivos da procura pelo uso do equipamento de interpretação.

Retomando, alguns aspectos que foram considerados como dificultosos durante o trabalho pelos intérpretes, uma das entrevistadas relata que ficou preocupada e ansiosa ao interpretar uma palestrante estrangeira:

*Sônia: Por exemplo, eu fiquei nervosa e ansiosa mais que ontem para interpretar palestrante estrangeira,<sup>50</sup> acho que por ela não ser brasileira, por ela às vezes no afã de apresentar, ela introduzir a língua de sinais inglesa, eu fiquei preocupada, mas por ela ter uma expressão fantástica, ajudou muito. Ela é então foi o que contribuiu para interpretar, mas foi a pessoa que eu fiquei mais nervosa, mais ansiosa do que ontem. (Entrevista, 2014)*

Aqui temos a insegurança da intérprete frente à língua de sinais e às escolhas que poderiam ser feitas pela palestrante que teve contato com a Libras recentemente. No entanto, apesar do receio de Sônia, ela mesmo afirma que a própria palestrante, na forma que conduziu o discurso e na performance da apresentação, fez com que auxiliasse a interpretação.

---

<sup>50</sup> Por questões éticas optamos em não divulgar o nome da palestrante, então substituímos o nome da palestrante pelo termo “estrangeira”.

Parece-nos que exatamente a ansiedade da palestrante que antes era um temor da intérprete foi algo positivo para o trabalho de interpretação.

Outro fator interessante levantado pelos participantes e que difere da realidade deles é a interpretação das palestras de pessoas ouvintes, que são em sua maioria usuárias da Libras como segunda língua. Conforme Jonathan, esse foi um fator que lhe causou preocupação:

**Jonathan:** *Uma coisa que eu pude perceber, nesse evento em específico a quantidade de participantes ouvintes. Tem uma parcela significativa usando a língua de sinais, já é uma realidade diferente, você não interpreta o surdo, você interpreta o ouvinte, você fica pensando em que vocabulário específico usar, se essa palavra está no contexto ou não. (Entrevista, 2014)*

No entanto, Sônia, no momento da entrevista disse que essa é uma preocupação que ela tem em situações em que a interpretação ocorre fora da cabine. No evento investigado em que interpretação e os intérpretes estariam em um ambiente mais protegido, esse não era um fator de preocupação:

**Sônia:** *Essa preocupação eu tenho quando eu estou interpretando ouvinte fora da cabine, em nenhum momento tive essa preocupação aqui. Porque eu já estava com o texto da pessoa e ela não estava me ouvindo, não estou dizendo que eu iria prejudicar a palestra dela, não é isso, pois as minhas escolhas pode não ter sido as mesmas escolhas da palestrante, em termos de vocabulário, não que isso venha fugir do contexto, então não tive essa preocupação, pois eu estava na cabine, e estava traduzindo interpretando, para pessoas que teoricamente não teriam influência na língua, então não tive essa preocupação, como eu sempre tenho quando a pessoa está me ouvindo, aí você fica assim, está certo?. (Entrevista, 2014)*

Vemos nesses relatos duas preocupações e impressões distintas sobre a situação de interpretar duas pessoas ouvintes. Jonathan demonstra uma preocupação recorrente e comum entre intérpretes, a saber, o incômodo de interpretar para o Português a fala de pessoas ouvintes, que possuem o *feedback* auditivo e, por isso, podem monitorar a interpretação que está sendo realizada, as escolhas dos intérpretes ou até mesmo corrigir a interpretação. Por outro lado, ao contrário disso, Sônia relata que essa não era uma inquietação para ela nesse contexto específico, pois, o palestrante, como normalmente ocorre nas palestras das pessoas surdas, não tinha o *feedback* da interpretação. Ela estava em uma posição mais confortável, ou diríamos, com menor tensão.

Observamos que essa é uma das vantagens da interpretação da Libras para língua portuguesa ocorrer na cabine. O nível de exposição seria menor aos intérpretes e colocaria tanto os palestrantes surdos e ouvintes na mesma posição, sem acesso à monitoração do intérprete. Exigindo, assim, como ocorre com os ILO, um alto grau de profissionalismo e, de fato, a ação da competência tradutória (ou interpretativa) no momento do trabalho, não necessitando do controle do palestrante sobre o intérprete ou as intervenções entre intérprete e palestrante.

Sobre esse ponto, é interessante notar que a cabine parece quebrar com essa relação palestrante-intérprete. Em muitos eventos que participamos em que os intérpretes não estão na cabine e realizam a interpretação no auditório, é comum notarmos palestrantes proferindo sua conferência para os intérpretes, pois se posicionam de modo a olhar fixamente para o intérprete, como se controlasse as palavras que estão saindo da boca de quem realiza a interpretação, demonstrando uma certa desconfiança no trabalho que está sendo realizado.

Ao refletir sobre essa situação, pensamos também quando os intérpretes estão posicionados no auditório em frente ao palestrante e não na cabine. As elucidações que o intérprete do turno necessita são, muitas vezes, realizadas diretamente ao palestrante, interrompendo seu fluxo de fala. Já na cabine, esses esclarecimentos ou qualquer suporte necessariamente acontece entre os membros da equipe de intérprete que estão atuando naquele momento. Essa situação de interromper o palestrante para um esclarecimento, no nosso entender, estaria mais ligada à interpretação comunitária, como em uma consulta médica ou no contexto escolar, em que a interpretação acontece muitas vezes sozinho e na direção um para um, do intérprete diretamente para o cliente.

Então, na cabine os intérpretes devem aprender a contar mais com o seu colega, e essa experiência como vimos anteriormente exigiu uma mobilização da subcompetência estratégica.

Sobre a experiência de servir e atuar, recebendo apoio especificamente na cabine, alguns fatores se destacam na fala dos intérpretes. Por estarem nesse espaço isolado, algumas estratégias foram usadas, que talvez não fossem possíveis fora dali e isso é dito na entrevista pelos intérpretes.

**Jonathan:** *O apoio funciona com mais liberdade na cabine, você pode se expressar melhor..., dentro da cabine eu posso mostrar o papel, tenho a oportunidade de dialogar com meu apoio, eu posso ter mais oportunidades de*

*apoios diferentes do que estar em um auditório, que você fica meio contido.*  
(Entrevista, 2014)

Nesse sentido, a cabine nos parece ter sido considerada como um local protegido para a equipe de intérpretes na sua atuação. O único acesso do público com os intérpretes era por meio da vez desses últimos, o que fez com eles utilizassem de estratégias diversas, compartilhando tudo restritamente com os concabinos, a fim de contribuir um com a interpretação do outro. No entanto, não existiu somente os apoios relacionados ao discurso que estava sendo interpretado. Os intérpretes também comentam das vantagens de estarem inseridos em uma equipe coesa.

Destaca-se na fala dos intérpretes a boa relação entre a equipe, e as vantagens desse tipo de relação para o trabalho colaborativo, uma impressão subjetiva dos participantes frente a participação e apoio dos membros da equipe para com o trabalho.

*Vinicius* Eu acho que nesse congresso eu vivenciei que tinha um apoio no ponto de vista da prática, com palavras, frases, dependendo da dupla, mas uma coisa que achei muito legal foi **um apoio de além da interpretação, um apoio de trabalho**, tinha uma parceria, combinação que vai ter com seu apoio e fundamental para me ajudar naquela situação e no congresso foram muito legal porque como a parceria estava muito em sintonia, o apoio era de parceria mesmo no congresso teve essa parceria em ajudar. (Entrevista, 2014)

*Mariana:* [...] eu trabalho muito com pessoal, eles buscam um apoio linguístico, estudam o texto, mas chega o certo momento que outras coisas acontecem, nervosismo, atenção, a importância do evento, mas o apoio **não está lá só para dizer uma palavra que faltou, ou chamar a atenção é também para passar segurança dar um feedback positivo**. Se ele pisar na bola, fale que está tudo bem, acontece. Se eu não tenho hábito de trabalhar com essa pessoa eu pergunto antes “como você prefere que eu lhe ajude”. Eu não quero lhe atrapalhar, eu particularmente gosto que me ajudem com palavras quando eu tô perdida, eu acho que apoio e isso é um suporte pra você acionar quando precisa. (Entrevista, 2014).

Esses relatos dos intérpretes parecem confirmar a importância de um tipo de apoio que não é necessariamente de ordem linguístico-tradutória. No entanto, contribuem para que os intérpretes se sintam seguros no momento da atuação, e, ao nosso ver, concorrem para uma eficácia do processo interpretativo. Estão relacionados com a competência interpessoal descrita por Kelly (2010), pois é, necessário que



os intérpretes possuam “habilidades para trabalhar com outros profissionais envolvidos no processo de tradução” para tratar todos os assuntos e temas envolvidos durante o processo. Esses fragmentos também revelam uma postura reflexiva sobre o trabalho realizado, de modo que os intérpretes estão avaliando a atuação realizada por eles na equipe.

Diante de tantos aspectos, percebemos que os intérpretes precisam ativar as *competências interpretativas* durante o trabalho, como mapeado pelo PACTE, e explicitado por Hurtado Albir (2005): a competência bilíngue não é suficiente para a atuação de um intérprete. O interessante é que um dos intérpretes durante a entrevista comenta sobre isso:

**Marcelo:** [...] vimos aqui, que a questão linguística é importante, mas não é principal, não é principal não, não é exclusiva no trabalho do intérprete de língua de sinais. As outras dimensões, as emocionais, psicológicas, a tensão, a inovação, o próprio recurso tecnológico deu problema no primeiro dia, tudo isso envolve. (Entrevista, 2014)

Esse relato revela a própria consciência do intérprete em relação às competências necessárias para a atuação. Ele sabe que a subcompetência bilíngue é necessária, mas ela não é exclusiva, fazendo-se necessário que as outras subcompetências se façam presentes no ato interpretativo, como a subcompetência instrumental, a estratégica, a subcompetência que poderíamos chamar de técnica, relacionada ao conhecimento dos equipamentos e dispositivos que os intérpretes trabalham e também os componentes psicofisiológicos que o PACTE apresenta em seu quadro.

No decorrer dessa análise, foi possível levantar alguns pontos e discutir sobre o trabalho em equipe, aprofundando a compreensão sobre a preparação, os tipos de apoio e as impressões dos intérpretes sobre essa experiência. Foi possível ainda elencar questões sobre a ausência de formação ou uma formação superficial a respeito do trabalho em equipe, mas, principalmente observando a mobilização da competência interpretativa para a tarefa que devia ser realizada.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nestas considerações, buscamos retomar os objetivos propostos, pontuando alguns comentários sobre o percurso do trabalho com suas implicações, aplicações e contribuições.

Ao descrevermos as situações e inquietações para a escrita desta pesquisa, procuramos apresentar a nossa realidade e as dificuldades vivenciadas durante a caminhada profissional, onde saímos de um contexto em que atuávamos sozinhos e depois nos deparamos com um outro local, trabalhando em equipe, mas, sem saber quais posturas adotar e como deveríamos proceder. Ao perceber que essa é uma dificuldade compartilhada por outros colegas, e que há uma carência na literatura de abordagens sobre o trabalho em equipe, propusemos este estudo.

Inicialmente, buscamos compreender o trabalho dos intérpretes, situando seus campos de atuação, apresentando quem são os ILSs e ILOs. Para atingir esse objetivo nos apoiamos nas diferenças já descritas na literatura, principalmente por Rodriguez e Burgos (2001) e Pereira (2008). Ademais, apresentamos uma discussão a respeito da formação por competências (KELLY, 2010) que é planejada a partir de indicadores que contribuem na identificação das necessidades sociais e de mercado para criação dos objetivos de aprendizagem. Observamos também as subcompetências necessárias na interpretação e, para isso, nos servimos dos trabalhos desenvolvidos pelo grupo PACTE e de sua principal pesquisadora Hurtado Albir (2011).

Pensando no contexto dessa dissertação, apresentamos um breve histórico da interpretação de conferência das línguas orais, de acordo com as descrições feitas por Bowel *et al.* (2003) e Pagura (2010) considerando as características e os principais fatos que marcaram a trajetória da interpretação no mundo, destacando o processo de críticas da interpretação consecutiva e a criação de uma nova modalidade de interpretação, a simultânea. Sobre a interpretação de conferência de LS no Brasil, buscamos narrar essa história e registrá-la dando destaque para o depoimento de Campello (2014) visto que até hoje desconhecemos registros que abordem especificamente o histórico desses profissionais. Diante do que foi dito ainda há muitas questões que podem e devem ser levantadas, por exemplo, por que os ILSs não possuem o mesmo desenvolvimento histórico dos ILOs em conferência? Qual momento histórico vivenciamos hoje na história dos ILSs? Sabemos que muito já se caminhou, mas o que foi conquistado e o que ainda falta nesse processo de profissionalização?

A interpretação em equipe é uma das características da interpretação simultânea em conferência e foco de nossa investigação. Vimos que, na vida profissional dos intérpretes de Libras-Português, ela também é uma realidade comum em contextos de interpretação de conferência. Desse modo, problematizamos os fatores que influenciam para que uma equipe de interpretação seja organizada, tais como: a duração do evento, a complexidade do trabalho, a dinâmica do ambiente, bem como a fadiga do intérprete e a saúde dos profissionais. Sobre o trabalho em equipe expusemos também os três modelos encontrados em Hoza (2010), discutindo as particularidades e as implicações do funcionamento de cada um deles.

O primeiro modelo chamado de “processo independente” prevê somente o revezamento entre os intérpretes, assim, encontramos dois intérpretes atuando de forma totalmente independente um do outro; o segundo modelo denominado “processo de monitoração” foca no momento da interpretação do discurso, estando relacionado, dessa forma, ao monitoramento do intérprete de apoio da interpretação realizada pelo intérprete do turno, oferecendo apoios no sentido de fazer com que nenhuma informação se perca; no terceiro modelo, chamado “colaborativo e interdependente”, existe uma preocupação com o todo, portanto, são levados em conta os momentos pré-conferência, com a preparação, o momento da atuação durante a conferência e o pós-conferência, com uma avaliação do trabalho realizado. (HOZA, 2010)

Para descrever esse contexto e para a geração de dados, aplicaram-se alguns elementos metodológicos, utilizando equipamentos técnicos que possibilitassem observar a interpretação em equipe que ocorreu no IV Congresso Tilsp, contexto escolhido para geração dos dados. A partir disso, foi possível descrever as fases que ocorreram na atuação de conferência, com uma atenção aos tipos de apoio realizados pelos intérpretes e também nas impressões da equipe.

Partindo do questionamento inicial, foi possível verificar o que ocorre na interpretação em equipe e identificar, assim, a ansiedade dos intérpretes para uma atuação em um contexto em que o público também é formado por outros intérpretes e a apreensão por estar atuando na cabine de interpretação simultânea pela primeira vez.

Percebemos a importância da preparação pré-conferência, pois, essa fase abrangeu a busca por materiais e as reuniões com a equipe para definições do trabalho como: as formas de recebimento do material, escala de interpretação, horários, traje padrão dos intérpretes e estudo do material de forma individual e coletiva.

No nosso entender, essa fase pré-conferência tem uma característica diagnóstica e preventiva, na qual os intérpretes e a coordenação da equipe verificam, planejam e buscam realizar ações que contribuam para o momento da interpretação. Por exemplo, na situação que investigamos, devido à pouca quantidade de materiais recebidos dos conferencistas e as características desses materiais fez com que providenciássemos os cadernos de resumos de evento, recurso utilizado pelos intérpretes dentro da cabine como instrumento para auxiliar durante a interpretação. Assim, é possível compreender que se essa fase for bem aproveitada a qualidade da interpretação será afetada de maneira positiva. Observamos que as subcompetências instrumental e estratégica descritas pelo PACTE se destacaram nessa fase, as intérpretes confirmam sobre o que ocorreu, o fragmento abaixo da intérprete evidencia o uso do material quanto instrumento e também como estratégia para a interpretação que estava sendo realizada.

**Maitê:** [...] o apoio material, e nós temos que cada vez mais dizer que isso é muito importante, porque o papel estava ali e por vários momentos a cabine nos ajudou [...] mas o papel, o material, lhe traz uma segurança que é incrível, isso é fundamental, vamos dizer que é o tripé da dupla.

A análise da fase em que as conferências estão sendo ministradas e os intérpretes estão dentro da cabine atuando, nos ajuda a responder o segundo questionamento dessa pesquisa. Durante o trabalho em equipe, quais formas de apoio ocorrem na interpretação em conferência? Constatamos que os intérpretes investigados apoiaram e receberam apoio, buscando recursos e estratégias diversas para que isso pudesse acontecer na cabine.

Nesse sentido, ainda que em alguns momentos houvesse falhas de comunicação entre apoio e intérprete do turno, todos, a nosso ver, dispõem da *competência interpessoal* descrita por Kelly (2010), uma vez que precisavam exercer a habilidade de trabalhar com outros profissionais durante o processo de interpretação. E a investigação mostra como esses sujeitos lidaram com a realidade, com os processos de interação e as escolhas no ato da interpretação.

Com isso, foi possível identificar sete categorias de apoio, baseados nos trabalhos anteriores de Hoza (2010), Silva e Nogueira (2012), apresentando exemplos das situações que ocorreram dentro da cabine, apontando os tipos de produção e as formas linguísticas para a intervenção e apoio durante a interpretação. Encontramos o (i) *feedback com a cabeça*, (ii) *confirmação*, (iii) *esclarecimento específico*, (iv)

*esclarecimento contextual*, (v) *sugestão de interpretação*, (vi) *correção* e (vii) *complemento* como formas de apoio. Os componentes psicofisiológicos descritos pelo PACTE se evidenciam na necessidade de recebimento dos apoios.

Um ponto que também buscamos desvendar é a posição dos intérpretes enquanto exercem o turno e como se deram as atitudes para solicitação de apoio; identificamos algumas estratégias como: troca de olhares, toque no braço, além de outros gestos utilizados pelos intérpretes.

A reflexão apresentada permitiu que considerássemos a realidade como inédita, tanto da perspectiva de descrição científica da atuação em cabine de ILSs, atuando em equipe, como da própria participação dos intérpretes, reconhecida como uma atividade nova para todos. Características individuais e as habilidades dos membros da equipe para que se construíssem um trabalho de qualidade nas três fases da conferência (antes, durante e depois) foram contempladas nesse estudo.

Os dados sugerem que a relação interpessoal (KELLY, 2010) e a comunicação com o outro (MAGALHÃES JUNIOR, 2007; RUSSEL, 2011) são maneiras de se favorecer produtivamente para que o trabalho em equipe de desenvolva bem, além do empenho individual e a confiança no trabalho em grupo para a realização de uma interpretação bem-sucedida.

Ainda sobre as competências necessárias, a partir da descrição realizada, encontramos as subcompetências bilíngue, instrumental, estratégica, os componentes psicofisiológicos, além da competência técnica para o uso do equipamento eletrônico disponível na cabine, que se destacam durante todo o processo de atuação da equipe e evidenciam que juntas, formam a CT necessária para atuar em contextos de conferência como no evento que investigamos.

Esse estudo não tinha como objetivo discutir o modelo dos esforços proposto por Gile (1995), mas, mesmo que indiretamente, acreditamos que o trabalho em equipe estaria relacionado e também poderia ser aplicada ao modelo à medida que o apoio é uma forma de equilibrar a equação dos esforços desempenhados pelos intérpretes.

Os desdobramentos dessa pesquisa visam a contribuir para que intérpretes e formadores de intérpretes entendam melhor as suas próprias expectativas sobre a equipe de interpretação, esclarecendo os fatores que podem auxiliar para que uma equipe trabalhe de forma colaborativa, lançando luz sobre o que é possível fazer para transformação de uma equipe de trabalho, explorando os quadros teóricos de como se definir uma equipe de interpretação e como melhorar nosso trabalho em

benefício da equipe, mobilizando recursos da competência interpretativa a favor da atuação em todas as fases do evento.

Observar o trabalho em equipe proporciona identificar algumas categorias de apoio, e assim auxiliar para uma linguagem comum entre pesquisadores e profissionais da área, auxiliando no desenvolvimento profissional e na formação de novos intérpretes. Além de colaborarmos no sentido de uma melhor avaliação da equipe de interpretação, podendo nos respaldar em situações reais de interpretação de forma mais consistente e refinada.

Essa dissertação também contribui, fazendo com que uma primeira experiência seja registrada e auxilie para que, em situações futuras, as equipes possam fazer com que o trabalho ocorra de forma mais contundente, uma vez que já conhecem melhor os equipamentos e as possibilidades.

Outro aspecto interessante é a reflexão levantada sobre os motivos de se trabalhar em equipe. Poderíamos inferir que omissões ocorreriam em menor número durante o processo de interpretação, quando se pode contar com um parceiro para a realização do trabalho. Além do mais, o cansaço físico também diminui, devido às trocas de função entre o intérprete do turno e o intérprete de apoio, no decorrer da prática, fazendo com que esforços cognitivos sejam minimizados, evitando-se um desgaste excessivo por parte dos intérpretes.

Essas são apenas algumas considerações em relação ao trabalho, e por ser uma primeira tentativa de observar a atuação dos intérpretes de Libras-Português na cabine, contribuindo para o conhecimento e compreensão do processo de interpretação, certamente suscitará novos olhares e a possibilidade de pensar como o trabalho em equipe pode ser abordado, por exemplo, na formação, como ele deve ser ensinado ou como ele ocorre em outros contextos como os educacionais, jurídicos e outros em que uma equipe de trabalho também se faz necessária.

## REFERÊNCIAS

ALBRES, N.; SANTIAGO, V. A. A. Atuação do intérprete educacional: reflexão e discussão sobre modalidades de interpretação- simultânea e consecutiva. **Espaço**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 38, p. 51-59, jul. 2012. Semestral.

BARBOSA, D. M. **Omissões na Interpretação Simultânea de Conferência**: Língua Portuguesa – Língua Brasileira de Sinais. 2014. 118 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2014.

BELÉM, L. **A atuação do intérprete educacional de Língua Brasileira de Sinais no ensino médio**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Metodista de Piracicaba, 2010.

BOWEN. M. et al. Os intérpretes que fizeram história. in: DELISLE E WOODSWORTH. **Os Tradutores na história**. Tradução Sérgio Bath. 1ed. São Paulo: Ática, 2003

BRÜCK, P. **Austrian Perspectives of Team Interpreting**: The Views of Deaf University Students and their Sign Language Interpreters. University of Applied Sciences Magdeburg-Stendal. 2011. Disponível em:  
<[http://www.dolmetschserviceplus.at/sites/default/files/PatriciaBrueck\\_MA\\_Teaminterpreting%20complete.pdf](http://www.dolmetschserviceplus.at/sites/default/files/PatriciaBrueck_MA_Teaminterpreting%20complete.pdf)>Acesso em: Setembro de 2015.

CAMARGO, P. G. Competência em interpretação - um breve estudo da interpretação em língua B. **Tradterm**,[s.l.], v. 23, p. 13-33, 15 out. 2014. Universidade de Sao Paulo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBiUSP. DOI: 10.11606/issn. 2317-9511.tradterm.2014.85506. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/viewFile/85506/88295>>. Acesso em: 29 nov. 2015.

CAMPELLO, A. R. de S. e. **Entrevista I**. [jul. 2014]. Entrevistador: Silvana Aguiar dos Santos. Florianópolis, 2014. 1 arquivo. (26mim56sec.). Entrevista concedida ao Projeto Entrevistas ACATILS. Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=V-UjNz-8zDw>.



COKELY, D.; HAWKINS, J. **Interpreting in teams**: A pilot study on requesting and offering support. *Journal of Interpretation* 2013, 49-93.

COSTA, K. P. R. da. **O texto do intérprete de libras no contexto do bilinguismo e o pretexto da inclusão**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem). Universidade Católica de Pernambuco, 2008.

CORDOVA, Bianca. C. **Concepções de Intérpretes de Língua de Sinais acerca de sua atuação em contextos educacionais**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Brasília, 2009

DEAN, R. K.; POLLARD, R. Q. Application Demand-Control Theory to Sign Language Interpreting: Implications for Stress and Interpreter Training. University of Rochester School of Medicine, **Journal of Deaf Studies and Deaf Education**, 2001. Disponível em: <<http://jdsde.oxfordjournals.org/content/6/1/1.full.pdf+html> > Acesso em: Set. 2015.

FERREIRA BRITO, L. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. R.J.: Tempo Brasileiro, 1995.

FERNANDES, L. P; BARTHOLAMEI JUNIOR, L. A. **Estudos da Tradução II**. Florianópolis: Ufsc, 2009. 59 p.

FILIETAZ, M. R. P. **Políticas públicas de educação inclusiva**: das normas à qualidade de formação do intérprete de língua de sinais. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Tuiuti do Paraná, 2006.

FLICK, U. **Introdução à metodologia de pesquisa**: um guia para iniciantes; tradução Magda Lopes; Porto Alegre: Penso, 2013. 256p.

GABRIAN, J; WILLIAMS, G. **The effect of interpreter fatigue on interpretation quality**. Ebookbrowse. Disponível em: <<http://ebookbrowse.com/the-effect-of-interpreter-fatigue-on-interpretation-quality-pdf-d44129538> > Acesso em: Ago. 2015.

GAMBIER, Y.; VAN DOORSLAER, L. (Ed.). **Handbook of Translation Studies**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010. 458 p.

GARCEZ, P. M; BULLA, G. S; LODER, L. L. Microethnographic research practices: generating, segmenting and transcribing audiovisual data as full-fledged analytic procedures. **DELTA**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 257-288, dez. 2014. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44502014000200257&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502014000200257&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 07 mar. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-445078307364908145>

GESSER. A. “**um olho no professor surdo e o outro na caneta**”: Ouvintes aprendendo a língua Brasileira de sinais, 2006. Tese (Doutorado em Linguística aplicada) UNICAMP, Campinas, 2006.

———. **LIBRAS? Que língua é essa?:** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

———. Construindo e legitimando a identidade intérprete e as atividades de interpretação: reflexões feitas em aulas de Libras para ouvintes. **Tradução & Comunicação**, Local de publicação (editar no plugin de tradução o arquivo da citação ABNT), 0, abr. 2011. Disponível em: <<http://sare.anhanguera.com/index.php/rtdcom/article/view/2782>>. Acesso em: 29 Nov. 2015.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

———. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GILE, D. The Effort Models in Interpretation. In: **Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training**. Amsterdam/Philadelphia: John Bensamins, 1995. p. 159-190.

———. Conference and simultaneous interpreting. In: BAKER, M. (Org.) **Routledge encyclopedia of translation studies**. Londres; Nova York: Routledge, 1998, p. 40-45.

———. Testing the Effort Models’ tightrope hypothesis in simultaneous interpreting: a contribution. **Journal of Linguistics**, n. 23, 1999.

———. Testing the Effort Model's tightrope hypothesis in simultaneous interpreting – A contribution. **Hermes, Journal of Linguistics**, n. 23, 1999, p. 153-172. Disponível em: < [http://download1.hermes.asb.dk/archive/FreeH/H23\\_09.pdf](http://download1.hermes.asb.dk/archive/FreeH/H23_09.pdf) > Acesso em: Set. 2015.

———. **Consecutive vs. simultaneous**: which is more accurate? *Interpretation Studies*, n. 1, dec. 2001, p. 8-20

GURGEL, T. M. A. **Práticas e formação de tradutores intérpretes de língua brasileira de sinais no ensino superior**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Metodista de Piracicaba, 2010.

HOZA, J. **Team Interpreting**. Alexandria: Rid Press, 2010. 214 p.

HURTADO ALBIR, A. In: PAGANO, A.; MAGALHÃES, C.; ALVEZ, F. **Cognição e discurso**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, p. 19-57.

———. Competence. In: GAMBIER, Y.; VAN DOORSLAER, L. (Ed.). **Handbook of Translation Studies**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010. p. 55-59.

———. **Traducción y traductología**. Madrid: Gredos, 5ª edição, 2011.

IVARS, A. J. **La traducción a la vista**: un análisis descriptivo. 1999. 411 f. Tese (Doutorado) - Curso de Departamento de Traducción y Comunicación, Universitat Jaume I, Castellón, 1999.

JONES, R. **Conference interpreting Explained**. Saint Jerome. 2002.

KELLY, D. Setting the Scene. In: KELLY, D. **A Handbook for translator trainers**. Manchester, UK: St. Jerome Publishing, 2005. Cap. 1. p. 09-10. (Translation Practices Explained).

———. Curriculum. In: GAMBIER, Y.; VAN DOORSLAER, Luc (Ed.). **Handbook of Translation Studies**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010. p. 87-93.

———. Translation didactics. In: GAMBIER, Y.; VAN DOORSLAER, Luc (Ed.). **Handbook of Translation Studies**.

Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010. p. 389-396.

LACERDA, C. B. F. de. O intérprete de língua de sinais no contexto de uma sala de aula de alunos ouvintes: problematizando a questão. In: LACERDA, C. B. F. de; GÓES, M. C. R. de (orgs.). **Surdez: Processos Educativos e Subjetividade**. São Paulo: Editora Lovise, p. 51-84, 2000.

LEITE, E. M. C. **O papel do intérprete de LIBRAS em uma sala de aula inclusiva**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

LIMA, E. **Discurso e Identidade: Um olhar crítico sobre a atuação do (a) Intérprete de Libras na Educação Superior**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, 2006.

LUCIANO, A. H. T. **A Interpretação simultânea sob a ótica da lingüística aplicada**. Campinas, SP: [s.n.], 2005.

MAGALHÃES JUNIOR, E. **Sua majestade o intérprete: O fascinante mundo da interpretação simultânea**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MARTINS, V. R. de O. **Educação de Surdos no Paradoxo da Inclusão com Intérprete de Língua de Sinais: Relações de poder e (re)criações do sujeito**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, 2008.

Mc. CLEAR, L; VIOTTI, E.; LEITE, T. A. **Descrição das línguas sinalizadas: a questão da transcrição dos dados**. Alfa, São Paulo, 54 (1): 265-289, 2010.

MERLO, S.; BARBOSA, P. A. SÉRIES TEMPORAIS DE PAUSAS E DE HESITAÇÕES NA FALA ESPONTÂNEA. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, v. 54, n. 1, p. 12-24, Não é um mês valido! 2012. Semetral.

METZGER, M. Os destaques das pesquisas sobre interpretação de línguas de sinais no contexto acadêmico da interpretação comunitária. **Cadernos da Tradução**. Florianópolis: UFSC/PGET, 2010.

MESCH, J. **Perspectives on the Concept and Definition of International Sign**. Helsinki, Finland: World Federation Of The Deaf, 2010.

MIRANDA, D. G. **As mediações linguísticas do intérprete de língua de sinais na sala de aula inclusiva**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

NAPIER, J.; McKEE, R.; GOSWELL, D. **Sign Language interpreting: Theory and practice in Australian and New Zeland**. The Federation Press, 2006.

NASCIMENTO, M. V. B. **Interpretação da língua brasileira de sinais a partir do gênero jornalístico televisivo: elementos verbo-visuais na produção de sentidos**, Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

NASCIMENTO, V. Interpretação da libras para português na modalidade oral: considerações dialógicas. **Tradução & Comunicação, Revista Brasileira de tradutores**, nº 24, 2012. Disponível em: <<http://sare.anhanguera.com/index.php/rtcom/article/view/3733>> Acesso em: Outubro 2015

PACTE (Process in the Acquisition of Translation Competence and Evaluation). Building a Translation Competence Model. In: ALVES, F. (ed.). *Triangulating Translation: perspectives in process oriented research*. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p. 37-61

PAGURA, R. A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. **DELTA**, São Paulo , v. 19, n. spe, p. 209-236, 2003 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44502003000300013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502003000300013&lng=en&nrm=iso)>. acesso em: Março. 2016.

\_\_\_\_\_. **A interpretação de conferências no Brasil: história de sua prática profissional e a formação de intérpretes brasileiros**. 2010. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em:

<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-09022011-151705/>>. Acesso em: Março de 2016.

———. O consenso internacional sobre a formação de intérpretes de conferência. **Tradução & Comunicação**, 2011. Disponível em: <<http://sare.anhanguera.com/index.php/rtcom/article/view/2774/999>>. Acesso em: Maio 2016..

PEDROSO, C. C. A. **O aluno surdo no ensino médio da escola pública: o professor fluente em Libras atuando como intérprete**. Tese (Doutorado em Educação Escolar). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2006.

PEREIRA, M. C. P. **Testes de proficiência lingüística em língua de sinais: as possibilidades para os intérpretes de LIBRAS**, Dissertação (mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo. 2008.

PIRES, C. L. **Questões de fidelidade na interpretação em Língua de Sinais**. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal de Santa Maria, 1999.

PÖCHHACKER, F. Teaching practices in simultaneous interpreting. **The Interpreters' Newsletter**, Trieste, v. 9, p. 157-76, 1999.

———. **Introducing interpreting studies**. London: Routledge, 2004.

———. **Issues in Interpreting Studies**. In Munday, J. *The Routledge Companion to Translation Studies*. London: Routledge, 2009. p. 128-140.

———. Interpreting Studies. In: GAMBIER, Y.; VAN DOORSLAER, Luc (Ed.). **Handbook of Translation Studies**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010. p. 158-172.

———. Interpreting. In: GAMBIER, Y.; VAN DOORSLAER, Luc (Ed.). **Handbook of Translation Studies**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010. p. 153-157.

QUADROS, R. M. **O tradutor e intérprete de Libras e língua portuguesa**. Brasília: MEC, 2004.

QUADROS, R. M., PIZZIO, A. L. Aquisição da língua de sinais brasileira: constituição e transcrição dos corpora. In: SALLES, H. (Org.) **Bilingüismo e surdez**: questões lingüísticas e educacionais. Goiânia: Cãnone Editorial, 2007.

RID (Registry of Interpreters for the Deaf) **standard practice paper**: Team interpreting. (2007). Disponível em: <[http://www.rid.org/UserFiles/File/pdfs/Standard\\_Practice\\_Papers/Drafts\\_June\\_2006/Team\\_Interpreting\\_SPP.pdf](http://www.rid.org/UserFiles/File/pdfs/Standard_Practice_Papers/Drafts_June_2006/Team_Interpreting_SPP.pdf)> Acesso em setembro 2015

RODRIGUES, C. H. Da interpretação comunitária à interpretação de conferência: desafios para formação de intérpretes de língua de sinais. In: **II Congresso Brasileiro de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira**, Florianópolis: UFSC, 2010.

———. **A interpretação para a Língua de Sinais Brasileira**: efeitos de modalidade e processos inferenciais. Belo Horizonte: UFMG - 2013. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada).

RODRIGUES, E. S; BURGOS, M. del P. L. **Técnicas de Interpretación de Lengua de Signos**. Barcelona: CNSE, 2001

ROSA, A. S. **Entre a visibilidade da tradução da língua de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, 2005.

ROSSI, C. R. **O impacto da atuação do interprete de LIBRAS no contexto de uma escola pública para ouvintes**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, 2005.

RUSSO, M. Simultaneous interpreting. In: GAMBIER, Y.; VAN DOORSLAER, Luc (Ed.). **Handbook of Translation Studies**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010. p. 333-336.

RUSSEL, D. Team Interpreting: Best Practices, AVLIC, 2011. Disponível em: <http://www.avlic.ca/sites/default/files/docs/2011->

[07Team Interpreting Best Practices Article-by Debra Russell.pdf](#) .

Acesso em: Maio 2016.

SANTOS, S. A. dos. **Intérpretes de língua de sinais: um estudo sobre as identidades**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

———. **Tradução/interpretação de língua de sinais no Brasil: uma análise das teses e dissertações de 1990 a 2010**. 2013. 313 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

SCALLON, G. **Avaliação da aprendizagem numa abordagem por competências. Tradução de Juliana Vermelho Martins**. -Curitiba: PUCPRes, 2015. 445p.;

SELESKOVITCH. **Interpreting for international conferences**. Tradução de Stephanie Dailey e E. Norman McMillan. Washington, D.C.: Pen and Booth, 2ªed. 2011. Translated by: Stephanie Dailey and Eric Norman McMillan.

SENNET, R. **Juntos: os rituais, os prazeres e a política da cooperação**. Rio de Janeiro: Record, 2012. 377p. Tradução de Clóvis Marques.

SETTON, R. Conference Interpreting. In: GAMBIER, Y.; VAN DOORSLAER, Luc (Ed.). **Handbook of Translation Studies**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010. p. 60-74.

SHUTTLEWORTH, M.; COWIE, M. **Dictionary of translation studies**. New York: Routledge, 2014

SILVA, A. M. da. **Análise da participação dos alunos Surdos no discurso de sala de aula do mestrado na UFSC mediada por intérprete**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

SILVA, A. M. da; NOGUEIRA, T. C. Considerações acerca da interpretação de língua oral para a língua de sinais com a presença do intérprete de apoio. In.: **II Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação da Língua de Sinais. 2012**. Disponível



em:< <http://www.congressotils.com.br/anais2012.html>> Acesso em:  
Março. 2016

SILVA, C. J. C. **A corporeidade da intérprete de língua de sinais na percepção dos sentidos produzida por interlocutores surdos.** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Passo Fundo, 2009.

SOUZA, L. C. da S. **A construção do *ethos* dos tradutores e intérpretes de língua brasileira de sinais e português: concepções sobre a profissão.** - Rio de Janeiro: UFRJ, Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) 2014.

TUXI, P. **A Atuação do Intérprete Educacional no Ensino Fundamental.** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Brasília, 2009.

VASCONCELLOS, M. L. Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (TILS) na pós-graduação: a afiliação ao campo disciplinar “estudos da tradução”. In: Ronice Müller de Quadros (org.). Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais. **Cadernos de tradução** v. 2, n. 26. 119-143, 2010.

VIEIRA, M. E. M. **A Auto-representação e Atuação dos Professores-intérpretes de língua de sinais: afinal... professor ou intérprete?** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.



## ANEXO A – DESCRIÇÃO



Universidade Federal de Santa Catarina  
 Centro de Comunicação e Expressão  
 Curso de Letras – Libras (Bacharelado)  
 Estágio do Curso de Letras Libras

### FICHA PARA ORIENTAR A REALIZAÇÃO DA ATIVIDADE DE INTÉRPRETE APOIO:

Universidade Federal de Santa Catarina

Estágio do Curso de Letras Libras – Bacharelado

Atividade de interpretação: \_\_\_\_\_

Data:

\_\_\_\_\_

Intérprete:

\_\_\_\_\_

Intérprete

apoio:

\_\_\_\_\_

Observador:

\_\_\_\_\_

#### FICHA DE ACOMPANHAMENTO DO INTÉRPRETE APOIO

Vocês estarão realizando o estágio em **trio** permitindo que cada um experimente funções diferentes e importantes durante todo o processo de

interpretação. Uma destas funções é a do intérprete apoio que auxiliará o outro colega intérprete durante a interpretação propriamente dita. A seguir sugerimos alguns temas pontuais que devem ser observados pelo intérprete apoio.

Auxiliar o colega na soletração de nomes próprios, datas e numerais ou ainda termos técnicos e terminologias estrangeiras, caso ocorra esta situação.

Observar se as informações estão sendo interpretadas de forma clara e adequadas para o público alvo, fornecendo termos que possam complementar, explicitar, comprimir ou expandir expressões da língua fonte para a língua alvo.

Sugerir terminologias em língua de sinais ou português, ou ainda estratégias de interpretação para termos técnicos caso o intérprete demonstre que não conheça a nomenclatura apresentada.

Demonstrar discretamente que está acompanhando o discurso que está sendo apresentado com o fim de fornecer certa medida de segurança ao ILS atuante (sugestão: um leve sim com a cabeça).

Auxiliar o colega na descrição de figuras, cenas ou outras informações que venham surgir em função do uso de recursos visuais.

Observar a interpretação do colega com relação à produção dos sinais; se as configurações de mão, localização e movimento estão adequadas.

Observar a interpretação do colega com relação à produção de expressões faciais, se as mesmas estão adequadas a mensagem.

Observar se a direção dos verbos está de acordo com os referentes marcados no espaço de sinalização conforme a mensagem da língua fonte.

Registrar pontos positivos, sugestões e críticas construtivas para posteriormente discutir com o colega a fim de avaliar o trabalho em equipe, bem como fazer uma auto-avaliação.



## Programação do IV Congresso TILSP.

<b>Centro de Eventos da UFSC</b>	
<b>Horário</b>	<b>Atividade</b>
09h00-10h00	<b>Solenidade de Abertura-</b>
10h00-11h00	<u>Conferência Keynote</u> <b>Reflexões sobre a interpretação: Lições aprendidas-</b> Conferencista: DENNIS COKELY (Estados Unidos)
11h00-11h30	<u>Comunicação Oral</u> <b>Eixo Temático: Tradução/interpretação de língua de sinais: ética</b> <b>ÉTICA E A ATUAÇÃO DO INTÉRPRETE DE LIBRAS/PORTUGUÊS EM CONTEXTO DE SAÚDE MENTAL</b> Apresentadora: ANDRÉA DA SILVA ROSA (Brasil/SP)
11h30-12h00	<u>Comunicação Oral</u> <b>Eixo Temático: Tradução/interpretação de língua de sinais: ética</b> <b>ATUAÇÃO DO INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE SINAIS EM CONTEXTO DE ENSINO: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES SOBRE A RELAÇÃO DE MESTRIA</b> Apresentadora: VANESSA REGINA DE OLIVEIRA MARTINS (Brasil/SP)
12h00-12h30	<u>Comunicação Oral</u> <b>Eixo Temático: Tradução/interpretação de língua de sinais: identidades em questão</b> <b>INTÉRPRETES CODAS: LANGUAGE BROKERING E A PROFISSÃO DE INTÉRPRETE DE LIBRAS</b> Apresentador: JOSÉ CARLOS FERREIRA SOUZA (Brasil/AM)
12h30-14h00	<b>Intervalo para almoço</b>
14h00-14h30	<u>Comunicação Oral</u> <b>Eixo Temático: Avaliação da tradução/interpretação de/para a língua de sinais</b> <b>DA LÍNGUA PORTUGUESA ESCRITA À LIBRAS: PROBLEMATIZANDO PROCESSOS DE TRADUÇÃO DE PROVAS DE VESTIBULAR</b> Apresentador: ANDRE RIBEIRO REICHERT (Brasil/SC)

14h30- 15h00	<u>Comunicação Oral</u> <b>Eixo Temático: Avaliação da tradução/interpretação de/para a língua de sinais</b> <b>European Translation Norm: How is the European Translation Norm Adopted and Used by German Deaf Translators?</b> Apresentador: CHRISTIAN PETERS (Brasil)
15h00- 15h30	<u>Comunicação Oral</u> <b>Eixo Temático: Avaliação da tradução/interpretação de/para a língua de sinais</b> <b>DIÁLOGO INTERINSTITUCIONAL: PROMOVEDO INSTANCIA DE VALIDAÇÃO ACADÊMICA DE SINAIS TERMINOLÓGICOS.</b> Apresentadora: MARIANNE STUMPF (Brasil)
15h30- 16h00	<u>Comunicação Oral</u> <b>Eixo Temático: Avaliação da tradução/interpretação de/para a língua de sinais</b> <b>ANOTAÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS E APRESENTAÇÃO DE DADOS EM PUBLICAÇÕES ACADÊMICAS</b> Apresentadora: VÂNIA DE AQUINO ALBRES SANTIAGO (Brasil/SP)
16h00- 16h30	<b>Intervalo</b>
16h30- 17h30	<u>Palestra</u> <b>A trajetória da pesquisa sobre interpretação de Libras/Português no Brasil</b> Palestrante: SILVANA AGUIAR DOS SANTOS (Brasil)

» **Quinta-feira, 13 de novembro de 2014**

<b>• Centro de Eventos da UFSC</b>	
<b>Horário</b>	<b>Atividade</b>
09h00- 10h00	<u>Conferência Keynote</u> <b>'O Gato do Diabo tem Pena' - O papel do intérprete nas performances de poesia em línguas de sinais</b> Conferencista: RACHEL SUTTON-SPENCE (Brasil)
10h00- 10h30	<u>Comunicação Oral</u> <b>Eixo Temático: Metodologias para implementar a interpretação de/para a língua de sinais</b>

	<p><b>INTERPRETAÇÃO DE DESCRIÇÕES IMAGÉTICAS DA LIBRAS</b> Apresentador: MARCOS LUCHI (Brasil/SC)</p>
10h30-11h00	<p><u>Comunicação Oral</u> <b>Eixo Temático: Metodologias para implementar a interpretação de/para a língua de sinais</b> <b>COMUNICAÇÃO TÁTIL PARA PESSOA COM SURDOCEGUEIRA - INSTRUÇÕES EM COMUNICAÇÃO HÁPTICA</b> Apresentadora: REGIANE CUNHA PEREIRA (Brasil/SP)</p>
11h00-11h30	<p><u>Comunicação Oral</u> <b>Eixo Temático: Metodologias para implementar a interpretação de/para a língua de sinais</b> <b>COLETA DE SINAIS TERMINOLÓGICOS NOS MATERIAIS DIDÁTICOS PRODUZIDOS PELA EDITORA ARARA AZUL</b> Apresentadora: JANINE SOARES OLIVEIRA (Brasil)</p>
11h30-12h00	<p><u>Comunicação Oral</u> <b>Eixo Temático: Metodologias para implementar a interpretação de/para a língua de sinais</b> <b>ENSAIO PARA UMA METODOLOGIA DE TRADUÇÃO PORTUGUÊS - LIBRAS NO SOFTWARE PRODEAF</b> Apresentadora: JULIANA FERNANDES DA SILVA (Brasil/SP) MARCELO AMORIM.</p>
12h00-13h45	<p><b>Intervalo para almoço</b></p>
13h45-14h30	<p><u>Palestra</u> <b>As Formas de Tratamento na Interpretação da Libras para a Língua Portuguesa Brasileira</b> Palestrante: MARIA CRISTINA PIRES PEREIRA (Brasil)</p>
14h30-15h00	<p><u>Comunicação Oral</u> <b>Eixo temático: Metodologias para implementar a tradução de/para a língua de sinais</b> <b>TRADUÇÃO COMENTADA DO POEMA EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS “VOO SOBRE RIO”</b> Apresentadora: MARILYN MAFRA KLAMT (Brasil/SC)</p>
15h00-15h30	<p><u>Comunicação Oral</u> <b>Eixo temático: Metodologias para implementar a tradução de/para a língua de sinais</b> <b>TRADUÇÃO DE CANÇÕES DE LP PARA LIBRAS: IDENTIFICANDO E COMPARANDO RECURSOS</b></p>



	<b>TRADUTÓRIOS EMPREGADOS POR SINALIZANTES SURDOS E OUVINTES</b> Apresentadora: NATÁLIA SCHLEDER RIGO (Brasil/SC)
15h30-16h00	<u>Comunicação Oral</u> <b>Eixo temático: Metodologias para implementar a tradução de/para a língua de sinais</b> <b>QUANDO MÚLTIPLOS OLHARES GERAM DIFERENTES EXPERIÊNCIAS DE TRADUÇÃO AO PORTUGUÊS DE UM POEMA EM LIBRAS: O CASO DE “HOMENAGEM SANTA MARIA” DE GODINHO (2013)</b> Apresentadora: RACHEL SUTTON-SPENCE (Brasil)
16h00-16h30	<u>Comunicação Oral</u> <b>Eixo temático: Metodologias para implementar a tradução de/para a língua de sinais</b> <b>TRADUÇÃO DE MÚSICA EM LÍNGUA DE SINAIS: ESTRATÉGIAS UTILIZADAS NA TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO. REPENSANDO UMA NOVA POÉTICA</b> Apresentador: VIRGÍLIO SOARES DA SILVA NETO (Brasil/DF)
16h30-17h15	<u>Palestra</u> <b>Efeitos de Modalidade nos processos tradutório e interpretativo (Libras-Português)</b> Palestrante: CARLOS HENRIQUE RODRIGUES (Brasil)

» Sexta-feira, 14 de novembro de 2014

• Centro de Eventos da UFSC	
Horário	Atividade
09h00-10h00	<u>Palestra</u> <b>Confiança: tradutor e intérprete de libras/português com o público envolvido</b> Palestrante: RONICE MÜLLER DE QUADROS (Brasil)
10h00-10h30	<u>Comunicação Oral</u> <b>Eixo Temático: Discurso e tradução/interpretação de/para a língua de sinais</b> <b>O FLUXO DA INFORMAÇÃO EM TEXTOS INFORMATIVOS UNIVERSITÁRIOS EM PORTUGUÊS E EM LIBRAS</b> Apresentador: MARCOS PEREIRA FEITOSA (Brasil/MG)
10h30-11h00	<u>Comunicação Oral</u> <b>Eixo Temático: Discurso e tradução/interpretação de/para a língua de sinais</b>

	<p><b>AS CARACTERÍSTICAS DE REGISTRO FORMAL EM LIBRAS APRESENTADAS PELA TRADUÇÃO DE EDITAIS DE PORTUGUÊS PARA LIBRAS</b> Apresentador: RODRIGO CUSTÓDIO DA SILVA (Brasil/SC)</p>
11h00-11h30	<p><u>Comunicação Oral</u> <b>Eixo Temático: Políticas de tradução/interpretação de língua de sinais</b> <b>O TRABALHO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS-PORTUGUÊS NAS UNIVERSIDADES FEDERAIS BRASILEIRAS</b> Apresentadora: SÔNIA APARECIDA LEAL VÍTOR ROMEIRO (Brasil/MG)</p>
11h30-12h00	<p><u>Comunicação Oral</u> <b>Eixo temático: Tradução/interpretação de língua de sinais: norma Surda</b> <b>ENTRE AS ARBITRARIEDADES PERFORMÁTICAS E AS NORMATIVIDADES DESCRITIVAS SURDAS: COMO A FERRAMENTA GLOSINAIS (CAMPOLLO E CASTRO, 2013) PODE CONTRIBUIR COM PROCEDIMENTOS DE TRADUÇÃO DE POEMAS EM LÍNGUA DE SINAIS NA DIREÇÃO LIBRAS-PORTUGUÊS</b> Apresentador: SAULO XAVIER DE SOUZA (Brasil/SP)</p>
12h00-13h45	<b>Intervalo para almoço</b>
13h45-14h30	<p><u>Palestra</u> <b>Intérprete educacional e os contornos da cultura escolar</b> Palestrante: NEIVA DE AQUINO ALBRES (Brasil)</p>
14h30-15h30	<b>Intervalo com apresentação de Poster</b>
15h30-16h30	<p><b>Apresentação Cultural - "Poemas em línguas de sinais"</b> Apresentadora: FERNANDA DE ARAUJO MACHADO (Brasil/SC) Apresentador: RICHARD CARTER (Brasil)</p>
16h30-17h30	<p><u>Conferência Keynote</u> <b>Sight interpreting and sight translation - A Continuum</b> Conferencista: CHRISTIAN RATHMANN (Alemanha)</p>



HOSPITAL INFANTIL JOANA  
DE GUSMÃO/ SES -SC



### COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** A ATUAÇÃO DE INTÉRPRETES DE LIBRAS/PORTUGUÊS NO CONTEXTO DE CONFERÊNCIA: UM ESTUDO SOBRE A INTERPRETAÇÃO EM EQUIPE

**Pesquisador:** Andrei Gesser

**Versão:** 2

**CAAE:** 39627014.4.0000.5361

**Instituição Proponente:**

#### DADOS DO COMPROVANTE

**Número do Comprovante:** 112981/2014

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Participação em Pesquisa

Participante: Jonathan Sousa de Oliveira  
 Pesquisadores: Tiago Coimbra Nogueira e Andrei Gesser  
 Título da pesquisa: Atuação de intérpretes de Língua Brasileira de Sinais/Língua Portuguesa em contexto de conferência: um estudo sobre a interpretação em equipe  
 Órgão de fomento: Sem financiamento

##### Introdução

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa sobre interpretação em equipe, esse convite está sendo realizado, pois você atua como intérprete de Libras/Português no contexto de conferência.

##### Por que esta pesquisa está sendo realizada?

O objetivo desta investigação é realizar um estudo descritivo no contexto de conferências exercido por intérpretes de Libras/ Português. Há três finalidades principais são (a) Levantar as narrativas de experiência dos intérpretes que possuem, em sua prática cotidiana, a atuação em equipe (b) Observar quais são as atitudes dos colegas intérpretes no momento da atuação em equipe (c) Observar se existem lacunas na atuação que podem ser resolvidas por meio de treinamento, tornando a interpretação em equipe mais qualificada.

##### Quais são os procedimentos do estudo? O que será solicitado para ser feito?

Se você autorizar a sua participação neste estudo, você deverá ceder suas imagens gravadas em vídeos com as produções de sua interpretação no contexto de conferência, além de participar de uma entrevista quem também será gravada e que abordará questões sobre sua atuação no contexto de conferência.

Será preciso indicando no *Termo de Cessão de Imagens* a seguir qual exatamente é o dado que você está cedendo.

##### Quais os riscos ou inconveniências de minha participação neste

Conforme estabelecido na Resolução CNS/MS 466/2012 em seu Capítulo V - Riscos e Benefícios: Toda pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados. Para que se sinta protegido, e para que se minimize esses riscos esse projeto passou sistema CEP/CONEP. A

participação nesta pesquisa não apresenta risco elevado a vida diária. O que deve considerar é a divulgação de sua imagem em vídeo na divulgação dos resultados da pesquisa.

Quais os benefícios do estudo?

Este estudo não deverá beneficiar você diretamente, mas a sua participação certamente contribuirá para a melhoria da vida das pessoas surdas no Brasil, que são os principais clientes dos intérpretes de Libras/português, também o estudo de sua atuação vai ajudar a compreender melhor como funciona a atuação em equipe de intérpretes Libras/Português no contexto de conferência, e consequentemente auxiliar na formação de novos intérpretes.

Você receberá algum pagamento para a sua participação? Há custos para participar da pesquisa?

Você não receberá nenhum pagamento, mas também não terá nenhum custo.

Como as minhas informações pessoais estarão resguardadas?

Caso você queira, poderemos dar-lhe um pseudônimo substituindo o seu nome e informações pessoais na identificação da gravação, independentemente de sua imagem aparecer na gravação. Você indicará essa informação no *Termo de Cessão de Imagens*.

Com relação à sua imagem, ela poderá ser veiculada nas apresentações e publicações desse estudo, tendo em vista a importância das expressões faciais e corporais na produção em Libras.

Obter informações sobre dúvidas que eu possa ter sobre o estudo?

Você pode entrar em contato conosco a qualquer momento. Estaremos disponíveis para responder a qualquer dúvida que possa surgir sobre este estudo. Se você tiver mais perguntas sobre o projeto ou se você tiver algum problema relacionado com a pesquisa, você pode entrar em contato com o pesquisador principal do estudo:

Tiago Coimbra Nogueira  
 Email: ticoimbrails@gmail.com  
 Celular: (48) 91543455

O projeto dessa pesquisa foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Hospital Infantil Joana de Gusmão (HIJG). Um Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) é composto por um grupo de pessoas que estão trabalhando para garantir que seus direitos como participante de pesquisa sejam respeitados. Ele tem a obrigação de avaliar se a pesquisa foi planejada e se está sendo executada de forma ética. Se você achar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como você imaginou ou que está sendo prejudicado de alguma forma, você pode entrar em contato com o CEP do HIJG pelo telefone 48- 32519092 ou pelo email: cephijg@saude.sc.gov.br. Você pode inclusive fazer a reclamação sem se identificar, se preferir".

Termo de Consentimento

Eu, Jonathan Souza de Oliveira..... li este termo de consentimento e decidi que vou participar do estudo acima descrito. Minha assinatura também indica que eu recebi uma cópia deste documento em língua portuguesa (de forma impressa) e estou ciente, caso eu deseje, poderei retirar meu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.

<u>Jonathan Souza de Oliveira</u>	<u>[Assinatura]</u>	<u>10/06/2015</u>
Nome do informante	Assinatura do informante	Data da Assinatura
<u>[Assinatura]</u>	<u>[Assinatura]</u>	<u>10/06/2015</u>
Nome do pesquisador	Assinatura do pesquisador	Data da Assinatura

O projeto dessa pesquisa foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Hospital Infantil Joana de Gusmão (HIJG). Um Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) é composto por um grupo de pessoas que estão trabalhando para garantir que seus direitos como participante de pesquisa sejam respeitados. Ele tem a obrigação de avaliar se a pesquisa foi planejada e se está sendo executada de forma ética. Se você achar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como você imaginou ou que está sendo prejudicado de alguma forma, você pode entrar em contato com o CEP do HIJG pelo telefone 48- 32519092 ou pelo email: cephihg@saude.sc.gov.br. Você pode inclusive fazer a reclamação sem se identificar, se preferir".

Termo de Consentimento

Eu, Marcelo Wilson de Lima e Souza, li este termo de consentimento e decidi que vou participar do estudo acima descrito. Minha assinatura também indica que eu recebi uma cópia deste documento em língua portuguesa (de forma impressa) e estou ciente, caso eu deseje, poderei retirar meu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.

Marcelo W. Souza  
Nome do informante

[Assinatura]  
Assinatura do informante

10/06/2015  
Data da Assinatura

Flávia L. Biquina  
Nome do pesquisador

[Assinatura]  
Assinatura do pesquisador

10/06/2015  
Data da Assinatura

O projeto dessa pesquisa foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Hospital Infantil Joana de Gusmão (HIJG). Um Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) é composto por um grupo de pessoas que estão trabalhando para garantir que seus direitos como participante de pesquisa sejam respeitados. Ele tem a obrigação de avaliar se a pesquisa foi planejada e se está sendo executada de forma ética. Se você achar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como você imaginou ou que está sendo prejudicado de alguma forma, você pode entrar em contato com o CEP do HIJG pelo telefone 48- 32519092 ou pelo email: cephijg@saude.sc.gov.br. Você pode inclusive fazer a reclamação sem se identificar, se preferir".

Termo de Consentimento

Eu, Manoel Vinícius Batista Nazimont, li este termo de consentimento e decidi que vou participar do estudo acima descrito. Minha assinatura também indica que eu recebi uma cópia deste documento em língua portuguesa (de forma impressa) e estou ciente, caso eu deseje, poderei retirar meu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.

<u>Manoel Vinícius B. Nazimont</u>	<u>[Assinatura]</u>	<u>06/06/15</u>
Nome do informante	Assinatura do informante	Data da Assinatura
<u>F. Augusto L. Nogueira</u>	<u>[Assinatura]</u>	<u>06/06/15</u>
Nome do pesquisador	Assinatura do pesquisador	Data da Assinatura

O projeto dessa pesquisa foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Hospital Infantil Joana de Gusmão (HIJG). Um Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) é composto por um grupo de pessoas que estão trabalhando para garantir que seus direitos como participante de pesquisa sejam respeitados. Ele tem a obrigação de avaliar se a pesquisa foi planejada e se está sendo executada de forma ética. Se você achar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como você imaginou ou que está sendo prejudicado de alguma forma, você pode entrar em contato com o CEP do HIJG pelo telefone 48- 32519092 ou pelo email: cephijg@saude.sc.gov.br. Você pode inclusive fazer a reclamação sem se identificar, se preferir”.

Termo de Consentimento

Eu, Pamaua Santos Lima..... li este termo de consentimento e decidi que vou participar do estudo acima descrito. Minha assinatura também indica que eu recebi uma cópia deste documento em língua portuguesa (de forma impressa) e estou ciente, caso eu deseje, poderei retirar meu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.

<u>Pamaua Santos Lima</u> Nome do informante	<u>Pamaua Lima</u> Assinatura do informante	<u>10/06/2015</u> Data da Assinatura
<u>Luiz C. Boqueiro</u> Nome do pesquisador	<u>[Assinatura]</u> Assinatura do pesquisador	<u>30/06/2015</u> Data da Assinatura



O projeto dessa pesquisa foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Hospital Infantil Joana de Gusmão (HIJG). Um Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) é composto por um grupo de pessoas que estão trabalhando para garantir que seus direitos como participante de pesquisa sejam respeitados. Ele tem a obrigação de avaliar se a pesquisa foi planejada e se está sendo executada de forma ética. Se você achar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como você imaginou ou que está sendo prejudicado de alguma forma, você pode entrar em contato com o CEP do HIJG pelo telefone 48- 32519092 ou pelo email: cephihg@saude.sc.gov.br. Você pode inclusive fazer a reclamação sem se identificar, se preferir".

Termo de Consentimento

Eu, Josia Marta de Oliveira, este termo de consentimento e decidi que vou participar do estudo acima descrito. Minha assinatura também indica que eu recebi uma cópia deste documento em língua portuguesa (de forma impressa) e estou ciente, caso eu deseje, poderei retirar meu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.

Josia Marta de Oliveira  
Nome do informante

[Assinatura]  
Assinatura do informante

22/05/2015  
Data da Assinatura

[Assinatura]  
Nome do pesquisador

[Assinatura]  
Assinatura do pesquisador

22/05/2015  
Data da Assinatura

Pesquisa em Seres Humanos do Hospital Infantil Joana de Gusmão (HIJG). Um Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) é composto por um grupo de pessoas que estão trabalhando para garantir que seus direitos como participante de pesquisa sejam respeitados. Ele tem a obrigação de avaliar se a pesquisa foi planejada e se está sendo executada de forma ética. Se você achar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como você imaginou ou que está sendo prejudicado de alguma forma, você pode entrar em contato com o CEP do HIJG pelo telefone 48- 32519092 ou pelo [email: cepnijg@saude.sc.gov.br](mailto:cephijg@saude.sc.gov.br). Você pode inclusive fazer a reclamação sem se identificar, se preferir".

Termo de Consentimento

Eu, Maitê Maus da Silva, li este termo de consentimento e decidi que vou participar do estudo acima descrito. Minha assinatura também indica que eu recebi uma cópia deste documento em língua portuguesa (de forma impressa) e estou ciente, caso eu deseje, poderei retirar meu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.

+	Maitê Maus da Silva	10/06/2015
Nome do informante	Assinatura do informante	Data da Assinatura
Nome do pesquisador	Assinatura do pesquisador	Data da Assinatura

### **Equipamentos para cabine de interpretação simultânea para Intérpretes de Libras/Português**

- Cabine com isolamento acústico, para eliminação de qualquer ruído ou movimentação.

- Central de interpretação (microfone, fones e receptores)

- Sistema de Radio frequência VHF ou Sistema Infravermelho para transmissão

Câmera filmadora para transmissão do palestrante

- Monitor 32'- ligado a câmera de transmissão do palestrante (ou ligada na mesa de corte, quanto tiver mais de 2 câmeras).

- Sistema de sonorização do auditório, ligado ao monitor de 32' na cabine.

#### **Alternativa para apoio dentro da cabine com uso de equipamento**

- Microfone de lapela ligado a um transmissor sem fio. (Apoio)

- Fone de ouvido ligado a um receptor de microfone sem fio. (Intérprete do turno).